

NÉLIO FERNANDO DA FONSÊCA AGUIAR E SILVA

**EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE E EVASÃO
ESCOLAR:**

Um estudo sobre o programa Senac de Gratuidade - Recife

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Eduarda Margarido Pires

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

**Lisboa
2017**

NÉLIO FERNANDO DA FONSÊCA AGUIAR E SILVA

EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE E EVASÃO

ESCOLAR:

Um estudo sobre o programa Senac de Gratuidade - Recife

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Ciências da Educação, na especialidade de Administração Escolar da Escola Superior de Educação Almeida Garrett em cumprimento das exigências para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Eduarda Margarido

Coorientadora: Prof.^a Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2017

NÉLIO FERNANDO DA FONSÊCA AGUIAR E SILVA

**EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE E EVASÃO
ESCOLAR:**

Um estudo sobre o programa Senac de Gratuidade – Recife

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação Almeida Garrett para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em _____.

Prof.^a Dr.^a Anabela Baptista da Silva – Presidente

Prof.^a Dr.^a Helena Pereira – Arguente

Prof.^a Doutora Maria Eduarda Margarido Pires - Orientadora

Prof.^a Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida - Coorientadora

Lisboa

2017

É no problema da educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade.

(Immanuel Kant).

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao Grande Arquiteto do Universo, fonte de luz e bênçãos recebidas na minha vida.

Nossa senhora de Fátima que guia meus caminhos nos momentos de dificuldades.

Aos meus pais, Nivaldo Miguel da Silva e Zelita da Fonsêca Aguiar e Silva (In memoriam), que me educaram a amar o próximo, superar com honestidade as dificuldades da vida e sempre emanaram amor e cuidados, acompanhando cada passo nesta estrada da vida.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos a minha mãe (*In memoriam*), que me incentivou em todos os meus projetos e desafios, me apoiando e acompanhando o desenvolvimento na transformação de sonhos em realidade.

A minha família, especialmente ao meu pai Nivaldo Miguel e minha avó Maria da Fonsêca Aguiar (*In memoriam*), que mesmo não estando comigo presente, está nos meus pensamentos sempre. Meu infinito agradecimento a Nilva da Fonsêca Cavalcanti por me incentivar e ser um grande exemplo para mim. Minha irmã Nivea Ramos da Silva e família pelo incentivo e por compreender minhas ausências. A Matheus Augusto Sales, sempre me dando coragem e por compreender minhas ausências. Ao meu irmão Niveson Ramos da Silva. Tias e primos, Maria José, Lidia Amorim, Rafael Fonsêca, Matheus Fonsêca, Daniela Fonsêca, Fernanda Fonsêca, Flavia Fonsêca e Joãozinho.

Aos meus sócios da Empresa Inovando Consultoria e Treinamento, meu agradecimento pelo incentivo e compreensão; Márcio Borba, Elaine Brasilino, Paulo Santos, Alessandro Clemente, Marcos Leite e Marcus Braz.

À Professora Doutora Maria Eduarda Margarido, orientadora dessa dissertação, por me dar as devidas orientações para a conclusão e apresentação desta pesquisa.

À Professora Doutora Maria das Graças Ataíde de Almeida, coorientadora desta dissertação, por sempre se fazer presente e paciente, me dando segurança e confiança, além de ser um grande exemplo, compromissada com a educação no mundo. Meu eterno agradecimento, consideração e carinho.

Ao Professor Mestre, o estatístico Alessandro Henrique da Silva Santos, por sua colaboração na análise dos dados quantitativos.

A todos os professores/as deste curso de mestrado pelos ensinamentos, convivência e troca de experiências e ao ESEAG pela oportunidade de realização.

Ao Adriano Moutinho, Francisco Carvalho, João Cruz, Artur Ferreira e Armênio Dias, que fazem a comunidade portuguesa em Recife e acreditam no fortalecimento e defesa da nossa língua portuguesa.

Aos amigos e profissionais que são fonte de inspiração; Fernanda Tavares, Penha Arruda, Cristiano Casseiro, Alexandre Barros, Sâmea Lacerda, Flavia Campos, Niara Santana, Soraia Botelho, Paulo Roberto de Arruda e Pe. Pedro Rubem, por contribuírem e compartilharem diversos momentos de aprendizado.

RESUMO

Silva, Nélio Fernando da Fonsêca Aguiar (2017). Lisboa, 110p. Dissertação (mestrado em ciências da educação). Educação Profissionalizante e Evasão Escolar: Um estudo sobre o Programa Senac de Gratuidade – Recife - Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação, ESEAG.

O presente estudo tem seu desenvolvimento na abordagem do processo da evasão nos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC/Recife. A evasão na educação profissionalizante no país implica refletir sobre aspectos que interfere na trajetória pessoa, familiar, social dos estudantes brasileiros e especificamente na cidade do Recife. O objetivo desta pesquisa é saber quais os motivos que levam os alunos a desistirem dos seus cursos, mesmo eles sendo gratuitos e qual o papel da motivação no combate à evasão escolar dos alunos da educação profissional. Este estudo é de grande relevância, pois, o debate sobre este tema é fundamental para identificar as causas e assim uma possível solução através de estratégias, mostrando ao aluno a importância da educação profissional na sua vida.

Palavras-chave: Evasão, Motivação, Educação Profissionalizante e Trabalho

ABSTRACT

Silva, Nélio Fernando da Fonsêca Aguiar (2017). Professional Education and School Evasion: a Study about the Gratuity SENAC Program. Lisbon, 110p. Dissertation (Master's Degree in Education Sciences). Recife. Post-graduation Program in Educational Sciences, ESEAG.

The present study has its development from the approach of the evasion process in the professional courses of the Gratuity SENAC Program (GSP) in Recife. The evasion in the professional education in Brazil implies to think of aspects that interfere in the personal life, family, and social trajectory of Brazilian students, specifically in the city of Recife. The purpose of this research is to know the reasons that lead students to give up their courses, even if they are free courses, as well as the role of motivation in combating school evasion in professional education students. This study is of great relevance because the debate on this topic is fundamental to identify the causes and, thus, a possible solution through strategies, showing to the students the importance of professional education for their lives.

Keywords: Evasion, Motivation, Professional Education and Work

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EJA	Educação de Jovens e Adultos
INEP	Instituto Nacional de Educação
PSG	Programa Senac de Gratuidade
RPAS	Regiões Político-Administrativas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
UEP	Unidade de Educação Profissional

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
Capítulo I. Evasão Escolar	6
Capítulo II. educação Profissional e Trabalho	22
Capítulo III. Motivação	31
3.1. Abordagens das teorias motivacionais e automotivacionais	33
Capítulo IV. Caminho Metodológico	38
4.1. Objetivos	39
4.1.1. Objetivo geral	39
4.1.2. Objetivos específicos.....	39
4.2. Hipóteses	39
4.3. Tipo da pesquisa	39
4.4. <i>Lócus</i> da pesquisa.....	40
4.4.1. Caracterização do Município de Recife/Pernambuco	40
4.5. Sujeitos da pesquisa.....	42
4.5.1. Critérios de inclusão e exclusão	43
4.6. Instrumentos da coleta	44
4.6.1. Pesquisa documental	44
4.6.1.1. Variáveis analisadas	45
4.6.2. Entrevista semiestruturada.....	47
4.7. Análise de Dados	49
4.7.1. Dados Quantitativos	49
4.7.2. Dados Qualitativos	49
Capítulo V. apresentação dos resultados e discussão	50
5.1. Resultados qualitativos	51
5.1.1. Formação Discursiva (FD): Sua identificação em relação aos alunos e alunas acerca do aluno evadido.	51
5.1.2. Formação Discursiva (FD): Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula.	53
5.1.3. Formação Discursiva (FD): Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos.....	54
5.2. Resultados quantitativos.....	57
Considerações Finais	63
Referências Bibliográficas	65

Legislação	68
Webgrafia.....	69
Apêndices	72
Apêndice I. Solicitação de autorização para análise documental e realização de entrevistas	73
Apêndice II. Questionário adaptado.....	75
Apêndice III. Guião de entrevista dos instrutores.....	77
Apêndice IV. Guião da entrevista da coordenação pedagógica	78
Apêndice V. Entrevista dos instrutores/professores – P1.....	79
Apêndice VI. Entrevista dos instrutores/professores – P2.....	83
Apêndice VII. Entrevista dos instrutores/professores – P3.....	86
Apêndice VIII. Entrevista dos instrutores/professores – P4.....	89
Apêndice IX. Entrevista dos instrutores/professores – P5.....	93
Apêndice X. Entrevista da coordenação pedagógica – C1	97

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Bloco de categorização dos sujeitos da pesquisa documental	43
Quadro 2. Categorização das variáveis utilizadas no presente estudo.....	46
Quadro 3. Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores do SENAC	48
Quadro 4. Descrição das categorias da entrevista aplicada a coordenadora do SENAC	48
Quadro 5. Fragmentos das respostas obtidas na entrevista semiestruturada sobre sua identificação com relação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido.	52
Quadro 6. Fragmentos das respostas obtidas na entrevista semiestruturada sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula.	53
Quadro 7. Fragmentos das respostas obtidas na entrevista semiestruturada sobre quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos.	54

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição dos casos de abandono dos cursos profissionalizantes do SENAC, 2012 a 2013.....	58
Tabela 2. Distribuição dos motivos para abandono do curso profissionalizante no SENAC, 2012 e 2013.....	60
Tabela 3. Distribuição da situação de abandono dos cursos profissionalizantes do SENAC, 2012 a 2013.....	61

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição dos casos de abandono segundo a situação do aluno, 2012 e 2013.	58
Gráfico 2. Distribuição dos casos de abandono segundo o turno do curso abandonado, 2012 e 2013.....	58
Gráfico 3. Distribuição dos casos de abandono segundo o sexo do aluno, 2012 e 2013. ...	59
Gráfico 4. Distribuição dos casos de abandono segundo o tipo do curso, 2012 e 2013.	59
Gráfico 5. Distribuição dos motivos para abandono do curso profissionalizante no SENAC, 2012 a 2013.....	60
Gráfico 6. Distribuição da situação do abandono segundo o turno do curso, 2012 a 2013.	61
Gráfico 7. Distribuição da situação do abandono segundo o sexo do aluno, 2012 a 2013. .	62

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. <i>Continuum</i> de Autodeterminação.	35
Figura 2. Pirâmide das Necessidades de Maslow.	36
Figura 3. Localização do município do Recife.	40

INTRODUÇÃO

O Presente estudo buscou analisar os motivos da evasão escolar no Programa Senac de Gratuidade, tendo em vista que, conhecendo os motivos da evasão a instituição poderá elaborar estratégias de intervenção na evasão escolar. É importante identificar quais cursos, turnos e horários, e qual público é mais vulnerável à evasão escolar. Embora tenham poucos estudos na literatura que tratem dos motivos da evasão escolar nos cursos profissionalizantes, estudos sobre a evasão escolar na educação superior, e na EJA - Educação de Jovens e Adultos auxiliam na explicação deste fenômeno.

A problemática dessa investigação gira em torno do processo da evasão nos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC/Recife, pelo registro do alto índice de evasão, na prática do ensino profissionalizante diante da acentuada transformação social brasileira.

Referente à evasão escolar na educação básica no Brasil, foram encontrados vários estudos, assim como, analisados alguns nesta pesquisa. A evasão na educação profissionalizante no país implica refletir sobre aspectos que interferem na trajetória pessoa, familiar, social dos estudantes brasileiros e especificamente na cidade do Recife capital pernambucana, localizada no litoral nordestino margeada pelo Oceano Atlântico, uma rota historicamente comercial, estratégica entre os continentes americano, africano e europeu.

Embora as taxas de escolarização tenham subido após a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, e, atingido valores bastante significativos para a população em idade escolar nos últimos 17 anos, as taxas de evasão continuam elevadas na educação profissionalizante. A massificação do ensino profissionalizante, a partir de 2003, não resultou, na prática, na efetivação do sucesso de todos os alunos para essa modalidade de ensino, como também, nem tão pouco garantiu que alunos não evadissem.

No Brasil, o histórico da educação profissionalizante teve início ainda no período colonial, primeiro com os índios nas missões das ordens religiosas como os Jesuítas. Nas capitânicas hereditárias (apenas duas prosperaram: São Vicente atual cidade de São Paulo; Pernambuco) fruto do cultivo da cana de açúcar, as técnicas de cultivo, processamento da cana, até virar açúcar bruto, eram passadas de pais para filhos (Ribeiro, 1993).

Os Jesuítas liderados pelo padre Manuel da Nóbrega tinham como objetivos o ensinamento dos estudos elementares (português, doutrina cristã e alfabetização) e posteriormente conforme aptidões e dotes intelectuais relevados durante o ensino elementar o aluno poderia ter a opção de escolher entre o ensino profissionalizante e o ensino médio. Aos que se destacassem nos estudos da gramática latina previa-se estudar nos colégios de

Coimbra ou da Espanha (Neto & Maciel, 2008). Assim como, todo o processo profissional do engenheiro, não apenas representado pelo uso da mão de obra escrava (Fonseca, 1961).

Para atender a uma grande demanda de profissionais em atividade e com pouca disponibilidade de tempo para a formação nas grandes fábricas têxteis no próprio ambiente de trabalho, no século XX, as instituições realizavam os cursos e os melhores estudantes ficavam empregados. O exemplo, a fábrica de Carlos Menezes localizada no município de Camaragibe/PE/BR, que convidou os Irmãos Maristas para também contribuírem com a educação nas diretrizes sanitárias e religiosas dos funcionários e moradores da Vila da Fábrica. Apenas no ano de 1909 se deu início no Brasil a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, fazendo 100 anos em 23 de setembro de 2009. A constituição Federal de 1937 trata pela primeira vez do ensino técnico e profissional e transforma as escolas de aprendizes artífices em liceus industriais.

Paralelo aos avanços governamentais de industrializar o Brasil. O SENAC foi criado em 10 de janeiro de 1946 pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, por meio do Decreto-lei 8.621. A partir do ano seguinte, o SENAC passou a desenvolver um trabalho até então inovador no país: oferecer, em larga escala, educação profissional destinada à formação e à preparação de trabalhadores para o comércio. Na mesma data de sua criação foi promulgado o Decreto-lei 8.622, que dispõe sobre a atuação da instituição na aprendizagem comercial até os dias atuais onde nesta pesquisa procuramos identificar as principais causas e possível solução por meio da motivação para a evasão escolar.

É importante saber sobre a história da educação profissional no SENAC, porém a problemática dessa investigação gira em torno do processo da evasão no curso de vendedor, uma vez que identificamos um alto índice de evasão.

Observamos que na prática do ensino profissional vem acompanhando uma acentuada transformação social no Brasil. Instrutores e coordenação cada vez mais preparados e com experiências de mercado, e assim abordaremos os motivos da evasão dos alunos na educação profissional, como a consciência da importante função do aluno com a realidade e com a sociedade tanto nos sentidos da exclusão e a desigualdade como causa. Freire (1979) nos aponta a correlação com o compromisso do homem com a sociedade:

“(...) nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. [...] Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre a situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais ‘emergirá’ dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais” (Freire, 1979, p. 61).

Supõe-se que os instrutores, gestores e coordenadores do SENAC investem a atenção aos meios sociais como: locomoção, horários ofertados, protocolos, investimentos em recursos tecnológicos, gestão participativa, capacitação de professores e tutores entre outros, mas no requisito “escola” tem se avançado muito pouco em pesquisas científicas, e principalmente na prática do ensino profissional no SENAC- PE objetivando inibir a evasão.

Sabe-se que o objetivo dos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife é formar profissionais para ingressar no mercado de trabalho, com qualificação, orientações de cidadania, ética e temáticas voltadas para a área prática, assim a investigação para solucionar problemas, por meio de inquéritos e pesquisas em busca de resultados para se obter um diagnóstico que se aproxime mais que possível da realidade e suas causas.

Os alunos dos cursos profissionalizantes se deparam com situações e problemas idênticas aos de seus contextos da vida, no entanto, as suas consequências não são tão graves e vinculativas. Na vida, não é possível corrigir ou delir uma atitude tomada, enquanto na escola uma composição mal escrita não é motivo para o “desprendimento” do aluno resultando na evasão.

A pertinência desta investigação é indiscutível, o estudo e debate sobre este tema é fundamental para identificar as causas e assim uma possível solução por meio de estratégias, propondo ao aluno sua importância na permanência na educação profissional e mais tarde no mercado de trabalho que atualmente já se encontra escasso de mão de obra qualificada em um país que já ocupa posição na economia conforme classificação do Banco Mundial.

Neste sentido, a questão de partida se volta para saber quais os motivos que levam os alunos a desistirem dos seus cursos, mesmo eles sendo gratuitos e qual o papel da motivação no combate à evasão escolar dos alunos da educação profissional? Utilizaremos como teorias de análise: Evasão Escolar; Educação Profissional e Educação e trabalho.

Ao definir na pesquisa a categoria educação e trabalho, bebemos na fonte de alguns autores (Fonseca, 1961; Kuenzer, 1985; Garcia, 2000; Fleury & Fleury, 2001;

Manfredi, 2002; Ferreira & Garcia, 2010; Oliveira, 2011) que tratam da temática educação profissionalizante.

A partir da documentação do SENAC-Recife objetiva-se encontrar caminhos que tentem responder questões da evasão em pesquisa documental dos relatórios de desistências preenchidos pelos próprios alunos dos últimos dois anos, analisando e propondo uma estratégia para prevenir e combater a evasão escolar na educação profissionalizante.

No contexto político democrático brasileiro podemos aprofundar algumas das questões que analisamos neste trabalho, assim como compreendemos a complexidade do tema, por avaliar os avanços ou retrocessos dos modelos e estratégias para diminuir a evasão na educação profissional.

Algumas indagações permeiam esta investigação: Qual o perfil social, etário e escolar dos evadidos na educação profissional? Quais são as características da evasão escolar? Como o SENAC-Recife vem atuando em relação à evasão escolar nos cursos? Qual o papel do relatório que o aluno preenche ao desistir do curso? Uma vez que este relato representa a resposta do próprio protagonista, o aluno, em relato do motivo do abandono.

A pesquisa documental e a análise estatística direcionam a construção de novas ferramentas para o combate da evasão na educação profissional. As âncoras onde a pesquisa incidiu são compostas através de dissertações e teses consultadas, destas destacamos:

As dissertações e teses que mais nos auxiliaram na organização e aprendizagem no decorrer desta pesquisa de mestrado. As dissertações de Coelho (2014), “Permanência e abandono escolar na educação profissional”, referente à considerações e características específicas da evasão na educação profissionalizante, relevante explanação dos possíveis motivos e causas. Leal (2016), “Evasão na Educação Profissional”, contribuiu com abordagens, características na educação profissionalizante e suas especificidades dos alunos frente a evasão, na relação desafiadora da educação e trabalho. Steimbach (2012), “Juventude, escola e trabalho contemplando a relação do jovem e desafios em sua jornada na relação escolar e do trabalho, com os teóricos dessa área e as fases do desenvolvimento profissional. Correia (2016), “A certeza da incerteza”, em sua pesquisa abordando o cotidiano na ótica motivação. A tese de doutorado de Job (2003) “Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações”. Que analisa o trabalho como desafio humano e avalia as implicações do cenário contemporâneo e seus fatores motivacionais. E por fim temos a tese de doutorado de Detregiachi (2012), “A evasão escolar na educação tecnológica”, em que o autor comenta sobre as relações das percepções subjetivas e

objetivas, abordando questões interpessoais e do ambiente escolar frente ao desafio da evasão.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos e uma conclusão final.

O primeiro capítulo buscou discorrer acerca da Evasão Escolar, abordando todas as particularidades acerca desta temática. O segundo capítulo Educação Profissional e Trabalho, explanará sobre os aspectos do ingresso no mercado de trabalho, índices de desemprego, falta de qualificação profissional.

O terceiro capítulo abordou a motivação e seu papel para os alunos integrantes dos cursos do programa Senac de gratuidade.

O quarto capítulo compreende o caminho metodológico e disserta sobre os aspectos gerais da pesquisa, como tipo de estudo, local de estudo, instrumento de coleta de dados, método de análise dos dados.

No quinto capítulo apresentamos os resultados e discussão dos dados coletados em confronto com os objetivos da pesquisa e o aporte dos teóricos estudados.

E por fim a conclusão com as indagações construídas ao longo da pesquisa realizada e com o somatório dos resultados encontrados e análises construídas.

CAPÍTULO I. EVASÃO ESCOLAR

Para Steimbach (2012, p. 88) a evasão escolar é um "ato solitário do sujeito, enquanto abandono dá uma noção ambígua de que a razão motivadora por tal ato poder ser do sujeito, assim como também, o sujeito poder ter sido "abandonado" pela instituição.

"A evasão escolar tem sido associada a situações muito diversas. Pode se referir à retenção e repetência do aluno na escola; à saída do aluno da instituição; à saída do aluno do sistema de ensino; à não conclusão de um determinado nível de ensino; ao abandono da escola e posterior retorno. Abrange indivíduos que nunca ingressaram em um determinado nível de ensino, especialmente na educação compulsória, bem como o estudante que conclui uma etapa do ensino, mas se comporta como um *dropout*" (Lüscher & Dore, 2011, p.150).

Para o INEP (1998), a evasão significa que o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema, o abandono se refere quando o aluno se afasta do Sistema de Ensino, desiste das atividades escolares que frequentava, sem solicitar transferência, e desistência. Supõe o afastamento do estabelecimento de ensino, não atendimento às exigências de aproveitamento e de assiduidade e não solicitação de transferência para outro estabelecimento.

"Existem três plataformas de evasão: a microevasão (evasão do curso), a mesoevasão (evasão da instituição) e a macroevasão (evasão do sistema). A microevasão é quando o aluno se desliga do seu curso, e ingressa em outro da mesma instituição, assim gerando um déficit apenas ao curso. Mesoevasão é a perda definitiva do vínculo com a instituição, gerando um déficit para o curso e para a instituição de ensino. E macroevasão consiste na saída ou abandono dos estudos, ou seja, o desligamento total com o sistema superior de ensino. A primeira evasão pode trazer um déficit para o curso, mas um ganho para o aluno, assim evitando a segunda evasão. A segunda, porém, é um ganho para o aluno e um déficit para a instituição e curso, assim podendo evitar a terceira. A terceira é ruim para todos, pois o aluno, ao abandonar seus estudos, gerou um custo econômico, acadêmico e social. Estudar evasão se torna essencial para manutenção do Estado, analisando onde os recursos educacionais não estão sendo bem empregados" (Colvero & Jovino, 2014, p. 78).

Para Hatanaka (2016), a evasão escolar é um instrumento de exclusão, de submissão e de estigma estreitamente relacionada a reprovação e retenção escolar. Pezzi & Marin (2016, p. 220) salientam que a exclusão operada no sistema educacional se apresenta de duas formas: "a exclusão da escola e a exclusão na escola. Enquanto a primeira se refere ao não acesso à escola, bem como à evasão escolar, a segunda trata de uma exclusão operada dentro do sistema educacional, através do mecanismo da reprovação". Diante disso, a exclusão é justificada pela inabilidade do aluno em aprender e/ou se adaptar a cultura escolar.

“A exclusão é explicada em termos de falta de habilidades, capacidades, mau desempenho, etc., colocando-se o sistema educacional como árbitro neutro. [...] A própria escola canaliza e aloca os indivíduos que a percorrem ou deixa de percorrer em suas respectivas classes, facilitando-lhes a justificação desse fato, através de sistemas de pensamento que ela mesma transmite. [...] A escola cumpre, simultaneamente, sua função de reprodução cultural e social, ou seja, reproduz as relações sociais de produção da sociedade capitalista” (Freitag, 2005, p. 26).

Para a realização da missão de reprodução cultural a escola usa de vários instrumentos e ferramentas, uma das delas é a avaliação, arbitra quais alunos devem prosseguir nos estudos. Assim, Pedralli & Rizzatti (2013) defendem que a evasão escolar:

“(...) não é reflexo da incapacidade de automotivação ou da ineficiência da tentativa de motivação de outrem para a permanência do aluno no espaço escolar, tampouco é causal a falta de esforço por parte dos educandos; tendemos a crer no movimento contrário: a evasão é consequência desse processo, o reflexo de uma realidade vivida por essas pessoas nos ambientes de escolarização.” (Pedralli & Rizzatti, 2013, p. 02).

Desse modo, a reprovação é o resultado dessa arbitragem e a evasão é uma resposta do aluno a esse processo, conforme defende Jacomini:

“(...) a reprovação, tida [...] como uma “nova chance de aprendizagem” para o aluno, transformou-se num instrumento de exclusão de uma parcela das crianças e dos adolescentes que têm acesso à escola. [...] A ameaça da reprovação passou a ser o principal instrumento de pressão para garantir disciplina, realização de tarefas e estudos, principalmente em épocas de provas” (Jacomini, 2009 p. 566).

A reprovação compromete a autoestima dos alunos e produz a descrença em suas capacidades de aprender por parte de professores, pais, levando ao fenômeno da evasão escolar. Diante da complexidade do fenômeno da evasão escolar, Lüscher & Dore (2011) defendem a tese que a evasão escolar dos alunos é motivada pelo conjunto de fatores isolados ou em grupo.

“A evasão é resultado de um processo complexo, no qual intervêm variáveis individuais, institucionais e sociais que devem ser compreendidas nas suas particularidades e nas suas inter-relações. Nesse sentido, a pesquisa sobre causas de abandono/evasão escolar deve incluir, necessariamente, além das motivações individuais, os fatores associados à esfera de competência e de atuação da instituição escolar como, por exemplo, as áreas tecnológicas em que os cursos são ofertados, as práticas pedagógicas, a programação das disciplinas, os programas de estágio e de outras práticas profissionais, os processos de avaliação, a formação docente, entre outros aspectos” (Lüscher & Dore, 2011, p.170).

Segundo, Diniz & Quaresma (2016), a evasão escolar é influenciada por vários fatores: fatores extraescolares relacionados aos fatores intraescolares. Os fatores são agrupados em: 1 - pessoal; 2 - familiar; 3 - social; 4 - escolar. "Cada um desses fatores

desdobra-se em muitos outros e, no seu conjunto, compõem o quadro escolar que pode favorecer a evasão ou a permanência do estudante" (Lüscher & Dore, 2011, p.152):

1) Fatores relacionados na perspectiva individual:

"a) Na perspectiva do indivíduo, o background¹ familiar (nível educacional dos pais, renda familiar e estrutura da família) é, reconhecidamente, o mais importante fator isolado para o sucesso ou para o fracasso do estudante, em algum ponto do seu percurso escolar. b) [...] no âmbito individual, encontram-se os valores, os comportamentos e as atitudes que promovem um maior ou menor engajamento (ou pertencimento) do estudante na vida escolar. Ainda que existam diferentes teorias sobre a evasão, a maior parte delas afirma a existência de dois tipos principais de engajamento escolar: o engajamento acadêmico ou de aprendizagem e o engajamento social" (Lüscher & Dore, 2011, pp.151-152).

Nessa perspectiva, os fatores individuais são os mais desafiadores para os docentes, conseqüentemente para a educação. A educação se depara com uma nova realidade: os 'novos alunos': "aqueles que não querem aprender, por aqueles que trazem novas realidades sociais e culturais para dentro da escola" (Nóvoa, 2004, p. 04).

2) Fatores relacionados à família:

"Refere-se ao capital social, conceituado como a qualidade das relações que os pais mantêm com seus filhos, com outras famílias e com a própria escola" (Lüscher & Dore, 2011, p.152).

3) Fatores sociais relacionados a evasão escolar:

"a) Convivência do estudante com os colegas, com os professores e com os demais membros da comunidade escolar. A forma como o estudante se relaciona com essas duas dimensões da vida escolar interfere de modo decisivo sobre a sua deliberação de se evadir ou de permanecer na escola. b) [...] a comunidade e os grupos de amigos também têm grande influência sobre os processos de evasão" (Lüscher & Dore, 2011, p.152).

4) Fatores escolares relacionados a evasão escolar:

"Na perspectiva institucional, entre os fatores relacionados à evasão ou à permanência do estudante na escola, distinguem-se a composição do corpo discente, os recursos escolares, as características estruturais da escola, bem como os processos e as práticas escolares e pedagógicas" (Lüscher & Dore, 2011, p.152).

Pinheiro & Fonseca (2013), consideram os fatores escolares como os principais motivos da evasão escolar no país. De modo que, Lüscher & Dore 2011, apud Colvero & Jovino 2014), enumeraram seis características motivadoras da evasão escolar:

¹ Background conjunto das condições, circunstâncias ou antecedentes de uma situação, acontecimento ou fenômeno.

1 - Aspectos estruturais (localização da residência, transporte, estágio):

“Outros são afetados com o problema da moradia, tendo que arcar com o alto preço dos alugueis ou das passagens, sem falar no tempo despendido por aqueles que moram longe da escola. [...] O problema da moradia, tendo que arcar com o alto preço dos alugueis ou das passagens, sem falar no tempo despendido por aqueles que moram longe da escola. [...] A dificuldade com transporte, moradia e alimentação configura outro fator importante para a saída do aluno, pois o mesmo acaba medindo se é vantajoso tamanho esforço no momento com a carreira que decidirá seguir; se não parecer satisfatório o resultado, o enfrentamento dessas dificuldades leva o aluno à evasão” (Lüscher & Dore, 2011, p.80).

2 - Econômicos (horário de trabalho, desemprego, problemas financeiros):

“A falta de recursos monetários para pagar uma instituição [...] obriga muitos estudantes a buscarem um trabalho remunerado concomitantemente aos estudos, o que torna dificultoso o desempenho acadêmico dos mesmos, pois dividir a jornada de trabalho com a da instituição é algo cansativo, o desgaste físico atrapalha no rendimento acadêmico do aluno. [...] Muitos alunos tem que dividir seu tempo entre a faculdade e o trabalho, e são vencidos pelo cansaço, optando pelo dinheiro necessário à sobrevivência” (Lüscher & Dore, 2011, p.80).

3 - Culturais (influência das crenças e hábitos):

“Falta de aquisição de “capital cultural” ao longo da trajetória de sua vida e de seus estudos, o que não se obtém de um momento para o outro. Essa desigualdade cultural é sentida desde a educação básica, quando a maioria dos alunos inicia seus estudos em desvantagem a outros, em virtude da ausência de oportunidades que tiveram em relação ao acesso a conhecimentos diversos, desde a mais tenra idade” (Lüscher & Dore, 2011, p.80).

4 - Sociais (problemas de relacionamento):

“A decisão de evadir (ou não) está ligada às atitudes do estudante, sua adaptação e também a fatores externos, como aprovação da família, encorajamento dos amigos, qualidade da instituição, situação financeira e oportunidade de transferir-se para outra instituição” (Silva, 2016, p. 11).

5 - Conjunturais (saúde, não gostar do curso, não adaptação):

“Muitos alunos têm que dividir seu tempo entre a faculdade e o trabalho, e são vencidos pelo cansaço, optando pelo dinheiro necessário à sobrevivência. A escolha equivocada do curso, a falta de conhecimento sobre a área também é fundamental para saída indesejada do aluno perante a instituição; com isso, o aluno pode trocar de curso, o que, como mencionado neste trabalho, pode ser ruim para o curso de origem, mas não para instituição nem para o aluno. [...] A má vontade com que professores ministram suas aulas – deve-se considerar, neste caso, que há fatores que explicam esse problema entre os docentes (altas horas de trabalho, salário, conciliação entre dois ou mais trabalhos, conciliação entre outros cursos superiores para elevação de cargo), devem ser estudados para o combate da evasão” (Lüscher & Dore, 2011, p.80).

6 - Educacionais (despreparo dos alunos):

“O processo educacional. O aluno está acostumado a um processo bem diferente do adotado na universidade. O aprendizado adquirido anteriormente consiste em memorização, o que não contribui para a formação de um espírito investigador. [...] Assim, o aluno sofre um impacto na forma como as disciplinas são ministradas, podendo perder o interesse pelo curso. [...] Dificuldade de assimilação de conteúdo, decorrente de deficiências na aprendizagem antes da entrada na IES” (Colvero & Jovino, 2014, p.79-80).

A escolar pode se tornar "inacessível e segregacionista, em razão do mal-estar dos professores e da direção, que geralmente consideram esses jovens os únicos responsáveis pelo seu fracasso na escola, seja pela via da expulsão, da evasão ou da repetência" (Moreira et al., 2015, p. 61). Barbosa et al. (2016, p. 16) colocam a "dificuldade de aprendizagem como causa principal para evasão, tendo em vista que, o desempenho acadêmico insatisfatório [...] reflete (no) resultado da insuficiência de tempo para se dedicar aos estudos.

Desse modo, "por não saberem lidar com esses alunos, os educadores lançam mão de estratégias excludentes" (Moreira et al., 2015, p. 61). Diniz & Quaresma (2016) apontam que os fatores escolares e os fatores pessoais dos alunos são determinantes para surgimento da evasão escolar.

“O excesso de regras burocráticas culmina na sua evasão. [...] a sala de aula parece uma prisão e a rotina escolar é chata, monótona, desinteressante e cansativa. [...] a falta de significado e motivação pela escola influenciam significativamente na evasão” (Diniz & Quaresma, 2016, p.127).

Dentre os fatores escolares da evasão escolar, Pinheiro & Fonseca (2013) destacam a reprovação como o principal motivo. Nessas circunstâncias, a reprovação é uma estratégia behaviorista de punir os alunos com objetivo do alcance da disciplina e da ordem, que resulta na evasão escolar. A avaliação é o mecanismo de punição que resulta na evasão escolar.

“Uma nota baixa e as inúmeras implicações dessa nota, podem levar os alunos à reprovação e retenção, o que de fato o exclui, à medida que se forma um grupo contido por alunos irregulares, visto que os regulares são os que obtiveram a média satisfatória e pertencem ao outro grupo, que é um grupo maior. Os alunos marginalizados pelo sistema podem sentir-se deslocados, não membros do grupo escolar, incapazes, inferiores aos outros, etc. Assim, em meio a tanta pressão epistemológica e psicológica, esses alunos podem optar por simplesmente abandonar a escola” (Pinheiro & Fonseca, 2013, p. 02).

Vasconcellos (2004); Pinheiro & Fonseca (2013), destacam que a reprovação é provocada pela punição inserida no processo avaliativo do aluno, tendo como consequência a evasão escolar. O processo de avaliação seletiva, a reprovação e repetência são toleradas e defendidas pelos pais e professores. Para Jacomini (2009, p. 365), "alguns professores ou pais afirmam que refazer uma série pode propiciar melhor aprendizagem para a continuidade nos estudos".

Esse modelo está direcionado para punir os "novos alunos" (Nóvoa, 2004, p. 04) com a finalidade de reprová-los, no sentido de adaptá-los as normas e regras da Instituição escolar, a gestão, ao currículo escolar e a didática do professor. Aos que não conseguem se adaptar, a evasão escolar (exclusão), também é usada pelo aluno para punir em primeiramente o professor, a gestão e a instituição escolar.

A evasão escolar exclui os alunos marginalizados que não querem, ou não conseguem não se adequou a cultura escolar, ao currículo, a gestão e aos funcionários (professores, coordenadores, vigilantes etc.). Esse processo é usado sob a perspectiva de avaliação pautada na classificação, a reprovação, ou, a trajetória recente aprovação do aluno sem aprendizagem (Vasconcellos, 2004).

“Através da reprovação (seguida de evasão), ou da sua trajetória mais recente de aprovação sem aprendizagem. Temos ciência de que esta exclusão no interior da escola não se dá apenas pela avaliação e sim pelo currículo como um todo (objetivos, conteúdos, metodologias, formas de relacionamento, etc.). No entanto, além do seu papel específico na exclusão, a avaliação classificatória acaba influenciando todas estas outras práticas escolares” (Vasconcellos, 2004, p. 03).

Nessa perspectiva, o currículo escolar é aplicado implícito e explicitamente na escola, tendo o processo avaliativo como meio de sua manutenção. Por essa análise, os alunos desadaptados do modelo escolar sentem-se "motivados e/ou forçados" a evadir-se, carregando culpa de desinteressados ou que são incapazes de aprender. Seus pais aceitam a justificativa dos agentes escolares que seus filhos evadem porque não dão importância a escola e ao aprendizado, ou seja, a comunidade escolar atribui toda a responsabilidade da evasão aos alunos (Vasconcellos, 2004; Pinheiro & Fonseca, 2013).

Pinheiro & Fonseca (2013) exorta a comunidade escolar, a intervir no processo de repetência pelos danos (pessoais, sociais, políticos, culturais) que ela causa aos alunos e aos danos (políticos, sociais e econômicos) a gestão escolar.

“A repetência [...] pode causar nos alunos [...] desmotivação, perda de autoestima, descrença em uma aprendizagem significativa, exclusão seguidos da evasão escolar. Por outro lado, a repetência afeta também administrativamente o contexto escolar, visto que as salas ficam mais cheias e se mantêm os custos referentes aos alunos que por reprovação continuaram na escola” (Pinheiro & Fonseca, 2013, p.05).

O processo avaliativo educacional brasileiro segue o modelo behaviorista de punição no sentido de diminuir a frequência de comportamentos que não correspondem aos moldes de ensino e de aprendizagem do professor. Os agentes educacionais, em grande maioria, não se deram conta que "a [...] evasão escolar no Brasil torna seu custo, do ponto de vista prático, muito mais elevado que o das edições comerciais existentes no mercado" (Hallewell, 2005, p. 560).

Para Pinheiro & Fonseca (2013), os alunos que brincam durante as aulas, distraídos e, desatendo nas explicações, geralmente são punidos pelos professores, coordenadores e gestores escolares através do processo avaliativos (testes e provas surpresas e/ou mais difíceis, advertências e ameaças).

“Avaliação escolar é em sua transformação um mecanismo disciplinador de condutas sociais. É uma prática comum, [...], utilizar o expediente de ameaçar os alunos com o poder e o veredicto da avaliação, caso a “ordem social” da escola ou das salas de aula seja infringida. Uma atitude de “indisciplina”, [...] é imediatamente castigada com um teste relâmpago, que poderá reduzir as possibilidades de aprovação de um aluno; ou às vezes, os alunos são advertidos, que se vierem ferir a ordem social da escola poderão sofrer consequências nos resultados da avaliação, a partir de testes mais difíceis e outras coisas mais” (Araújo, 2009, p.15-16).

Na maioria dos casos, "a reprovação torna-se recorrente" (Jacomini, 2009, p. 365). Com isso, são recorrentes os elevados índices de evasão escolar. Contudo, a avaliação está articulada a reprovação e, desconsidera o processo de ensino-aprendizagem e os fatores externos dos alunos.

“Ainda hoje o poder de aprovar ou reprovar o aluno agrada o professor que faz disso sua prática diária. Ouvimos dizer que em tal escola o ensino é muito 'puxado', poucos alunos conseguem aprovação, como se isto fosse normal. Estas atitudes ignoram a complexidade de fatores que envolvem o ensino. Ao fixarem critérios unilaterais, o professor avalia os alunos pelo seu mérito individual, pela sua capacidade de se ajustar aos seus objetivos, ignorando fatores externos e internos que interferem no rendimento escolar. Pedagogicamente a atenção é centrada nos exames, o que não auxilia na aprendizagem. Psicologicamente, é útil para desenvolver personalidades submissas. Usa a recompensa aos bons alunos, como pontos extras, e pune aos desinteressados indisciplinados como arma de intimidação, tirando pontos. Aplicam provas quando a turma está indisciplinada para mostrar poder e vingar-se. Sociologicamente esta forma de avaliar é útil para os processos de seletividade social. Se os procedimentos de avaliação estivessem articulados ao processo de ensino-aprendizagem não haveria possibilidade de dispor-se deles como se bem entende. Estariam ligados a procedimentos de ensino e não conduziriam ao arbítrio. Neste caso, a avaliação está mais articulada à reprovação do que com a aprovação auxiliando a seletividade social, que já existe independente dela. Esta prática, aparentemente ingênua e inconsciente, hoje se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como mecanismo de conservação e

reprodução da sociedade. A avaliação classificatória não auxilia em nada o crescimento e o avanço do aluno” (Araújo, 2009, p. 20).

Desse modo, a educação é o meio de reprodução da cultura dominante e conservação dos grupos dominantes. A avaliação nesse caso, é a unicidade dessa cultura. A escola tem como papel preparar e formar os atores sociais para atuarem em todos os contextos, entre eles o mercado de trabalho. É importante atuar em todos os processos causadores da evasão, principalmente na reprovação e retenção escolar. Conforme aponta a escola também, reproduz as desigualdades sociais (Bourdieu, 1992) através do sistema de avaliação.

“A retenção torna-se um problema, pois o mercado de trabalho necessita de pessoas já formadas. [...] Acelerar ou forçar uma promoção escolar, não é a solução desse problema. [...] Mesmo que o aluno não tenha alcançado o mínimo de aprendizado desejado pela escola, ou a média para prosseguir, dada uma oportunidade de melhora ao aluno, é possível que o mesmo consiga êxito, mediante a muita dedicação. [...] reprovar o aluno, avaliando-o como incapaz, sem dar-lhe uma oportunidade de superação, pode fazer com que perca o interesse pela escola a ponto de abandoná-la” (Pinheiro & Fonseca, 2013, p. 05).

Esse modelo tem como impactos ao aluno, a reprovação, retenção escolar, a evasão (a exclusão); é comunidade escolar que surge a violência, o desemprego, que os estudantes fazem uso de álcool e outras drogas. "Além de ser prejudicial ao aluno a repetência no Brasil tem também um alto custo para o governo" (Araújo, 2009, p. 22). Porém, esse modelo é defendido como uma política social necessária.

“O modelo de avaliação escolar [...] no país não apenas reprova, mas faz um número significativo de crianças em idade própria não querer estudar, porque não reconhece na escola espaço para desenvolver sua capacidade de aprendizagem. Conhecer esta realidade deve ser o ponto de partida para adequar a prática pedagógica ao aluno nela inserido, e não como vem sendo feito, usar este conhecimento como motivo para eximir a escola de seu papel na produção do fracasso escolar” (Araújo, 2009, p. 23).

Nessa perspectiva, a reprovação estigmatiza os alunos, compromete sua autoestima, e produziu "certa descrença em suas capacidades de aprender por parte de professores, pais e até mesmo dos próprios alunos" (Jacomini, 2009, p. 565). Para Pezzi & Marin (2016), a evasão escolar é operada pelo sistema educacional como mecanismos de exclusão, incorporadas no currículo escolar e legalmente aceito pela comunidade escolar, formando pessoas cuja as atitudes mantêm as estruturas das desigualdades. Como mecanismos de "submissão dos alunos a uma organização escolar" (Jacomini, 2009, p. 566).

No olhar de Patto (1999), a evasão na educação profissional, não é apenas um ato de escolha, trata-se de um fenômeno recente de auto rebelia, se considerarmos toda a sua dimensão e história da submissão humana e seus mais variados contextos.

“Ao abandonar a escola, o jovem reduz suas oportunidades de melhor inserção e participação na sociedade, seja em relação às atividades profissionais, no crescimento pessoal ou até mesmo cobrando para que seus direitos sejam resguardados. [...] Perde o direito de exercer a cidadania plena, reduzindo e/ou restringindo suas possibilidades futuras. [...] É que a evasão coloca o jovem em situação de vulnerabilidade social, sujeito à marginalidade, violências diversas e comportamento de risco” (Diniz & Quaresma, 2016, p. 124).

Assim, a evasão empobrece e marginaliza. Diante disso, a escola tem como desafio quebrar o ciclo da exclusão. Conforme aponta Jacomini (2009, p. 566), a "escolar é incapaz ou impossibilitada de cumprir sua tarefa: educar as novas gerações, comprometendo o desenvolvimento moral e intelectual dos alunos". A evasão escolar também, é decorrente do modelo didático, cultural e dos relacionamentos estabelecido entre professor aluno no contexto escolar.

“Muitas vezes, o professor esquece que seu trabalho é feito para o aluno e se prende a conteúdos e atividades repetitivas transformando a sala de aula em local de tortura. A partir do momento em que o professor sabe quem é seu aluno, ele passa a utilizar a realidade do mesmo para se aproximar dele buscando alternativas que despertem a vontade de permanecer na escola, descobrindo aplicação na sua vida prática daquilo que a escola oferece” (Araújo, 2009, p. 23).

Segundo Xiberras (1996), as considerações da exclusão assim como o fenômeno social, de realidade incontestável na história das civilizações, presentes nas escolas, famílias, a nível político e no mercado de trabalho, pode ser encontrada nos cursos profissionalizantes, assim como formas motivadoras e de inclusão podem alterar completamente as antigas estruturas.

A maioria dos jovens em escolher fazer um curso profissionalizante, tem como motivo o ingresso no mercado de trabalho, logo quando surge uma vaga ou oportunidade de emprego o mesmo abandona o curso, sendo essa uma possível causa da evasão nos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife.

“A evasão escolar [...] reflete as profundas desigualdades sociais existentes em nosso país e se constitui como um problema social. [...] uma parcela jovem da população que está excluída dos bens culturais da sociedade. [...] Encontra-se fora do mercado de trabalho, por não atender às exigências da sociedade hodierna, cada vez mais integrada à globalização e aos ditames do projeto neoliberal no que diz respeito à qualificação da mão-de-obra” (Batista; Souza & Oliveira, 2009, p. 06).

A evasão também é resultante da falta de motivação dos alunos para continuarem estudando, ou seja, é uma fotografia da "crise econômica ou do declínio da utilidade social dos diplomas e uma crise de legitimidade da escolar" (Krawczyk, 2011, p. 756). As crises econômicas, políticas e sociais geram a desigualdade e, atinge, sobretudo, os mais pobres. Em decorrência disso, as barreiras que mantêm os estigmas que fortalece o sentimento pessimista, mal-estar, insatisfação, descrença, desesperança, assim os estigmas:

“[...] além de ser uma barreira social também é uma barreira para a consolidação de saberes, pois é preciso se sentir bem na escola e se a escola não inclui, se eu não me sinto pertencente a essa escola, poderá ocorrer a problemática da evasão escolar” (Cavalcante, 2014, p. 30).

O sucesso do professor depende da “colaboração [aluno e professor atuam com igualdade e de ajuda mútua, com um envolvimento e negociação cuidadoso, comunicação efetiva para tomada de decisões diante da construção da aprendizagem (Boavida & Ponte, 2002) e cooperação [realizar um trabalho bem definido de acordo com o currículo com respeito a hierarquia e os papéis desenvolvidos entre o professor e aluno, no sentido de alcançar os objetivos - aprendizagem (Boavida & Ponte, 2002) do aluno. "Ninguém ensina quem não quer aprender, contudo, a presença do aluno na escola não ser produto de um ato de vontade, mas sim de uma imposição social e familiar" (Nóvoa, 2001, p. 20).

No Brasil, a educação é obrigatória para pessoas com idade 06 a 18 anos. Sendo dever dos pais e do poder público zelar pela frequência e permanência da criança e do adolescente na escola conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente Lei n.º 8.069/90 (Brasil, 1990). Quanto aos estudantes com idades acima dos 18 possui condições de continuar ou não continuar na escolar.

Diante disso, o estudante ao optar entre continuar com os estudos ou com o emprego, diante das dificuldades financeiras de sua família, busca por melhores condições de vida, seu próprio sustendo, muitas vezes, é responsável pelo sustendo de suas famílias. Santos (2005) defende que a evasão escolar está relacionada à fragilidade do acesso à universidade, enquanto projeto de vida para indivíduos. Como também, o desemprego de grupos sociais desfavorecidos que se torna uma temática de conflito que é um grande causador da exclusão:

“A temática do conflito permite, [...] explicar o ponto de partida de um processo de exclusão que começa por uma derrota dos futuros excluídos que serão, pouco a pouco, rejeitados pela sua não conformidade com o modelo dos vencedores. O fenômeno do desemprego não se constrói imediatamente à volta de um conflito de valores” (Xiberras, 1996, p. 17).

Nessa perspectiva, a exclusão acontece gradualmente porque os alunos não institucionalizaram as normas, leis e a cultura escolar, reconhecida socialmente como único

meio dos alunos avançarem nos estudos. Para Detregiachi (2012), a evasão escolar pode apresentar duas causas:

“Como fator principal da evasão, podemos dividi-lo em dois. Se forem alunos do período diurno, a maioria deles presta vestibular por não estarem trabalhando e quando conseguem emprego evadem-se da faculdade. A evasão no período diurno é maior do que no período noturno. O segundo motivo é tanto para o período noturno como diurno é a dificuldade de acompanhar o curso. Os alunos estão chegados com uma deficiência muito grande” (Detregiachi, 2012, p. 142).

Desse modo, os alunos são forçados a abandonar a escola para realizar uma atividade remunerada, mesmo que em condições subumanas, recebendo baixo salário, correndo risco de vida, desprovida de condições materiais e físicas para realizar a sua função, com objetivo em curto prazo conseguir recursos econômicos para sustentar-se ou ajudar a família a arcar com as despesas do lar. Assim, o estudo diurno impossibilita o adolescente de exercer uma atividade remunerada e, acessar as necessidades básicas de sobrevivência.

“O emprego é a fonte principal de significado e ordem em suas vidas. Não é de admirar, portanto, que a perda do mesmo ou a simples ameaça de perdê-lo seja uma das principais causas de “stress” e de sofrimento entre os trabalhadores [...].o trabalho produtivo está tão fortemente relacionado com estar vivo que, quando lhes é tirado o emprego, manifestam todos os sinais clássicos de quem está à morte” (Job, 2003, p. 32).

Os estudos pesquisados e categorizados foram abordados de forma ancorada em aportes teóricos que estudam, argumentam e contra argumentam a evasão sob a ótica objetiva e subjetiva que possui motivos e problemas de falta de motivação e tantas outras causas que esperamos identificar ao decorrer desta pesquisa. Analisar a evasão escolar na educação profissional permite identificar e compreender a sua ação macro em seu referido contexto no qual:

“[...] a função da educação se torna mais importante na preparação da força de trabalho, uma vez que as habilidades requeridas do novo trabalhador são muito relacionadas com aquelas desenvolvidas na escola, isto é, responsabilidade, capacidade de abstração, de resolver problemas, de trabalhar com símbolos e compreensão de textos abstratos, entre outras” (Salgado, 1997, p. 87).

Tanto do ponto de vista subjetivo como objetivo, a evasão se encontra presente de variadas formas. Assim é importante, possibilitar conteúdos para orientar-se em relação ao método e teorias predominantes dos variados autores sobre o tema. Nessa perspectiva, Araújo (2009, p. 35) a ponta que "baixa escolaridade está ligada ao maior índice de gestação na adolescência e início sexual precoce. “Se o adolescente tivesse mais

oportunidade de estar nas escolas e se estas escolas fossem mais sedutoras este quadro poderia ser revertido”.

“Muitas vezes se diz que as meninas que engravidam ainda adolescentes acabam abandonando a escola. Isso também é verdade! Mas muitas delas, ao engravidar, já estavam por algum motivo fora da escola. Dados apontam que o abandono escolar é superior entre as meninas que engravidaram em comparação às que não engravidaram. Estudo do [...] (IPEA) realizado em 2009 diz que o percentual do abandono escolar foi de 6,1% entre meninas de 10-17 anos sem filhos. Já para meninas na mesma faixa etária com filhos, esse percentual saltou para 75,6%. A educação está diretamente relacionada à taxa de fecundidade, quer dizer, quanto menor o grau de instrução, maior a quantidade de filhos por mulher, podendo chegar a 3 filhos. Em mulheres com nível superior essa taxa chega a 1,17 filhos” (Almeida, 2015, p. 27).

Para Tinto (1993), a evasão só pode ser estudada e até mesmo identificada se levada em conta o fator tempo. A fim de manter esta lógica, é importante identificar quais fatores aumentam ou retardam o tempo de permanência de um aluno na instituição além de questões como a importância da participação familiar junto à comunidade escolar objetivando a redução e prevenção da evasão escolar. Correia (2012) e Torres (2009) defendem que a evasão é apenas responsabilidade do aluno, que é manifesta através de seu comportamento desafiador, desmotivado, baixa habilidade para reconhecer problemas como a baixa qualidade do ensino fundamental e médio e, a não conciliação do trabalho com a escola.

“[...] às causas que têm levado seus filhos à reprovação e/ou evasão, a maioria dos pais assume como sendo culpa dos próprios filhos. Afirma que a escola não tem responsabilidade nenhuma, que nada pode fazer para resolver o problema, pois este é exclusivamente de seus filhos” (Fogiarini & Silva, 2007, p. 15).

Detregiachi (2012) defende que as causas da evasão na educação profissionalizante são de ordem educacional, pessoal do aluno e, despreparo da comunidade escolar. Desse modo, pactuando o ambiente escolar:

“[...] podem contribuir para o afastamento desses sujeitos da escola, fazendo com que sejam classificados, portanto, como alunos evadidos. Caso esse afastamento não seja percebido num curto espaço de tempo por professores, pela equipe pedagógica ou que não se realize ações que visem o retorno, certamente esses serão casos de abandono escolar. Ainda, em muitos casos, quando a família não tem ciência da situação, ou dependendo o valor que esta dimensiona a escola, o retorno desses alunos pode não mais acontecer. O contexto escolar também é reconhecido como território de disputa de poder entre seus participantes, quer pelos docentes ou discentes, tendo em vista que é um espaço social que constrói identidades culturais, principalmente no caso de grupos de adolescentes que definem seus pares de convivência. Entretanto, para os estudantes que não se encontram neste contexto devido a fatores de

violência como, por exemplo, o *bullying*, pode ocorrer o abandono da escola e, conseqüentemente, a perda do ano letivo” (Sagrilo, 2016, p. 20).

Correia (2016) defende caracteriza da seguinte forma: causas educacionais: 1- o modelo de gestão, o currículo da educação básica, a formação docente, a estrutura equipamentos educacionais existentes; 2 - causas pessoais, familiares e econômicas do aluno: disponibilidade, condições econômicas pessoais e familiares; 3 - comunidade escolar com precariedade técnica, operacional, didático, tecnológico e teórico para atender com as exigências do mercado de trabalho.

“O insucesso escolar e a desvalorização da permanência na escola tornaram a decisão dos jovens de abandonar a escola, [...] pela vontade ou obrigação sentida pelos jovens de alcançar independência financeira, decisão aparentemente aceite pelos pais e, por outro, desconhece-se qualquer intervenção da comunidade escolar [...] que não soube ir ao encontro das expectativas profissionais destes jovens” (Correia, 2016, p. 37).

Para Leal (2016, p. 06), "a evasão escolar está associada a causas pessoais, sociais e institucionais". Entre as causas de ordem institucional destacam-se os fatores escolares internos. Lüscher & Dore (2011, p.158) acrescentam que "a condição socioeconômica do estudante é considerada como principal responsável pela evasão e/ou outras modalidades de fracasso escolar, em todos os níveis de ensino". As políticas públicas educacionais articuladas às políticas públicas de Assistência Social e Direitos Humanos podem ser importante ferramenta de combate a evasão, em garantia da igualdade e o acesso a educação.

“As principais causas da evasão estão relacionadas ao preconceito e à discriminação praticados por professores e à violência urbana nas proximidades do *Campus*. [...] Para a promoção da permanência dos estudantes com necessidades específicas na Instituição, [...] a oferta dos programas de assistência estudantil, a melhoria da acessibilidade, [...] a formação docente numa perspectiva inclusiva e [...] a garantia da segurança pública” (Leal, 2016, p.04).

As políticas públicas educacionais são importantes meios de garantia da permanência dos alunos na escola, por elas promovem os meios para que os alunos consigam concluir seus objetivos. Assim, compreendemos que "o brasileiro faz, portanto, um esforço dramático, não só para ingressar na escola, mas, sobretudo, para permanecer nela" (Mello, 1991, p. 19, 21).

“Devido a problemas identificados no processo de evasão dos estudantes, é imprescindível que se formulem políticas educacionais eficazes para prevenção à evasão, garantia da permanência e saída exitosa dos estudantes da Instituição” (Leal (2016, p. 93).

Nessa perspectiva, os desafios para a educação brasileira são o de formular políticas públicas articuladas voltadas para ensinar e que o seu resultado deve ser esperado, avaliado e cobrado que é a aprendizagem do aluno, abandonando a ideologia da política assistencialista que mantém os alunos reféns do sistema capitalista predatório (Mello, 1991). "A educação pode superar os fatores ligados ao preconceito, à discriminação praticada institucionalmente por professores e à violência urbana" Conforme aponta Leal (2016, p. 91). Com isso, Mello (1991, p. 28), alerta para importância de "reverter o quadro da repetência - e conseqüentemente diminui a evasão - é condição para regularizar o fluxo escolar e reorganizar o sistema de ensino como um todo, do pré-escolar ao superior, daí o caráter estratégico dessa prioridade".

“Os resultados sinalizaram haver uma relação complexa e contraditória entre os motivadores do abandono e da permanência, ora se apresentando como motivadores para a permanência e ora geradores do abandono, destacando-se entre estas a relação estabelecida entre docentes e educadores e a relação entre trabalho, estudo e família, sendo estas apresentadas como fatores motivadores para permanência e/ou abandono. Apontou-se também que as atuais políticas de apoio à permanência nas instituições pesquisadas não são reconhecidas pelos estudantes nem por eles identificadas como fundamentais para a sua permanência escolar, caracterizando-se mais como política de transferência de renda do que como incentivo ao estudo” (Coelho, 2014, p. 09).

O fenômeno da repetência e da evasão escolar é complexo e hidrogênio de significados nos contextos socioculturais distintos. De modo que a população de baixa renda, nordestina e/ou os habitantes das periferias dos centros urbanos do país apresentam maiores índices de evasão escolar (Mello, 1991).

“Os índices de abandono são concentrados e elevados nos primeiros módulos dos cursos pesquisados, quando os estudantes se deparam com as ações inerentes a uma escola forte e que, na opinião deles, oferece um ensino muito mais teórico do que prático. Essa situação acaba proporcionando uma dificuldade adicional a quem tenha retornado aos bancos escolares depois de algum tempo afastado ou mesmo àqueles que, dada a sua prática de trabalhador, no seu cotidiano, tem mais relação com a prática do que com a teoria” (Coelho, 2014, p. 164).

Diante disso, Mello (1991), aponta que é importante garantir a igualdade de oportunidades, através da construção de um padrão de qualidade básica para todos, que possibilite a efetivação de experiências de aprendizagem, as políticas públicas educacionais têm por desafio promover mais qualidade do ensino e levar os alunos a concluir seus estudos na idade certa.

“A relação estudante e docente, e o trabalho docente são fundamentais para fortalecer a permanência escolar, portanto há a necessidade de capacitação docente comprometida com a práxis pedagógica, para o

exercício da prática educativa emancipadora e principalmente que considerem o trabalho como princípio educativo” (Coelho, 2014, p. 165).

Mello (1991), aponta que a repetência, a evasão e a retenção escolar são derivadas da precariedade e/ou baixa formação/capacitação dos docentes em metodologia e conteúdos, requeridos para participar efetivamente da formulação e execução do projeto pedagógico da escola.

“As atuais políticas de apoio à permanência, [...] são entendidas e aplicadas hoje muito mais políticas de transferência de renda e, embora haja casos de abandono dos cursos por problemas financeiros, esse não foi apontado como um dos principais motivadores do abandono escolar. O Plano Nacional de Assistência Estudantil foi um importante avanço nas políticas de apoio à permanência escolar, porém ainda não está sendo suficiente para manter o estudante na educação profissional” (Coelho, 2014, p. 166).

Desse modo, a evasão escolar é resultante do atendimento desarticulado das necessidades do aluno, organizações governamentais e as não governamentais e/ou comunitárias em sua grande maioria estão desarticuladas e possuem estruturas política e administrativa rígidas. Os incentivos financeiros e a assistência técnica são poucos alocados para as experiências inovadoras e poucas alternativas ou atividades de diversas naturezas, adaptadas às realidades locais (Mello, 1991).

“Fortalece-se o pressuposto de que os trabalhadores que procuram os cursos técnicos almejam melhorias em suas condições de trabalho, porém esses mesmos estudantes não conseguem, muitas vezes, articular o cotidiano escolar com atendimento à família e atividades laborais” (Coelho, 2014, p. 166).

Com isso, a desarticulação entre condições as condições de trabalho e educação profissionalizante é um entrave que compromete a formação. O compromisso das instituições em articular educação e trabalho, a partir de uma perspectiva de formação profissional (Pedroso, 2010), levando em conta os conflitos, a história de vida dos alunos e cumprimento das metas. "A escola também tem sua responsabilidade, pois se acredita que a educação tem um papel fundamental para a mudança social, para transformação do domínio hegemônico de exploração do trabalhador" (Coelho, 2014, p. 167).

CAPÍTULO II. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO

Todo fazer humano está intimamente ligado ao sistema educativo. A educação é um meio de garantia de sobrevivência, ocupa uma posição de acesso e possibilidades para que o homem transforme, realize e se adapte a natureza (Ferretti; Silva JR & Oliveira. 1999). Contudo, o sistema de dominação passou a usá-la como instrumento de dominação e controle amplamente, no sentido de adaptar as pessoas aos seus princípios e ao modo de produção (Kuenzer, 2006).

Em 1906, o ensino técnico-industrial foi consolidado. Em 1908 foram criadas as "Escolas de Aprendizes Artífices voltada ao ensino profissional, primário - sobre a jurisdição da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica vinculado ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio (MEC, 2008).

No Estado Brasileiro, a política educacional assumiu a formação de mão de obra destinada à execução das tarefas simples, necessárias para atender as demandas das empresas, comércio, indústrias, plantações e operar máquinas. Dos anos 60 a 90, o seguimento mantém na cultura os elementos ideológicos de adaptação da mão de obra ao sistema capitalista predatório atua na fragilização do trabalho (Paranhos, 2010). Acentuaram nessas décadas as precárias condições de acesso aos bens de consumo básicos como, trabalho, saúde, educação etc.

“É válido ressaltar que os piores índices de desemprego, evasão escolar, falta de formação profissional, oportunidade social e cultural atinge diretamente o segmento juvenil [...] a juventude torna-se objeto de grande interesse social do governo, propondo a identificação das principais questões que afetam os jovens brasileiros na atualidade e a criação de políticas públicas de juventude. As primeiras ações [...] tinham como foco os jovens excluídos ou em risco social que moravam nas zonas periféricas das grandes cidades. [...] Eram iniciativas pontuais de curta duração e voltadas para a inclusão social de jovens via oficinas de capacitação, visando aprimorar a inserção no mundo do trabalho e para o controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis” (Teles & França, 2015, p.294).

Nessa perspectiva, setores exigem que os trabalhadores fossem habilidosos para tomar decisões, utilizar os meios informatizados e domine a mediação de conflitos (Antunes, 2002). Desse modo, recai sobre a escola:

“[...] O peso decisivo – e quase exclusivo – dos ensinamentos para o trabalho sob os moldes do atual modo de produção (alienado) e a reprodução da exploração. O percurso histórico que permitiu o advento e consolidação do modo de produção capitalista, tais como uma nova filosofia do direito, a prevalência da razão científica em detrimento de preceitos religiosos, a dominação cultural intelectualizada, a revolução industrial, são alguns dos elementos que se pode citar entre uma infinidade de outros que contribuíram para o erigir da sociedade moderna, e os processos educativos, evidentemente, constituíram parte fundamental no empreendimento revolucionário da burguesia europeia e que se espalhou por quase todo o planeta” (Lima, 2015, p. 63).

Sobre pressão social, a educação assumiu o papel de elevar a força de trabalho, e garantir a formação para ocupar os postos de trabalho e emprego (Paranhos, 2010). Os grupos de trabalho nas conferências, municipais, estaduais e nacionais passou a exigir maior dinamismo das instituições escolares para formar os profissionais para atuarem nas empresas. Assim, educação está se estruturando:

“(...) por princípios construídos por organizações não governamentais (ONG's), organismos multilaterais internacionais, modelos de países centrais da economia capitalista e etc. A justificativa [...] é a de que a educação é a solução para os problemas de desigualdade econômica e social, pontapé inicial para a soberania dos Estados e emancipação humana. Assumindo estes princípios e sob os lineamentos desta justificativa, adota-se um receituário pré-definido e já familiarizado aos estudiosos deste segmento, que incorpora investimentos [...] em alfabetização, aprofundamento do ensino técnico e, mais recentemente, certificação em massa. Todas estas características [...] transforma processos educativos em processos de aprendizagem para o trabalho sob os moldes da exploração e da acumulação” (Lima, 2015, p. 67).

O país tem possibilitado que a educação profissional esteja voltada para desenvolver em seus alunos habilidades para atuarem no mercado de trabalho comprometido na transformação da natureza considerando os princípios éticos, respeitar os Direitos Humanos, consciente no respeito ao meio ambiente. Também foi inserido na educação profissionalizante os princípios de formação cidadã promovendo no estudante habilidades de alto confiança, controle, domínio para organizar dentro do contexto estruturado a produção do trabalho em um processo onde, o social interage com a natureza, com os meios de produção do trabalho, e da ação (Marx apud Souza, 1995).

A educação para o trabalho no Brasil objetiva o desenvolver e assegurar a formação para que a pessoa realize o exercício da cidadania e avançar nos meios educacionais e no desenvolvimento do mundo do trabalho. O trabalho é o meio pelo qual a pessoa se expressa, é reconhecida pelos seus pares. O trabalho integra a vida humana que a profissão que a pessoa exerce tonar-se o segundo nome da pessoa. O trabalho é a marca característica do homem, por ser o único ser vivo que tem a capacidade para o trabalho (Corazza, 1991). Nesse sentido:

“(...) o trabalho pode significar realização de uma obra, através da qual o sujeito se expressa e é reconhecido pelos demais atores da sociedade, permanecendo para além da sua própria vida. [...] O trabalho também pode ser fonte de sofrimento, esforço rotineiro, liberdade podada. [...] O trabalhador precisa ter disponibilidade de tempo para executar o seu trabalho. (Essa) disponibilidade requer renunciar a liberdade, ou seja, podar alguns aspectos da liberdade em troca do trabalho. [...] Essa troca também proporciona status ao sujeito perante a sociedade” (Silva, Macedo & Filho, 2010, p. 140).

O trabalho é uma representação paradoxal, reconhecimento e sofrimento. A pessoa fica refém de escolher: ou estuda, ou tem lazer, ou trabalha. Braverman (1987) em sua análise sobre o trabalho destaca os aspectos orgânicos, processo vital, é uma categoria alienável, individual definidora da pessoa como sujeito:

“(...) o trabalho, como todos os processos vitais e funções do corpo, é uma propriedade inalienável do indivíduo humano. Músculos e cérebros não podem ser separados de pessoas que os possuem; não se pode dotar alguém com sua própria capacidade para o trabalho, seja a que preço for assim como não se pode comer, dormir ou ter relações sexuais em lugar de outra pessoa. Deste modo, na troca, o trabalhador não entrega ao capitalista a sua capacidade para o trabalho” (Braverman, 1987, p. 56).

Dessa forma, através do trabalho que a pessoa produz, cria, constrói, ergue, monta, desmonta a partir do que extrai da natureza transformando o mundo num espaço de objetos partilhados (Woleck, 2002). Conciliar trabalho e outra atividade tornou-se uma tarefa desafiadora, para algumas situações, a escolha é inevitável.

“O ingresso no mundo do trabalho pelo indivíduo na vida adulta lhe confere aquisição de qualificações que são esperadas pelo espaço de trabalho adquirido, sendo estas incorporadas à identidade do sujeito. Tal afirmação implica a conclusão de que o desemprego e a inatividade revelam uma dimensão subjetiva e uma repercussão social que vão além dos dados estatísticos e dos parâmetros econômicos. Com isso, a inserção no mundo concreto do trabalho aparece como (sequencia) lógica de uma vida normal e como atributo de valor em uma sociedade caracterizada pelo fator produtivo” (Silva, Macedo & Filho, 2010, p. 140).

A vida está cheia de contradição, nessa perspectiva, o desemprego e a inatividade significam anormalidade, doença. Ema alguns grupos, até toleram a falta de formação escolar, porém, não toleram o desemprego. A política de austeridade da contemporaneidade diminuiu o desenvolvimento econômico e social de alguns países europeu como a Grécia, países sul-americanos como o Brasil, Argentina e México; países africanos, como a África do Sul. As transformações do sistema econômico, político administrativo estão mudando os rumos de trabalho e a estrutura educacional. O sistema de austeridade tem seus objetivos voltados para aumentar os lucros, diminuir os custos e à produção, provocar maiores desigualdades na distribuição da riqueza e da renda. Conforme defende Silva (2009, p. 02):

“(...) fazem com que o sujeito fique alienado à necessidade do salário, sendo que ele não possui ou nunca viu o próprio produto do seu trabalho. Este trabalho é totalmente fragmentado e na maioria das vezes é contra a vontade e/ou aptidões do sujeito, fazendo com que o trabalhador se torne ignorante e escravo” (Silva, 2009 p. 02).

Para que isso seja possível, os grupos dominantes usam mecanismos políticos, culturais e legislativos para implementar no sistema educacional as ideologias de exploração predatória do trabalhador.

No sistema trabalhista, o Estado, passa a ideia que a educação proporciona ao trabalhador salários maiores, acesso aos benefícios e maior segurança. O mercado de trabalho exige mão de obra mais habilitada para atuar em diferentes papéis. Saviani et al. (2007) destaca que a relação entre educação e trabalho possui características de identidades, sobre os quais as pessoas produzem através dessa relação a sua existência. Freire (2002) descreve que a educação possui uma estreita relação com o trabalho quando ele aponta que "aprendemos fazendo". Essa relação Saviani et al. descreveu como produção da existência no qual o homem aprende trabalhar trabalhando, se aprende ensinando:

“(...) a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie” (Saviani, 2007 p. 154).

Criou-se uma demanda de cursos profissionalizante para treinar esse contingente de trabalhadores. Os cursos profissionalizantes são voltados a pessoas desempregadas, com baixa ou nenhuma qualificação profissional, a margem da sociedade em busca de sua inclusão social no mercado de trabalho (Manica & Caliman, 2010).

Frigotto (1996) aponta a relação existente entre a educação e o trabalho sobre o qual, é um princípio fundamental que todo ser humanos aprende desde os seus primeiros dias de vida que intensifica com a entrada da pessoa na escola, uma instituição que tem como objetivo preparar pessoas para assumir o papel social que é interpretado nos palcos laborais através dos vários mecanismos e estruturas adotadas pelos meios de produção do trabalho.

“O trabalho é um princípio educativo fundamental a ser socializado desde a infância. Todavia [...], sob a perspectiva do valor de troca, o processo de trabalho não pode constituir-se no parâmetro de uma educação [...] democrática e para a cidadania” (Frigotto, 1996, p. 153).

Para se manter, o sistema capitalista necessita de mãos de obras habilitadas, desse modo, a melhor forma de treinar, educar o sistema educativo age concebendo

condições para manter ativo no topo do processo os princípios econômicos principais pilares do sistema dominante estruturado na acumulação de capital que interfere no processo de formação dos sujeitos para atuar na sociedade e intervir nas forças que possa fragilizar o capitalismo.

O advento da educação profissional acompanha as práticas humanas, desde os períodos mais remotos, quando os humanos, conforme aponta Manfred (2002), transferiam seus ensinamentos profissionais através de uma educação baseada na observação, na procura pelo acerto, persistência, pelas quais repassavam conhecimentos e técnicas de um para o outro, aprimoramento de ferramentas, instrumentos de caça, descoberta do fogo, depois usado como defesa e produção de seus utensílios.

A relação dos povos com a atualidade e mundo globalizado, trouxe também para o processo produtivo o uso cada vez mais frequente da ciência e da tecnologia, como também a necessidade da capacitação profissional. Para Kuenzer (2001). Várias preocupações circulam em relação às condições atuais da escola nesse contexto da qualificação profissional, se de fato esta se encontra preparando para combater a evasão, se não está como poderemos superar esse desafio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei, n. 9.394, § 2 do Art. 1º) defende a tese que a educação escola deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. Desse modo, o Parágrafo III, do art. 27 direciona que os conteúdos curriculares da educação básica devam estar orientados para o trabalho. Desse modo, o art. 36D, Parágrafo Único define que:

“Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996).

Desse modo, a educação profissionalizante tem o papel de promover conhecimentos e habilidade específica e gerais do aluno para o desenvolvimento do exercício das atividades produtivas e ampliação do conhecimento no sentido de transformar a estrutura social (Kobayashi; Frias & Leite, 2001).

“A educação profissional e tecnológica, em termos universais, e no Brasil em particular, reveste-se cada vez mais de importância como elemento estratégico para a construção da cidadania e para uma melhor inserção de jovens e trabalhadores na sociedade contemporânea, plena de grandes transformações e marcadamente tecnológica. Suas dimensões, quer em termos conceituais, quer em suas práticas, são amplas e complexas, não se restringindo, portanto, a uma compreensão linear, que apenas treina o cidadão para a empregabilidade, nem a uma visão reducionista, que objetiva simplesmente preparar o trabalhador para executar tarefas

instrumentais. No entanto, a questão fundamental da educação profissional e tecnológica envolve necessariamente o estreito vínculo com o contexto maior da educação circunscrito aos caminhos históricos percorridos por nossa sociedade” (Brasil, 2004, p. 7).

Ferreira & Garcia (2010) defendem integração da educação profissional ao ensino médio, no sentido de fomentar a formação de pessoas que compreendam a realidade e que possam atuar de fato como profissionais que receberam educação de forma bipartite como também esclarecidos sobre as informações do curso. Desse modo, os motivos da evasão na educação profissionalizante resultam dos problemas do envolvimento do aluno no processo de aprendizagem, resultado primário da falta de entendimento da educação profissional, em todos os níveis da sociedade e logo se identifica a dúvida ou até frustração por parte de muitos professores sobre: o que fazer para que os alunos se sintam atraídos pelos estudos. Assim, é importante:

“Encontrar meios pelos quais a concepção de inteligência como passível de ser plenamente desenvolvida e adequadamente ampliada pelo contexto educacional é um desafio importante que nos permitirá caminhar no sentido da promoção de uma motivação adequada à aprendizagem autorregulada, em nossos alunos” (Boruchovitch, 2009, p.112).

Buscando compreender os professores e instrutores da educação profissional em que o docente da educação profissional engloba além das especificidades das atividades pedagógicas relativas ao processo de ensino-aprendizagem neste campo, também as dimensões próprias do planejamento, organização, gestão e avaliação desta modalidade educacional nas suas íntimas relações com as esferas da educação básica e superior.

Para Paiva (1995), é papel da educação profissionalizante instrumentalizar o trabalhador através de técnicas, procedimentos, arcabouço teórico e prático necessário para sua atuação nas empresas, comércio, indústrias. Contudo, para que isso seja possível é importante que a ensino profissional alcance qualidade, informações no sentido de proporcionar maior qualificação no aprendizado.

“O ensino profissional de qualquer nível precisa ter uma nova qualidade: precisa apoiar-se sobre base geral mais sólida sobre a formação intelectual abstrata e mais ampla conhecimentos e informações, sobre novas virtudes e disposições psíquicas pessoais e sobre melhores conhecimentos especificamente profissionais. Precisa abrir múltiplos caminhos, tornando possível tanto a especialização crescente (polarização) dentro do mercado formal, quanto às diferentes graduações de inclusão/exclusão, voluntárias ou forçadas em diferentes momentos de sua vida, confrontar-se com o desemprego e/ou com múltiplas e novas formas de subemprego, e com a possibilidade de optar por atividades alternativas” (Paiva. 1995, p. 89).

Portanto, o professor da educação profissionalizante deve ser capaz de permitir que seus alunos compreendam de forma reflexiva e crítica os mundos do trabalho, dos objetos e dos sistemas tecnológicos dentro dos quais estes evoluem; as motivações e interferências das organizações sociais pelas quais e para as quais estes objetos e sistemas foram criados e existem; a evolução do mundo natural e social do ponto de vista das relações humanas com o progresso tecnológico; como os produtos e processos tecnológicos são concebidos, fabricados e como podem ser utilizados; métodos de trabalho dos ambientes tecnológicos e das organizações de trabalho. Precisa saber desenvolver comportamentos pró-ativos e socialmente responsáveis com relação à produção, distribuição e consumo do conhecimento.

Para Robbins (2005); devemos diagnosticar a ausência por meio da verificação e dos índices de faltas e fugas dos colaboradores no ambiente com esse diagnostico devemos tomar as medidas preventivas como: o diálogo e a extinção do clima desfavorável, na abordagem de Lück (2009) o corpo docente fundamentado em conhecimentos, experiências, habilidades e atitudes encaram os desafios da educação na comunidade escolar onde o clima humano e cultura organizacional estão descritos como conceitos diretamente ligados.

Senge (2000) propõe que os colaboradores sejam mais flexíveis, adaptáveis, na medida em que aprendem e motivam continuamente a gestão escolar por Lück (2009), exige varias aptidões específicas e das mais variadas matrizes como a gestão escolar que protagoniza o papel da liderança tanto do diretor, coordenação como do professor e também o aluno na construção da organização escolar e seus fatores motivacionais.

Segundo Chunwer (1998), o professor da educação profissional deve ser capaz de descrever práticas profissionais como, por quem e dentro de que condições uma atividade é realizada, de levar em conta o uso que quer fazer desta descrição no processo de ensino-aprendizagem tipo de apropriação e grau de utilização das técnicas e de estabelecer a diferença entre ensinar práticas e ensinar os saberes sobre estas práticas e construção mais ou menos elaborada, mais ou menos formalizada destas práticas sempre voltada para o mercado de trabalho.

Alguns autores (Machado, 1991; Neves, 2005) faz duras críticas a educação profissional apontando a educação profissional segue a lógica do *fordismo* dominantes dos países de capitalismo central com objetivos da regulação das massas trabalhadoras através do desenvolvimento de algumas técnicas necessárias para colocar em prática as suas aptidões para a produção.

Acerca dos fatores motivacionais, Maslow (1970) apresenta os aspectos e impactos do clima organizacional na vida dos alunos e professores que resultam diretamente no clima organizacional e cultura da empresa.

A cultura organizacional tem forte relevância no comportamento dos colaboradores e diretamente no clima organizacional, entendemos que para se sentir pertencente ao grupo, o indivíduo tem a necessidade de compartilhar suas experiências com alguns membros da do ambiente como a sala de aula.

CAPÍTULO III. MOTIVAÇÃO

Sabemos que a motivação é encontrada no comportamento, presente em toda atividade do ser humano e cada vez é mais estudada por grande diversidade de abordagens teóricas. Entendemos que a palavra motivação tem sua origem etimológica no verbo latino *movere* cujo tempo supino *motum* e o substantivo *motivum* do latim tardio, deram origem ao termo, semanticamente aproximado, “motivo”. De tal forma, a palavra motivação é derivada do verbo motivar e refere-se ao motivo que, primariamente, é aquilo que move o indivíduo, que põe o ser em ação, o faz o impulso para alguma direção ou objetivo (Bzuneck, 2009).

De acordo com Spector (2006), a motivação é o desejo de direcionar ou alcançar objetivos, sendo resultado de desejos, necessidades e das vontades personalizadas de cada indivíduo em um dado momento de sua vida e ambiente no qual se encontra.

A motivação no contexto da educação profissionalizante nos remete os desafios dos professores e equipe pedagógica em saber lidar com tais dificuldades de desmotivação muitas vezes caracterizada pelo desinteresse dos alunos na qual se torna um campo fértil para a desistência e evasão. Em outro parâmetro mecanismos de avaliação e dificuldades sociais, arbitram quais alunos devem prosseguir nos estudos. Desta forma, Pedralli & Rizzatti (2013) defendem que a evasão escolar:

“Não é reflexo da incapacidade de automotivação ou da ineficiência da tentativa de motivação de outrem para a permanência do aluno no espaço escolar, tampouco é causal a falta de esforço por parte dos educandos; tendemos a crer no movimento contrário: a evasão é consequência desse processo, o reflexo de uma realidade vivida por essas pessoas nos ambientes de escolarização” (Pedralli & Rizzatti, 2013, p. 2).

Desse modo, existem inúmeros fatores que afetam a motivação e podem levar a evasão como possível resposta do aluno a esse processo o qual ele se depara.

A motivação é um termo que se divide em dois fatores, um que é interno e o outro que é externo a motivação como um processo está relacionada a possíveis dois fatores os efeitos imediatos e os efeitos finais. Na sala de aula, os efeitos imediatos da motivação do aluno correspondem ao seu grau de envolvimento nas atividades e participação voltadas ao processo de aprendizagem. Compreendemos que a aplicação de esforço no processo de aprender levando em consideração os resultados em cada tarefa. Entretanto, o aluno que não aplicar sua motivação no processo de aprender, fazendo apenas o mínimo, ou até desistir quando as atividades e participação exigirem mais esforço para apresentação dos resultados, será considerado um aluno desmotivado (Bzuneck, 2009).

A motivação como um processo está relacionada a determinados efeitos, os efeitos imediatos e os efeitos finais. Na sala de aula, os efeitos imediatos da motivação do aluno dependem de como ele está envolvido nas tarefas voltadas ao processo de aprendizagem. Esse envolvimento compreende a aplicação de esforço no processo de aprender

considerando as exigências de cada tarefa. Portanto, o aluno que não investir seus recursos pessoais no processo de aprender, fazendo apenas o mínimo, ou desistir quando as atividades exigirem mais esforço será considerado um aluno desmotivado (Bzuneck, 2009).

No ambiente escolar, a motivação positiva acarreta em qualidade de envolvimento, ou seja, esse investimento pessoal deverá ser com bastante qualidade, onde o aluno invista esforço e enfrente tarefas desafiadoras, as quais exigem um maior empenho e perseverança do aluno. Além do mais, a qualidade de investimento pessoal está relacionada a estratégia de aprendizagem cognitivas, meta-cognitivas, de gerir recursos no que consiste em conhecimentos novos que serão desenvolvidos a partir do que se denomina processamento de profundidade (Boruchovich, 1999).

Já para Hadji (1994) a avaliação tradicional, deve retornar a ligação com o produtor e dizer-lhe alguma coisa acerca da sua produção que lhe permita progredir com vista a melhores produções. E isso se estende ao valor. Dessa forma, o valor não pode ser medido, a fim de satisfazer uma burocracia escolar de preenchimento de caderneta; tampouco pode ser uma nota-mensagem-negociação, que surge de uma relação de poder que se impõe em sala de aula. Pois, é imprescindível que o processo seja mais valorizado que o produto. Este último deve retornar ao produtor para que se auto examine, buscando superar as defasagens encontradas pelo examinador, “assim, a avaliação será o elemento de comunicação permanente entre o professor e alunos, que devem dialogar sobre suas produções: ensino e aprendizagem”.

Portanto o estudo para a motivação do aluno, Bzuneck (2009) considera está relacionada com atividade mental encontrada no contexto específico de sala de aula. Logo, conclui-se que o estudo da motivação para aprender não pode se limitar apenas ao campo dos princípios gerais da motivação humana, mas sim integrar-se ao contexto da escola, do aprender, do ensinar.

3.1. Abordagens das teorias motivacionais e automotivacionais

Em termos visíveis na educação, a motivação também é um processo responsável pela intensidade, direção e persistência dos esforços tanto do corpo docente, alunos e comunidade, para o alcance de determinada meta (Robbins, 2002), onde intensidade refere-se a quanto esforço uma pessoa despense. Este é o elemento que as pessoas se referem quando falam de motivação. Entretanto, a intensidade não é capaz de levar a resultados favoráveis, a menos que seja conduzida em uma direção que beneficie o aluno e seu desenvolvimento. Entendemos que a motivação tem uma dimensão de persistência. Esta é uma medida de quanto tempo uma pessoa consegue manter seu esforço. Os indivíduos

motivados se mantêm na realização da tarefa até que seus objetivos sejam atingidos ancorados na teoria da expectativa motivacional, conforme Robbins:

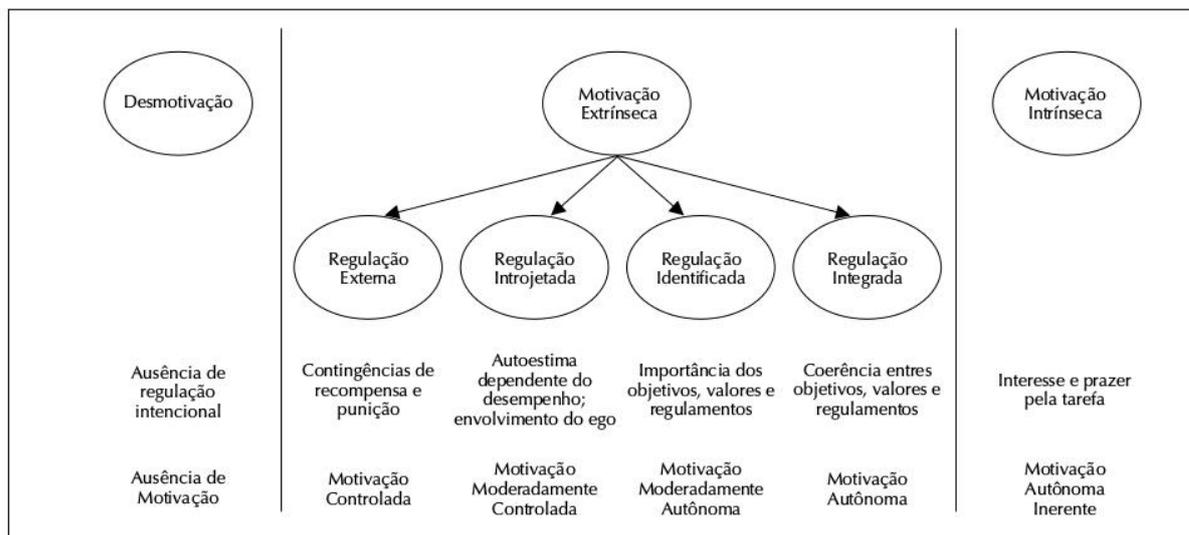
“Primeiro: se eu der o máximo de meu esforço, isto será reconhecido em minha avaliação de desempenho? Para muitos trabalhadores, a resposta é: não. Por quê? Sua capacidade pode deixar a desejar, o que significa que, por mais que se esforcem, eles nunca terão um desempenho superior. Outra possibilidade é o funcionário, justa ou injustamente, achar que seu chefe não gosta dele. Conseqüentemente, sua expectativa é de uma avaliação ruim, não importa o quanto se esforce. Estes exemplos sugerem que uma das possíveis causas da baixa motivação de um funcionário é que, não importa o quanto se esforce, nunca receberá uma boa avaliação de desempenho. Segundo: se eu obtiver uma boa avaliação de desempenho, isto resultará em alguma recompensa organizacional? Muitos trabalhadores percebem a relação desempenho-recompensa como fraca. O motivo é que as organizações recompensam muitas outras coisas além do desempenho. Por exemplo, quando a remuneração está de alguma forma ligada a fatores como tempo de casa, capacidade de cooperação ou bajulação do chefe, os funcionários podem perceber a relação desempenho – recompensa como fraca. Finalmente, se eu receber alguma recompensa, ela será atraente para mim? O funcionário trabalha duro na esperança de conseguir uma promoção, mas recebe somente um aumento de salário. Ou espera conseguir um trabalho mais desafiador e interessante, mas consegue algumas palavras elogiosas. Estes exemplos ilustram a necessidade de as recompensas serem adequadas às necessidades. Infelizmente, muitos executivos têm limitações quanto às recompensas que podem oferecer, o que dificulta a possibilidade de individualizá-las. Além disto, muitos executivos assumem erroneamente que todos os funcionários querem as mesmas coisas, deixando de perceber os efeitos motivacionais da diferenciação de recompensas” (Robbins, 2002, 168).

Ainda ancorado em Robbins (2002) compreendemos que a Teoria da Expectativa é um modelo contingente ou situacional, com isto não existe um princípio universal que explique as motivações de todas as pessoas, por tanto, o fato de compreender quais necessidades uma pessoa quer satisfazer, não assegura que ela tenha percepção do alto desempenho como meio necessário para satisfazê-las. Essa é a principal crítica à Teoria da Expectativa: para que uma pessoa seja capaz de estabelecer uma relação clara entre o seu desempenho e os resultados que vai obter é necessário: ter uma gama de informações, precisará interpretá-la, analisá-las e tirar as conclusões, compreendemos que não é algo fácil realizar.

Compreendemos esta teoria tem uma vantagem importante em relação às teorias baseadas nas necessidades da abordagem da motivação: ela leva em consideração as diferenças dos indivíduos e valoriza o lado racional das pessoas, além de considerar o contexto da ação e ambiente inserido, por tanto possivelmente se aproxima mais do ambiente escolar, além de ter suas múltiplas aplicações no segmento empresarial e corporativo.

Com o que foi exposto, abordamos a autodeterminação, que segundo Leal, Miranda e Carmo (2012), citando Gagné e Deci (2005), apresentam um traçado configurando uma maior compreensão dos diferentes níveis em termos motivacionais no estudo tripartite; 1 Desmotivação, 2 Motivação Extrínseca e 3 Motivação Intrínseca (Figura 1).

Figura 1. *Continuum de Autodeterminação.*



Fonte: Adaptado de Gagné & Deci (2005, p. 336) citado em Leal et al (2012).

Estes tipos e graus de motivação tanto a extrínseca como a motivação intrínseca são diferentes, por conta das particularidades de interesse pela atividade com um elemento efetivo e pela liberdade de escolha concedida ao indivíduo com personalidade e decisões.

Segundo Guimarães (2009), as razões intrínsecas podem ser descritas nas seguintes situações: o aluno apresenta alta concentração, de tal modo que perde a noção do tempo; os problemas cotidianos ou outros eventos não competem com o interesse naquilo que está desenvolvendo; não existe ansiedade decorrente das pressões ou emoções negativas que possam interferir no desempenho; a repercussão do resultado do trabalho perante as outras pessoas não é o centro de preocupações, ainda que o orgulho e a satisfação provenientes do reconhecimento de seu empenho e dos resultados do trabalho estejam presentes; busca novos desafios após atingir determinados níveis de habilidade e as falhas ocorridas na execução das atividades instigam a continuar tentando.

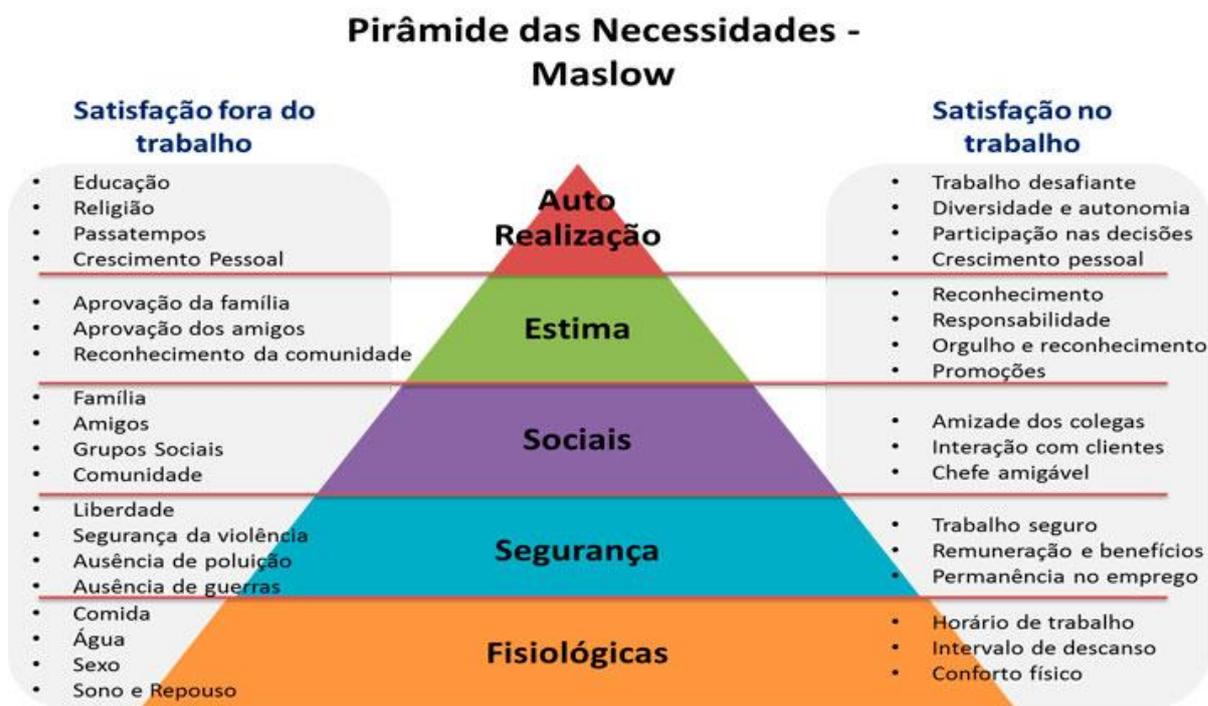
No contexto das razões extrínsecas, define-se como a motivação para trabalhar em resposta a atividades externas, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidades. (Guimarães, 2009).

Ancorados em Gagné & Deci (2005), entendemos que se o aluno continuar perseverando e se esforçando em uma atividade, mesmo sem qualquer consequência pela sua realização, temos, então, a motivação intrínseca, e o contrário, o esforço e a

persistência efetivos esperando uma consequência, temos a motivação extrínseca. Portanto, vários fatores podem influenciar a motivação para na educação. A seguir no item 4.7. De Análise de Dados desta dissertação apresentaremos considerações de possíveis motivações que levam o aluno a desistência e evasão.

Concluindo os fatores motivacionais, sabemos que Maslow (1970) apresenta a teoria das Necessidades Humanas, que segundo o autor estão arranjadas numa hierarquia que ele denominou de hierarquia dos motivos humanos. Conforme o seu conceito de premência relativa, uma necessidade é substituída pela seguinte mais forte na hierarquia, na medida em que começa a ser satisfeita. Assim, por ordem decrescente de premência, as necessidades estão classificadas em: fisiológicas, segurança, afiliação, autoestima e auto-realização. A necessidade fisiológica é, portanto, a mais forte, a mais básica e essencial, enquanto a necessidade de auto-realização é a mais fraca na hierarquia de premência. A seguir será apresentada a pirâmide das necessidades de Maslow e explanado um pouco sobre cada item.

Figura 2. Pirâmide das Necessidades de Maslow.



Fonte: <http://jovemadministrador.com.br/consumismo-x-piramide-de-maslow-uma-outra-visao-da-teoria/> acesso em: 19/10/2017 às 01:25hs.

Nos cursos profissionalizantes do programa Senac de gratuidade, infelizmente, muitas vezes o aluno não consegue chegar a auto realização. Isso porque para se alcançar o topo da pirâmide é necessário que todas as outras necessidades estejam devidamente estruturadas, segundo a teoria de Maslow. Grande parte dos alunos que participam dos cursos profissionalizantes não conseguem ter todas as suas necessidades básicas supridas,

muitas vezes não violentas e estão sujeitos aos desmandos dos traficantes, onde até o seu direito de ir e vir fica prejudicado.

Essas são apenas algumas das dificuldades encontradas pela grande maioria dos alunos que frequentam os cursos do programa Senac de gratuidade, algo que deve ser melhorado no programa, para que não somente a necessidade de aprendizagem e qualificação seja priorizada, mas que possa ser adotada alguma forma de ajudar esses alunos tanto no meio social quanto pessoal. Quando esses alunos conquistam seus objetivos e conseguem realizar algumas de suas necessidades, todos ganham, pois, este jovem além de aproveitar a oportunidade de qualificação, também está contribuindo para que outros jovens possam sonhar e seguir bons exemplos. Alguns alunos são muito introspectivos e não conseguem se socializar com os demais alunos da turma e essa autoexclusão muitas vezes traz sérias dificuldades para que o aluno dê continuidade à sua formação. Essa exclusão interfere diretamente na sua autoestima e faz com que o desinteresse se torne maior do que a vontade de vencer. O olhar que se volta a esses jovens, de uma classe esquecida e marginalizada que só preza o poder e exclui cada vez mais, isso faz com que a autoestima desses alunos fique cada vez mais baixa, onde a família não os apoia, onde os pais não se importam com seus filhos, muitas vezes nem buscam saber se eles se alimentaram, se estão bem ou como vai o curso, não fazem o mínimo esforço para ajudá-los.

Segundo a teoria de Maslow as reações comportamentais observadas durante o curso denotam a cultura e educação que cada um tem e mostra que o ambiente e a convivência com a comunidade têm influência nas suas atitudes, principalmente na qualificação de adultos.

O educador é quem deve trazer a motivação para a sala de aula, isso faz com que os alunos, ao realizarem esforços nas tarefas desafiadoras e conseguirem alcançar êxito nessas atividades, sintam-se motivados. Essas experiências resultarão no aumento das suas habilidades, aumento da competência, trazendo um sentimento de emoções positivas, com resultados eficazes em suas atividades escolares (Guimarães, 2009).

O professor, que é quem está mais próximo do aluno, deve ficar atento a todas as mudanças comportamentais e de imediato tentar junto à coordenação do curso encontrar uma forma de intervir e ajudar esse aluno. Aulas mais dinâmicas com situações que se assemelhem à sua realidade são mais fáceis de prender a atenção do aluno e fazer com que ele se torne mais participativo.

CAPÍTULO IV. METODOLOGIA

4.1. Objetivos

4.1.1. Objetivo geral

Analisar quais os motivos que levam os alunos a desistirem dos seus cursos, mesmo eles sendo gratuitos e qual o papel da motivação no combate à evasão escolar em cursos profissionalizante do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife.

4.1.2. Objetivos específicos

- 1) Mapear através de documentação as características dos alunos e o perfil dos desistentes, resultantes da evasão escolar nos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife;
- 2) Analisar através da coordenação pedagógica se ha ações motivacionais voltadas para a educação profissional, objetivando a permanência dos alunos nos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife;
- 3) Avaliar se existe associação entre os fatores sociodemográficos e a evasão escolar cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife.

4.2. Hipóteses

Existe associação entre os fatores sociodemográficos na evasão escolar nos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife.

4.3. Tipo da pesquisa

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória, pautada em uma abordagem quantitativa e qualitativa. O instrumento elencado para a coleta de dados foi a pesquisa documental e a entrevista. A pesquisa quantitativa norteia meios para o alcance das respostas elencadas no campo da educação. Os fundamentos que nutrem à natureza de atender as ciências sociais, em especial os fundamentos e pressupostos contrários ao modelo experimental que adotam métodos e técnicas de pesquisa diferentes dos estudos experimentais (Chizzotti, 2006).

A análise qualitativa é indicada para apurar opiniões e atitude explícita e conscientes. De forma que os dados foram generalizados e projetados para o universo pesquisado. Assim, os objetivos são para mensurar e testar as hipóteses, por seus

resultados serem mais concretos, decorrentes a isso, menos possíveis interpretações equivocadas (Vergara, 2003).

Nos preocupamos com o significado dado na pesquisa documental e, nos detemos na análise estatística. À medida que os dados foram, aprofundamos na identificação dos “temas e relações, construídos e interpretados. A partir disso, foram geradas novas questões e/ou aperfeiçoamos as anteriores, na busca de novos dados complementares” (Alves-Mazzotti & Gewandsznajder, 1998, p. 170).

4.4. *Lócus* da pesquisa

Figura 3. Localização do município do Recife.



Fonte: <http://www.infoescola.com/geografia/geografia-de-pernambuco/>

4.4.1. Caracterização do Município de Recife/Pernambuco

Esta pesquisa realizou-se no Município do Recife, capital do Estado de Pernambuco/ Brasil. No último Censo Demográfico de 2010 o município apresentou uma população de 1.538 milhões de habitantes. O Recife possui 94 bairros distribuídos nas seis Regiões Político-Administrativas (RPAs) conforme a sua localização (IBGE, 2010). A educação profissionalizante em Recife é ofertada pela Secretaria Municipal, Estadual de Educação, Instituto Federal de Educação e as Instituições Educacionais privadas. O sistema educacional de Ensino e Educação do Recife é composto ainda pelo Conselho Municipal de Educação.

O SENAC em Pernambuco foi instalado em 14 de outubro de 1946, dez meses após a sua criação (10/01/1946), com a fundação do Conselho Regional do SENAC do

Nordeste Oriental. O SENAC-Pernambuco atendia ainda, os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoa e Ceará. Sendo desmembrado em 1949, resultando na instalação das sedes independentes em cada estado. Com isso, passou a se chamar Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial no Estado de Pernambuco. Foram oferecidos cursos em Linguagem, Aritmética, Noções de Geografia e História do Brasil, Ciências e Caligrafia, Conhecimentos e Práticas da Atividade Comercial. No horário especial foi oferecido o ensino facultativo de Datilografia e Estenografia.

Em 1971, o SENAC Pernambuco funda a Unidade de Educação Profissional do Recife (UEP - Recife) atendendo a população com os cursos técnicos de: Enfermagem, Segurança do Trabalho, Administração, Rádio e TV e Design de Interiores; cursos de capacitações e aperfeiçoamentos de: Fotografia, Ilustrador, Pintura em Tela e Atendimento Pré-Hospitalar – Primeiro Socorros.

Em 1972, O SENAC-Recife inaugurou os Restaurante-Escola e Lanchonete-Escola do SENAC, no Recife, operando concomitantemente como empresa e local de formação profissional, possibilitando aos seus alunos formação em contato direto com o público. Em 1976 o SENAC-Recife oferece o curso Técnicas de Vendas na modalidade Educação à Distância através da televisão, coordenado pelo Departamento Nacional e pela TV Universitária.

Atualmente, o SENAC- Recife oferece com mais de trinta cursos nas modalidades de aprendizagem comercial, capacitação, aperfeiçoamento e especialização técnica. Oferece ainda diversas ações extensivas voltadas à conclusão dos seus cursos; ações em conjunto com o Sesc (Projeto Colmeia, Aquasesc) e outros parceiros.

O SENAC-Recife oferece atendimento à educação profissional técnica de nível médio, conforme previsto no Art. 36A a 36D, LDB 9.394/96:

“Art. 36A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas. [...] Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional é desenvolvida nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional. [...]

Art. 36B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas:

[...] I articulada com o ensino médio;

[...] II subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.

[...] Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar:

I os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação;

[...] II as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino;

[...] III as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico.

[...] Art. 36C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do caput do art. 36B desta Lei, será desenvolvida de forma:

[...] I integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;

[...] II concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer:

[...] a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

[...] b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

[...] c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

Art. 36D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior. [...]

Parágrafo único. Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996).

4.5. Sujeitos da pesquisa

A amostra dessa pesquisa é de 35 estudantes com idade acima dos 18 anos.

O procedimento de seleção da amostra obedeceu a uma sequência de etapas sobre a qual foram analisadas todas as fichas de matrículas nos anos de 2012 a 2014 nos

turnos matutino, vespertino e noturno de cada curso profissionalizante do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife quanto à distribuição conforme sexo, horário e o tipo de cursos (Alves-Mazzotti & Gewandszajder, 1998).

Na primeira etapa foi observado o número total de cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife cursos oferecidos em seus três horários perfazendo quatros (04) cursos (Vendedor; Operador de Caixa; Auxiliar de Operações em Logística; Promotor de Vendas). Posteriormente, esses cursos foram divididos em suas especificidades e a qual público destinado (masculino e feminino) e por ano (2012, 2013 e 2014).

Quadro 1. Bloco de categorização dos sujeitos da pesquisa documental

Turno	Cursos analisados	Quantidade de alunos evadidos por curso e por ano						Total
		2012		2013		2014		
		F	M	F	M	F	M	
Manhã	Promotor de Vendas	-	-	01	-	-	-	01
	Operador de Caixa	-	-	-	01	01	-	02
Tarde	Auxiliar de Operações em Logística	-	-	01	02	-	-	03
	Vendedor	-	-	-	-	01	-	01
	Promotor de Vendas	03	-	-	-	-	-	03
	Operador de Caixa	13	03	-	-	01	-	17
Noite	Auxilia em Operações em Logística	08	-	-	-	-	-	08
Total alunos evadidos		24	03	02	03	03	-	35

Fonte: Pesquisa realizada em 2016.

Com o objetivo de auxiliar o planejamento amostral, os cursos foram divididos três (03) turnos (manhã, tarde e noite) de oferta do curso (Tenório et al., 2010; Carvalho, et al., 2011). Na segunda etapa foi realizado o procedimento de busca de ficha dos evadidos por cursos, horários e turmas (Carvalho, et al., 2011). Para a aplicação da entrevista semiestruturada foram escolhidos 06 professores dos cursos profissionalizantes (PSG) do SENAC-Recife.

4.5.1. Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão adotados para os alunos foram: ser alunos em situação de evasão em um dos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife no período compreendido de 2014-2015. Os critérios de exclusão recaíram, reprovação, aprovação, desistente, abandono, transferido, e não fazer parte do período de recorte traçado nesse estudo. Foram analisadas as fichas de matrículas de 88 estudantes.

No entanto, foram excluídas 53 fichas de matrículas de alunos na qual a Instituição os classificou como desistentes².

Para aplicação da entrevista semi-estruturada foram incluídos 06 docentes que selecionam em um dos cursos profissionalizantes do (PSG) do SENAC-Recife que se dispuseram a participar da presente pesquisa. O critério de exclusão recaiu aos docentes que não lecionam nos cursos profissionalizantes (PSG) do SENAC-Recife.

4.6. Instrumentos da coleta

Os instrumentos de coleta de dados foram à pesquisa documental realizada nos cursos profissionalizantes do Programa Senac de Gratuidade (PSG) do SENAC-Recife e entrevista semi-estruturada.

4.6.1. Pesquisa documental

Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998) definiram a pesquisa documental como aquela realizada a partir de documentos qualquer registro escrito, contemporâneos ou retrospectivos, cientificamente autênticos conservados em órgãos públicos e privados, que possa ser usado como fonte de informação. A natureza dos documentos foi agrupada em: 1- fontes escritas ou não; prossegue com a 2- fontes primárias ou secundárias; e podemos concluí-la com a 3- contemporâneas ou retrospectivas no SENAC-Recife.

Conforme aponta Pádua (2004), os documentos podem ser primários agrupados em deliberadas e inadvertidas e, fontes secundárias: possui caráter limitado por passar de informação de uma pessoa a outra. Entre as vantagens da pesquisa documental está no baixo custo, não existe contato com os sujeitos da pesquisa e, permite uma profunda perícia das fontes pesquisadas (Gil, 2002).

O instrumento de recolha de dados privilegiado neste estudo centrou-se na pesquisa documental, a partir da análise de documentos institucional: diários de classe, ficha de matrículas, questionário e outros documentos de desistências escritos pelos próprios alunos, acompanhados pelos diretores e coordenadores pedagógicos, secretaria etc. (Bogdan & Biklen (1994; Alves-Mazzotti & Gewandsznajder, 1998).

A pesquisa documental ocorreu durante os meses de Abril a Agosto 2016. Com o objetivo de padronização dos procedimentos foi realizado pelo pesquisador. Inicialmente, após a autorização da Direção do SENAC-Recife, foi realizado contato com secretaria da instituição para programação da coleta dos dados. A coleta foi realizada no horário de

² Para o SENAC-Recife alunos desistentes são aqueles que justificaram os motivos da sua saída do curso ou instituição.

funcionamento da instituição e em horários determinados pela coordenação da secretaria administrativa do SENAC-Recife. Em seguida foi realizada a produção do bando de dados, posteriormente, os dados foram tabulados, sistematizados e, alocados em tabelas e quadros.

4.6.1.1. Variáveis analisadas

Foram consideradas sete variáveis independentes (sexo, idade, nível socioeconômico, questões familiares, atividade profissional, região de moradia, curso estudado) e uma variável depende (motivo da evasão do curso). No entanto, para diferenciação dos motivos da evasão escolar foram consideradas mais cinco variáveis dependentes, nas quais foram avaliados os motivos de ordem pessoais, familiares, socioeconômicos e institucional. Todas as variáveis foram categorizadas conforme o quadro 2.

Quadro 2. Categorização das variáveis utilizadas no presente estudo

Fatores	Variáveis	Categorias de análise
Demográficos	Sexo	Masculino
		Feminino
	Idade	14 -17 anos
		18 - 29 anos
		Acima de 30 anos
	Local de Residência	Região Metropolitana do Recife
Interior do Estado		
Socioeconômicos	Familiar	Quantidade de Pessoas no Grupo Familiar
		Casado ou Solteiro
		Valor da Renda Bruta Familiar R\$
		Tipo de Família: Parental e/ou monoparental.
		Chefe de Família
		Dependente ou arrimo de família
	Nível Socioeconômico	0 a 01 Salário Mínimo
		02 a 03 Salários mínimos
		Acima de 04 Salários mínimos
	Trabalho	Possui atividade laboral
		Não possui atividade laboral
	Educacionais	Escolaridade
Tipo de Instituição do Ensino Médio (Cursou ou Cursa):		
Matriculado na Educação Básica		
Egresso no Programa de Aprendizagem		
Egresso na Educação Básica		
Turno		Matutino
		Vespertino
		Noturno
Curso		Almoxarife
		Auxiliar de Operação em Logística
		Auxiliar de Pessoal
		Operador de Caixa
		Operador de Supermercado
		Promotor de Vendas
Motivo Extra Escolares: Pessoais		Vendedor
		Inserção no mercado de trabalho
		Dificuldade em custear as despesas para frequentar o curso
		Problema de saúde com o próprio
		Problema de saúde com familiares
		Problemas e conflitos famílias
		Uso de Álcool e outras drogas de membro da família
Motivos Intra Escolares: Dificuldades de Adaptação ao Ambiente Escolar e ao Curso.	O curso não atendeu às expectativas	
	Relacionamento com docentes	
	Dificuldades de adaptação ao ambiente escolar.	
	Ambientes pedagógicos	
	Desenvolvimento de competências propostas	

4.6.2. Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada é um dos instrumentos de coleta de dados mais utilizados na elaboração de pesquisa científica de caráter educacional. A sua versatilidade na aplicação em diferentes universos educacional e combinada a outros instrumentos de coleta oferece várias informações ao mesmo tempo em que aplicado.

Gerhardt & Silveira (2009) aponta que a entrevistas é um importante instrumento de interação social, uma forma de diálogo assimétrico em que o entrevistador busca obter dados, e o entrevistado se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de caráter exploratório é relativamente estruturada; a coleta de informações é altamente estruturada.

Para Fraser & Gondim (2004) a entrevista é um meio de apreensão da percepção e da vivência pessoal dos entrevistados. Laville & Dionne (1999) classifica as entrevistas em: Estruturada, na qual, se constrói exatamente como um questionário uniformizado com suas opções de respostas determinadas e em vez de serem apresentadas por escrito, cada pergunta e as respostas possíveis são lidas por um entrevistador que anota ele mesmo; semiestruturada elabora uma série de perguntas abertas, que são realizadas verbalmente em uma ordem prevista, contudo, o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento.

A entrevista semiestruturada foi constituída de questões previamente elaboradas, com possibilidade fazer necessárias adaptações. Por meio desse instrumento, buscamos identificar às ações motivacionais voltadas a permanência dos alunos nos cursos profissionalizantes (PSG) do SENAC-Recife. As questões elaboradas para entrevista semiestruturada estão voltadas à identificação pessoal e profissional dos docentes, assim como identificar programas e projetos institucionais destinado a combater a evasão nos alunos do (PSG). Nesse sentido, elaboramos um guia de entrevista utilizada durante a coleta dos dados.

A entrevista apresenta vantagens e desvantagens. A desvantagem da entrevista semiestruturada é altos custos; atinge uma população menor; maiores chances de haver distorções; muitas palavras podem não ser transcrita quando não compreendidas; o processo requer maior tempo do entrevistado e do entrevistador.

A vantagem da entrevista semi-estruturada maior possibilidade em esclarecer dúvidas; maior índice de resposta; maior possibilidade de refletir os problemas dos entrevistados; linguagem, ou seja, as usa terminologia mais adequada para o público-alvo; fácil identificar se os entrevistados estão respondendo espontaneamente (Laville & Dionne, 1999).

A entrevista permite a o pesquisador uma multiplicidade de abordagem e linguagem necessárias ao universo da investigação. Assim, esse instrumento promove um diálogo direto, possibilita ao entrevistador identificar os elementos não verbais que surgem como artifícios da linguagem norteadores da pesquisa qualitativa, como opiniões, posicionamento em relação aos fenômenos presente em seu contexto e referente ao mundo.

GUIÃO COM QUADRO DE ENTREVISTAS

Quadro 3. Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores do SENAC

Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores do SENAC	
Q1	Identificação profissional e pessoal dos professores (as) (gênero, idade, experiência e escolaridade).
Q2	Sua identificação em reação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido.
Q3	Conhecimentos acerca da evasão e desistência dos alunos
Q4	Percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar.
Q5	Conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes.
Q6	Uso da motivação como elemento de contextualização do conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula.
Q7	Observação dos alunos e alunas em momentos de avaliação de construção do desempenho.
Q8	Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado.
Q9	Como os alunos se comportam junto ao professor no contexto de inserção no mercado de trabalho.
Q10	Expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos.

Quadro 4. Descrição das categorias da entrevista aplicada a coordenadora do SENAC

Descrição das categorias da entrevista aplicada a coordenadora do SENAC	
Q1	Identificação profissional e pessoal dos professores (as) (gênero, idade, experiência e escolaridade).
Q2	Sua percepção em reação ao professor, acerca dos alunos evadidos.
Q3	Sua identificação em reação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido.
Q4	Percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar
Q5	Conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes.
Q6	Uso da motivação como elemento de contextualização do conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula.
Q7	Percepção das observações dos alunos e alunas acerca do professor em ficha de avaliação respondida por alunos de turmas com evadidos.
Q8	Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado.
Q9	Como os alunos se comportam junto a coordenação no contexto de inserção no mercado de trabalho.
Q10	Expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos.

4.7. Análise de Dados

4.7.1. Dados Quantitativos

O procedimento de tabulação dos dados foi efetuado no programa Microsoft Excel, utilizando procedimento de dupla entrada dos dados. A análise de dados foi realizada no pacote estatístico SPSS (versão 18). A análise descritiva incluiu para as variáveis categóricas a distribuição de frequência (relativa e absoluta) e intervalos de confiança para proporções. Para as variáveis numéricas foram calculados valores de média e desvio-padrão (Arango, 2011).

Na análise inferencial, foram utilizados os testes de Qui-quadrado de Arango (2011) para homogeneidade a fim de analisar as diferenças existentes entre as variáveis analisadas nos sujeitos do sexo masculino e feminino, cursos, turnos. Foram construídos modelos para testar a associação isolada entre as variáveis dependentes e cada variável independente. Foram traçamos o perfil demográfico, socioeconômico e escolar dos alunos. No nível intermediário traçamos o perfil familiar. Por fim analisamos os motivos da evasão escolar. Em todos os testes aplicados foi considerada significância estatística como valor de $p < 0,05$.

4.7.2. Dados Qualitativos

Considerou-se que a técnica de análise do discurso (Orlandi, 2005) poderia contribuir de modo mais eficaz para a interpretação dos discursos. Em seguida, após coleta dos dados, os mesmos foram submetidos a análise do discurso, que, segundo Foucault (1997) expressa diferentes formas de ver o mundo. A apresentação dos resultados da análise do discurso dos professores obtidos a partir da exploração das entrevistas semiestruturadas foram descritas em análise do discurso, onde os resultados foram construídos a partir da fala dos professores.

CAPÍTULO V. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Resultados qualitativos

Para o desenvolvimento dessa metodologia, a realização das entrevistas deu-se por meio de contato de verificação de disponibilidade, em seguida do agendamento prévio de acordo com a disponibilidade de tempo de cada instrutor e da coordenação pedagógica. Foi utilizado como recurso, um gravador do Iphone 5, para captura dos áudios. Como salienta Fraser & Gondim (2004) a entrevista é um meio de apreensão da percepção e da vivência pessoal dos entrevistados. foi fundamental estabelecer uma relação respeitosa e escolher um ambiente físico agradável. A transcrição das entrevistas para análise dos discursos se deu na etapa posterior(Apêndice).

Os produtos das seis entrevistas, desta pesquisa, vão compor as Formações Discursivas (FDs): Sua identificação em relação aos alunos e alunas acerca do aluno evadido; (FD): Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula; (FD) Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos.

5.1.1. Formação Discursiva (FD): Sua identificação em relação aos alunos e alunas acerca do aluno evadido.

A partir de uma entrevista realizada com cinco (5) professores e um (1) coordenador, foi possível construir uma análise acerca do discurso dissertado pelos entrevistados sobre sua relação com os alunos acerca dos alunos evadidos.

Quadro 5. Fragmentos das respostas obtidas na entrevista semiestruturada sobre sua identificação com relação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido.

Professor	Fragmentos das entrevistas
P1	“Nesse momento, nessa identificação para a gente é muito interessante, porque quando a gente chega na sala de aula e pergunta para os alunos cadê fulano, por que não veio? Daí imediatamente o próprio aluno ele vai dizer que a fulano não vai vir mais professora, por que não tem mais uma das passagens para pagar (...) eles ficam desmotivado triste com essa reação e saber que o outro colega está perdendo a oportunidade de um curso gratuito e profissionalizante”.
P2	“Muitas vezes era conflituoso permanecer dentro de uma sala de aula onde ia saindo algumas pessoas que se tornavam bem presentes na aula, mais aí eles sentiam falta mais concluíam o curso, davam andamento ao curso como deveria ser”.
P3	“Geralmente quando se inicia cursos profissionalizantes os jovens eles iniciam um laço afetivo, então quando existe a desistência. Eles perguntam por que desistiram, eles procuram saber por que desistiu então existe essa identificação nesse questionamento”.
P4	“Se a gente identifica que os colegas ficam um pouco triste, por que mais um colega não está presente em sala de aula eles criam vínculos, relacionamentos e a gente fica sempre se perguntando o que a gente pode fazer mais para que esse aluno ele continue frequentando as aulas (...) exemplo para os colegas quando vem a ver uma frequência maior de alunos evadidos e isso acabar atrapalhando e desestimulando eles por que o colega não está, mas assistindo aula”.
P5	“A cerca do colega evadido é possível perceber que os alunos eles falam sobre a questão da evasão sempre que uns desses colegas deixem de frequentar as aulas”.
C	“A evasão ela corre muito, é um número muito alto que a gente tem de evasão, eles se dão por essa questão da evasão pelas avaliações que a gente vem sempre fazendo, uns por conta do mercado de trabalho e outros também um índice muito alto é pela desmotivação dos alunos durante o curso”.

De acordo com as respostas dadas pelos professores acerca do conhecimento e identificação entre eles e os alunos em sala de aula e se tem informações acerca do aluno evadido, foi possível perceber que ambos os entrevistados relatam a mesma dificuldade quanto à aproximação com os alunos e a proximidade que os alunos criam entre si, fazendo com que eles tenham conhecimento sobre o problema do seu colega. É notório que a evasão é algo perceptível e além de deixar muitos colegas tristes, também os deixam desmotivados.

Segundo Antunes (2009) a relação entre professor e aluno compreende um conjunto de técnicas que facilitam a comunicação com os alunos, criando um clima de confiança entre eles, proporcionando uma aprendizagem efetiva, procurando resolver conflitos, trabalhar a autoestima, a ética, bem como os conhecimentos sistemáticos.

5.1.2. Formação Discursiva (FD): Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula.

Quadro 6. Fragmentos das respostas obtidas na entrevista semiestruturada sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula.

Professor	Fragmentos das entrevistas
P1	“Esse é um ponto muito importante, porque pra nos professores a gente sabe que um curso profissionalizante, Ele é meio que taxativo se agente voltar (filme de chalé capilé) Trabalho repetitivo e em serie e a gente não (...), mostrando a importância de você está se qualificando cada vez mais, agente traz autoconhecimento ,pessoas pra dar palestras isso é importante pra que eles possam se sentir cada vez mais motivados e assim não desiste do curso porque isso é que faz o diferencial desses cursos do PSG.
P2	“É de extrema importância frisar a motivação não apenas como algo distante da nossa realidade, mais sim para que eles também entendam que é buscando ferramentas de motivar-se para a gente conseguir encontrar um resultado, mediante ao conhecimento passado por aula e aplicado no mercado”.
P3	É de extrema importância essa questão de motivar, a gente sabe que ninguém motiva ninguém , a gente vai estimular então essa motivação ela vai acontecer se levarmos o jovem pra contextualizar eu estou aprendendo isso e eu vou aplicar esse conhecimento como, de que forma, então eu acho que a motivação acontece naturalmente em sala de aula quando a gente trabalha com dinâmicas ,com situações de aprendizagem que eles vão vivenciar no dia a dia ,na conclusão ,quando eles estiverem se candidatando a uma vaga então mais ficar mais fácil.
P4	“Eu acho que esse é o elemento fundamental e um dos principais, por que se um professor ele não se mostra motivado para capacitar o aluno que vem da realidade social extremamente difíceis pra que eles chegue até a sala de aula em relação a problemas familiares, problemas pessoas, problemas financeiros (...) para que busque o lugar dele no mercado de trabalho pra ele acreditar nele por que muitos chegam desacreditados e eu acho que um dos motivos da evasão também é isso é a falta de professores motivados o aluno possa se engajar e ter a vontade de não faltar a aula de esta presenta na aula de ser participativo.
C	A relação motivação e evasão ela é muito constante ela é bem apresentada mesmo e bem diagnosticada por que infelizmente a gente tem um número de evasão grande dado pela motivação principalmente pelo cenário econômico que a gente tem hoje então isso é um fator realmente muito grande dentro da instituição.

Em análise ao que foi respondido pelos entrevistados sobre o uso da motivação para melhorar as aulas fazer com que os alunos se sintam atraídos a voltarem para as aulas e concluírem seus cursos, a maioria entende que a motivação é um fator fundamental para que os alunos fiquem até o fim e também para que alguns alunos evadidos possam retornar e assim concluir sua qualificação. O professor motivado e consciente da realidade a qual muitos ali estão atrelados, como fatores sociais muito difíceis, problemas com a família e etc. Esse professor não irá transmitir essa motivação aos seus alunos e sendo assim, não irá conseguir reduzir o alto índice de evasão.

Em consonância com Torres (2005, apud Lück, 2011), afirma que a cultura que a escola deve assumir é desempenhar seu papel educacional na promoção do trabalho de formação e aprendizagem dos estudantes, e que a cultura organizacional da escola se

referem às práticas reais e coletivas da instituição de ensino, como também a cultura educacional concebe um comprometimento com o sistema de ensino.

5.1.3. Formação Discursiva (FD): Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos.

Quadro 7. Fragmentos das respostas obtidas na entrevista semiestruturada sobre quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos.

Professor	Fragmentos das entrevistas
P1	“A minha expectativa como professora que é assim a maioria dos professores é dos evadidos eu digo que é uma pena porque eles não puderam aproveitar, não se qualificaram e nem construíram também uma network, e nem também possibilitaram está no banco de dados do próprio SENAC para ser inserido no mercado de trabalho, isso foi uma pena (...), alguns criaram vínculos outros fizeram outros cursos que não eram mais gratuitos mais que tiveram a possibilidade de fazer isso ,e isso também foi muito positivo, agente também ver é uma expectativa tanto nossa quanto professor como do aluno ser inserido nesse mercado de trabalho que é tão dificultoso”.
P2	“Muitas vezes eles reatavam no primeiro dia de aula que era essencial para que o conhecimento viesse e eles tivessem a oportunidade de agir imediatamente com o aprendizado deles, então era algo para que eles começassem literalmente a trabalhar então essa é a expectativa que eles vinham e provocava no professor a ideia de sempre está presente com esse conhecimento e com esse nível prático para exercer no mercado. (...), está qualificado e ser inserido no mercado de trabalho.
P3	“A minha expectativa com relação aos alunos que se evadiram e que o programa o processo identifique os motivos o porquê desses alunos desistira no meio do processo, e os alunos que concluíram que chagaram até o final do processo que o mercado de trabalho absorva ele da melhor forma possível por que são jovens que precisam de uma oportunidade e que a gente faz todo esse trabalho com pessoas que tem dificuldades sócias econômicas de todas as formas com relação as oportunidades”.
P4	“A expectativa em quanto professor é que os alunos evadidos eles possam se encontra por que geralmente eles evadem por estarem perdidos por não saberem ainda um planejamento de vida, um projeto ,um propósito de vida e a gente tose pra que eles posam reencontra o caminho seja através do SENAC ou de algum outro curso profissionalizante ou do próprio ensino médio ,futuro vestibular, faculdade e os alunos não evadidos a gente fica feliz pela questão deles terem concluído, (...) e quando a gente olha é um dos nossos ex-alunos que hoje estão empregados ,fardados ,pai de família constituído família e muitas vezes também até constituindo negócio então a gente ver que vale apenas investi na educação que vale apenas desenvolver esse trabalho por que a educação ela dignifica o homem.
P5	“Em relação aos estudantes evadidos a expectativa pelo menos a nossa de professor é que ela tenha uma segunda oportunidade que ele tenha uma chance de voltar a estudar e que não aconteça essa questão da evasão , e daqueles que permaneceram a expectativa é que realmente eles consigam um espaço no mercado de trabalho (...) ela foi um fator diferenciado por que ela entrou nessa empresa ficou percorreu vários cargos e dessa empresa ela já foi para uma empresa do mesmo segmento e virou a gerente administrativa dessa empresa e claro que diante desse contexto ela fez um curso de administração ela teve seus progressos na aria educacional obviamente e hoje ela está como a responsável por uma empresa isso é muito gratificante.
C	“Os cursos profissionalizantes eles têm uma evasão muito grande e também tem a questão da motivação que é um item muito forte a evasão ela vai se dar tanto pela parte motivacional como a parte de inserção no mercado de trabalho”.

Segundo pudemos observar, os professores têm conhecimento acerca da gravidade do alto índice de evasão nos cursos profissionalizantes dos cursos do programa Senac de gratuidade, e segundo o discurso desses professores, eles têm uma grande expectativa sobre esses alunos se encontrarem ao longo do curso e retornarem, ou que a instituição perceba os principais motivos que levaram à evasão e que possa ser melhorado, fazendo com que esses alunos consigam chegar ao mercado de trabalho e assim obter sua realização pessoal e profissional.

No início da pesquisa questionava-se acerca das possíveis causas da evasão/exclusão escolar dos alunos do Programa Senac de Gratuidade do município de Recife. Uma questão a ser destacada refere-se justamente ao próprio problema da pesquisa. Tinha-se a ingênua pretensão de que, eliminando os “problemas” relacionados ao processo educativo ligados aos aspectos internos (metodológicos, administrativos e físicos) da escola, resolver-se-ia o problema da evasão, porém, a maior parte dos problemas relatados são da falta de estrutura familiar e financeira por parte do aluno.

Verificou-se também que os fatores extraescolares respondem em grande parte pela exclusão dos alunos do processo de formação profissionalizante. De acordo com as questões respondidas pelos professores, relacionadas aos fatores externos de estímulo ou exclusão desse processo, percebe-se que o maior gerador de afastamento da escola é a carência financeira, pois, a maior parte dos alunos são de comunidades carentes e a falta de trabalho e apoio por parte da família faz com que eles não possam dar continuidade aos seus cursos, pois, mesmo sendo gratuito, muitas vezes falta-lhes a passagem para o transporte.

Contraditoriamente, ao serem abordados nas questões relacionadas aos aspectos internos de motivação por parte dos professores em suas aulas, a maioria afirma que trazem dinâmicas para a sala de aula e que a motivação é muito importante para que os alunos sintam vontade de retornar as aulas até o término do curso. A posição da maioria dos entrevistados sobre as expectativas em relação aos estudantes evadidos, muitos relatam ser uma pena o fato dos alunos evadidos não poderem aproveitar a oportunidade de se qualificarem e também de fazer parte do banco de dados do próprio Senac para uma futura oportunidade de trabalho.

O trabalho ou as atividades a que as pessoas se dedicam são formas de satisfazer as suas necessidades que, por sua vez, são os fundamentos dos direitos estabelecidos na vida em sociedade. Direitos pelos quais os trabalhadores vêm lutando duramente nas últimas décadas. Direito à liberdade pessoal e à integridade física; à liberdade de expressão, direito à propriedade, ao trabalho, à justiça, ao bem-estar econômico, à educação e aos serviços sociais, à saúde, à alimentação, ao vestuário, à participação social dentre outros.

Quando questionados acerca do retorno de alguns evadidos aos cursos, os professores relatam que muitos os retornarem explicam os motivos pelos quais tiveram que abandonar o curso e só confirma a estatística que é a falta de recursos financeiros e de apoio por parte de parentes, pois, muitos já são mães e pais e não tem com quem deixar seus filhos.

Estas indagações podem nos mostrar que além das oportunidades educacionais acessíveis à população pouco escolarizada ou não escolarizada, a falta de uma ajuda financeira para o deslocamento, constitui uma falha do programa SENAC de gratuidade, o que poderá vir como sugestão futura. No entanto, esta existência por si só não efetiva esse direito, muito embora represente um ponto bastante significativo em sua direção.

Freire (2002), afirma que os sistemas educativos têm sido mais eficientes em assegurar o acesso e menos em assegurar a permanência e a efetiva aprendizagem. Questões bastante relevantes que foram respondidas relacionadas aos fatores de conhecimento acerca da evasão dos alunos, que se evidenciaram como fatores pessoais por parte de cada aluno, referenciaram também o entrosamento do aluno no grupo dentro do ambiente de estudo, o relacionamento com professores e colegas no curso, a possibilidade de novas aprendizagens e de experiências que deram a eles não só o sentimento de pertença a um determinado grupo como também ampliou os horizontes e perspectivas pessoais, levando-os a sonhar com a possibilidade de mudanças e realizações de projetos.

No entanto, tais constatações nos levam a refletir sobre a fala de Freire (2002, p.11) onde ele salienta que a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica e, não se alcança o que espera apenas esperando. O trabalho do professor dos cursos profissionalizantes, nesse sentido, é fundamental. O professor deve comunicar à coordenação do curso e juntos devem estar comprometidos com as reais condições de vida dos indivíduos, oferecendo-lhes educação de qualidade que implica necessariamente em uma formação sistemática, intencional e significativa, que os ajude a libertar-se da condição de oprimido, a fim de criar condições capazes de mobilizá-los para uma ação transformadora.

As respostas evidenciaram que grande parte dos entrevistados ao fazerem uma análise crítica relacionada ao conhecimento da importância da qualificação profissional para inserção no mercado de trabalho, os entrevistados denotam que os alunos têm um comportamento positivo e são muito inspirados a ingressarem no mercado de trabalho, mas em outros, é possível perceber um certo conformismo com a situação posta.

Destaca-se a importância de que os professores e a coordenação do programa Senac de gratuidade, atentem aos fatores que podem estar contribuindo para o grande índice de evasão nos cursos profissionalizantes, destacando a importância e a necessidade

de uma educação pautada num processo de mudança social com o objetivo de formar cidadãos dotados de consciência e de capacidade de posicionar-se criticamente frente ao discurso do outro. Para tanto, o professor deve estar instrumentalizado para que criar e recriar a sua prática através da reflexão constante do seu fazer cotidiano.

5.2. Resultados quantitativos

Na tabela 1 temos a distribuição dos casos de abandono do curso técnico realizado no SENAC segundo a situação do aluno, o turno do curso e o sexo do aluno. Verifica-se que no ano de 2012 houve 54 casos de abandono do curso e no ano de 2013 este número caiu para 12 casos (redução de 77,8%). Ainda, observa-se que no geral, a maioria dos alunos abandonam o curso por evasão (57,6%), dos cursos da tarde (53,0%) e são do sexo feminino (80,3%).

Para o ano de 2012 foi encontrada maior prevalência de alunos evadidos (64,85) enquanto que no ano de 2013 o maior percentual do abandono foi por desistência do curso (75,0%). Ainda, o teste de homogeneidade da distribuição foi significativo (p -valor = 0,012), indicando que houve uma mudança relevante na distribuição dos motivos de abandono do curso técnico do SENAC entre os anos de 2012 e 2013.

Para o turno dos cursos abandonados, verifica-se que tanto no ano de 2012 como no ano de 2013 houve maior abandono dos cursos realizados no período da tarde (50,0% e 66,7%, respectivamente). O teste de homogeneidade para o turno do curso abandonado não foi significativo (p -valor = 0,184), indicando que os cursos da tarde no ano de 2012 e 2013 sofrem de forma semelhante com o maior número de abandono.

Quanto ao sexo do aluno, foi encontrada maior prevalência de abandono dos cursos por parte dos alunos do sexo feminino tanto no ano 2012 como no ano de 2013 (81,5% e 75,0%). Ainda, observa-se que o teste de homogeneidade não foi significativo (p -valor = 0,691), indicando que o comportamento de abandono do curso com relação ao sexo continuou o mesmo entre os dois anos avaliados.

Tabela 1. Distribuição dos casos de abandono dos cursos profissionalizantes do SENAC, 2012 a 2013.

Fator avaliado	Total		Ano avaliado		p-valor
	N	%	2012 (n = 54)	2013 (n = 12)	
Situação do aluno					
Desistente	28	42,4	19(35,2%)	9(75,0%)	0,012 ¹
Evadido	38	57,6	35(64,8%)	3(25,0%)	
Turno					
Manhã	12	18,2	12(22,2%)	0(0,0%)	0,184 ²
Tarde	35	53,0	27(50,0%)	8(66,7%)	
Noite	19	28,8	15(27,8%)	4(33,3%)	
Sexo do aluno					
Masculino	13	19,7	10(18,5%)	3(25,0%)	0,691 ²
Feminino	53	80,3	44(81,5%)	9(75,0%)	
Curso realizado					
Almoxarifado	12	18,2	12(22,2%)	0(0,0%)	<0,001 ²
Auxiliar de op. em logística	4	6,1	0(0,0%)	4(33,3%)	
Operador de caixa	20	30,3	20(37,0%)	0(0,0%)	
Promotor de vendas	12	18,2	7(13,0%)	5(41,7%)	
Vendedor	18	27,3	15(27,8%)	3(25,0%)	

¹p-valor do teste Qui-quadrado para homogeneidade (se p-valor < 0,05 a distribuição de fator avaliado difere entre os anos de 2012 e 2013). ²p-valor do teste Exato de Fisher.

Gráfico 1. Distribuição dos casos de abandono segundo a situação do aluno, 2012 e 2013.

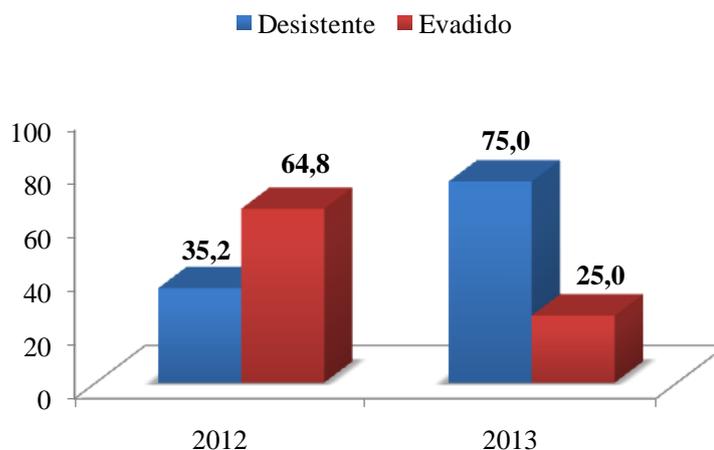


Gráfico 2. Distribuição dos casos de abandono segundo o turno do curso abandonado, 2012 e 2013.

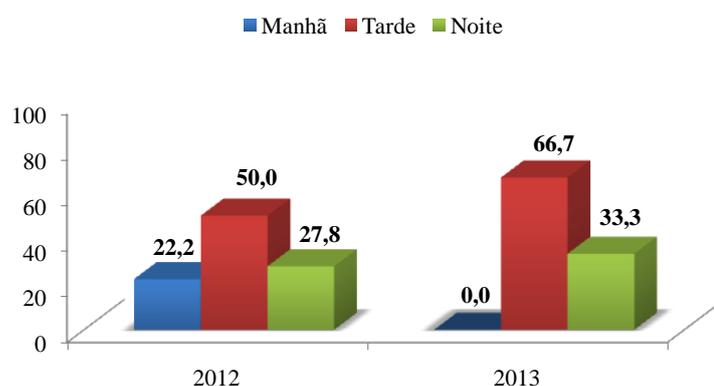


Gráfico 3. Distribuição dos casos de abandono segundo o sexo do aluno, 2012 e 2013.

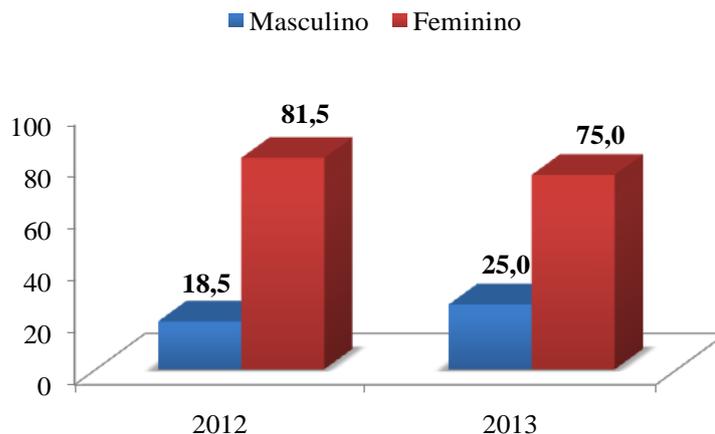
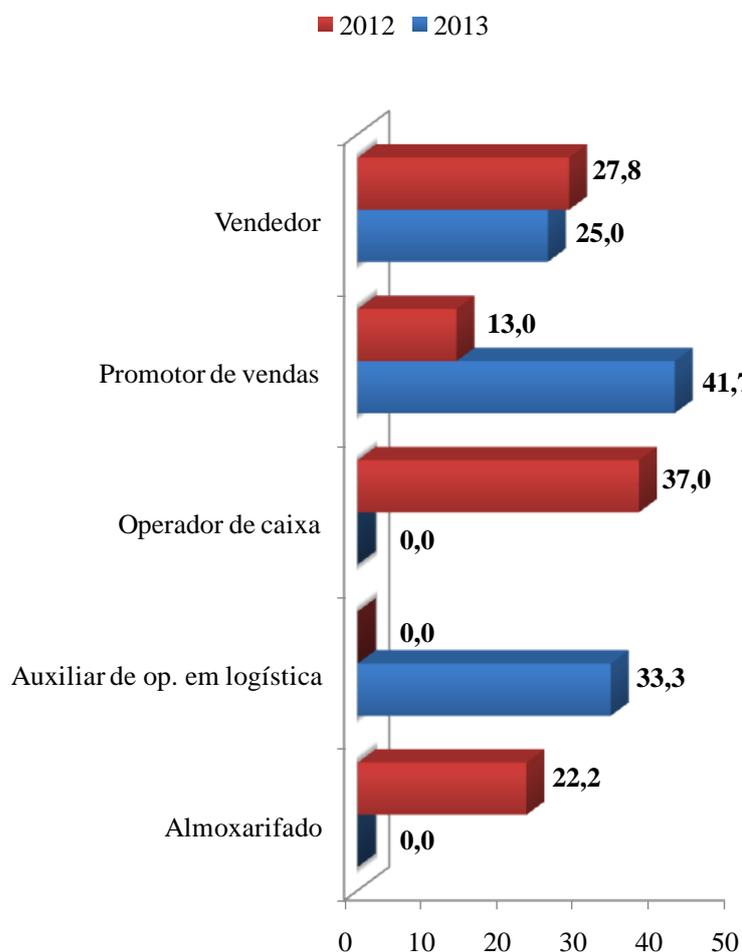


Gráfico 4. Distribuição dos casos de abandono segundo o tipo do curso, 2012 e 2013.



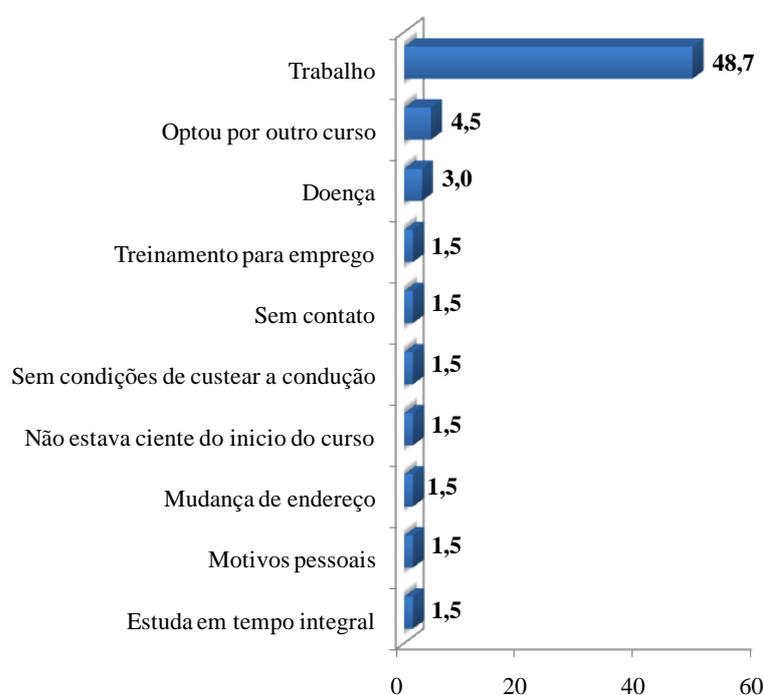
Na tabela 2 temos a distribuição dos motivos citados pelos alunos para o abandono do curso profissionalizante no SENAC. Verifica-se que a inserção no mercado do trabalho é o motivo mais prevalente entre os alunos avaliados (48,7%). Ainda, observa-se que em

33,3% dos casos não há a informação sobre o motivo para o abandono. Dessa forma, através do trabalho que a pessoa produz, cria, constrói, ergue, monta, desmonta a partir do que extrai da natureza transformando o mundo num espaço de objetos partilhados (Woleck, 2002). Conciliar trabalho e outra atividade tornou-se uma tarefa desafiadora, para algumas situações, a escolha é inevitável.

Tabela 2. Distribuição dos motivos para abandono do curso profissionalizante no SENAC, 2012 e 2013.

Motivo	n	%
Trabalho	32	48,7
Optou por outro curso	3	4,5
Doença	2	3
Estuda em tempo integral	1	1,5
Motivos pessoais	1	1,5
Mudança de endereço	1	1,5
Não estava ciente do início do curso	1	1,5
Sem condições de custear a condução	1	1,5
Sem contato	1	1,5
Treinamento para emprego	1	1,5
Sem Informação	22	33,3

Gráfico 5. Distribuição dos motivos para abandono do curso profissionalizante no SENAC, 2012 a 2013.



Na tabela 3 temos a distribuição da situação do abandono segundo o turno de estudo e o sexo do aluno. Verifica-se que a prevalência de evasão é maior no grupo de alunos da manhã (83,3%) e que com o passar do turno do dia há uma redução da evasão e um aumento da prevalência de desistência do curso. Indicando uma possível relação inversamente proporcional entre o turno da aula do curso e a prevalência de evasão. Mesmo sendo encontrada essa estreita relação entre o turno e a evasão, o teste de independência não foi significativo (p -valor = 0,077), indicando que a prevalência de desistência e de evasão não difere entre os turnos avaliados. Os cursos profissionalizantes são voltados a pessoas desempregadas, com baixa ou nenhuma qualificação profissional, à margem da sociedade em busca de sua inclusão social no mercado de trabalho (Manica & Caliman, 2010).

Quanto ao sexo, verifica-se que 53,8% dos homens e 58,5% das mulheres evadiram o curso. Além de ser verificada grande semelhança na prevalência de evasão, o teste de independência não foi significativo (p -valor = 0,761), indicando que o sexo não é fator determinante para alterar a situação do abandono.

Tabela 3. Distribuição da situação de abandono dos cursos profissionalizantes do SENAC, 2012 a 2013.

Fator avaliado	Situação do abandono		p-valor
	Desistente	Evadido	
Turno			
Manhã	2(16,7%)	10(83,3%)	0,077 ¹
Tarde	15(42,9%)	20(57,1%)	
Noite	11(57,9%)	8(42,1%)	
Sexo do aluno			
Masculino	6(46,2%)	7(53,8%)	0,761 ¹
Feminino	22(41,5%)	31(58,5%)	

¹p-valor do teste Qui-quadrado para independência (se p -valor < 0,05 o fator avaliado influencia na situação do abandono).

Gráfico 6. Distribuição da situação do abandono segundo o turno do curso, 2012 a 2013.

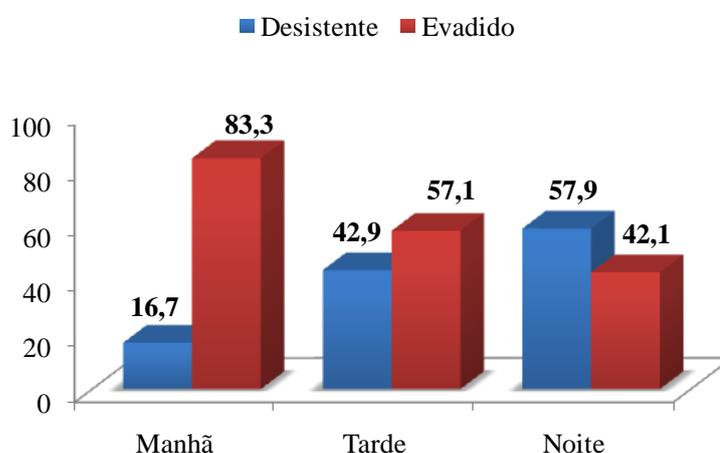
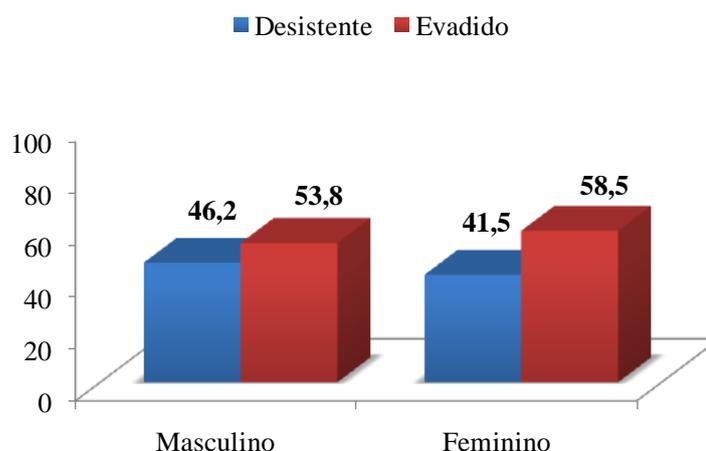


Gráfico 7. Distribuição da situação do abandono segundo o sexo do aluno, 2012 a 2013.



Entre essas variáveis, o sexo feminino apresentou maior quantitativo da evasão escolar que associados as questões de gênero, econômicos e culturais que interferem negativamente para elevar os indicadores de evasão escolar na educação profissionalizante. Com isso, as pessoas do sexo masculino em geral apresentam níveis menores de evasão escolar. Araújo (2009, p. 35) aponta que "baixa escolaridade está ligada ao maior índice de gestação na adolescência e início sexual precoce. Se o adolescente tivesse mais oportunidade de estar nas escolas e se estas escolas fossem mais sedutoras este quadro poderia ser revertido".

Entre os motivos econômicos com predomínio da evasão para o sexo masculino destaca-se a atividade profissional e o vínculo empregatício. Essas atividades ocupacionais são caracterizadas por grande esforço físico dos estudantes, necessário para sustentar a sua família. Desse modo os motivos são decorrentes do excesso de horas trabalhadas, dificuldade na conciliação do trabalho com o curso, dificuldade de relacionamentos interpessoais, pressão de chefia. A jornada dupla (atividade laboral e escola) proporcionou aos estudantes uma sobrecarga provocando a evasão escolar. Segundo Xiberras (1996), as considerações da exclusão assim como o fenômeno social, de realidade incontestável na história das civilizações, presentes nas escolas, famílias, a nível político e no mercado de trabalho, pode ser encontrada nos cursos profissionalizantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou contribuir trazendo para o conhecimento dos educadores e sociedade, abordagens acerca da evasão escolar nos cursos profissionalizantes trazendo em seu bojo uma contribuição para o desenvolvimento de mais atenção do corpo escolar e sociedade acerca da evasão e até políticas públicas na área de educação.

Os resultados obtidos mostram também que os fatores sociais respondem em grande parte pela exclusão dos alunos do processo de formação profissionalizante. Segundo as entrevistas realizadas com professores, os mesmos afirmaram que o maior fator de afastamento da escola é a carência financeira, pois, a maior parte dos alunos são de comunidades carentes e a falta de trabalho e apoio por parte da família faz com que eles não possam dar continuidade aos seus cursos, pois, não basta ser gratuito, se eles não têm como custear um transporte ou um lanche.

Os professores e a coordenação avaliados descreveram que tornam suas aulas mais dinâmicas, afim de reduzir os altos índices de evasão durante os cursos, as práticas com vídeo-aulas e participação ativa do aluno, além de prender a atenção dos mesmos para que eles permaneçam motivados até o fim do curso e assim através da qualificação ingressem o mercado de trabalho.

Quando existe uma boa relação entre professor e aluno, os mesmos sentem-se motivados durante todo o curso e criam um laço de cumplicidade e confiança, onde o aluno se sente à vontade para dividir com o professor as suas dificuldades cotidianas e, muitas vezes, desabafa seus problemas familiares.

Segundo Freire (2002), as instituições educacionais devem desenvolver métodos de assegurar a permanência do aluno na sala de aula, ele afirma que é dever da escola garantir ao aluno um ensino digno, equiparando a aprendizagem e motivando o aluno a novas práticas pedagógicas.

Todos os entrevistados relataram que a qualificação se faz um instrumento importante para alcançar o objetivo de ingressar no mercado de trabalho e como esse é um dos principais objetivos de quem busca os cursos do programa Senac de gratuidade, a instituição deve em conjunto com o governo, assegurar através de políticas públicas eficazes e voltadas exclusivamente à educação, trabalhar as falhas encontradas que podem ser motivo de evasão nas turmas.

A análise qualitativa mostrou que o ano de 2012 foi onde os índices de evasão foram mais elevados do que o ano de 2013, onde este percentual caiu para 77,8%. Em relação ao sexo, os dados mostraram que o sexo feminino apresentou um índice mais alto

de evasão devido à problemas pessoais como: cuidar dos filhos, não ter com quem deixar os filhos, dinheiro para custear o transporte ou ter que trabalhar em qualquer função mesmo sem qualificação, para assegurar o sustento de sua família. Em relação ao turno, evidenciou-se que os alunos do turno da tarde são os que mais se evadem e dificilmente retornam aos cursos, possivelmente pela relação diurna com trabalhos sem qualificação.

Contudo, os resultados desta pesquisa instigam futuras investigações científicas que poderão ser conduzidas com o objetivo de adicionar conhecimento ao tema da educação profissional e evasão.

O presente estudo teve um recorte acerca da evasão nos cursos do programa Senac de Gratuidade do município de Recife/PE, dando margem ao surgimento de outros estudos envolvendo outras instituições do porte do SENAC, possibilitando um conhecimento maior acerca de uma problemática tão constante e seus desafios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, C. (2009). *A prática de novos saberes* (2ª ed.). Fortaleza: Editora IMEPH.
- Arango, A. (2011). *Análise de Dados Qualitativos*. Medellín, Colômbia.
- Batista, S. D., Souza, A. M., & Oliveira, J. M. da S. (2009). A evasão escolar no ensino médio: um estudo de caso. *Revista Profissão Docente*, v. 09(19), 1-19. Uberaba.
- Bourdieu, P. (1992). *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Boruchovitch, E. (2009). Inteligência e motivação: perspectivas atuais. In Boruchovitch, E., & Bzuneck, J. A. (Orgs.), *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea* (4ª ed., pp. 96-115). Petrópolis: Vozes.
- Boruchovitch, E. (2009). *A motivação do aluno* (4.ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Cavalcante, J. R. de S. (2014). *Identidade negra e a (des) construção de estigmas por meio do discurso: a atuação psicopedagógica para uma formação multicultural*. João Pessoa: UFPB.
- Chuwer, D. (1998). A formação de educadores para a educação profissional. *Tecnologia educacional*, v. 26(143), 37-39. Rio de Janeiro.
- Coelho, A. J. Dal P. (2014). *Permanência e abandono escolar na educação profissional: um estudo sobre Instituições Federais de Joinville e Jaraguá do Sul* (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UTFPR.
- Correia, E. V. (2012). Origem, familiar, características e motivação do aluno: quais as relações com o aumento ou a diminuição do risco de repetência no final do primeiro segmento do ensino fundamental. *GT 14 – Educação Especial da 35ª Reunião Anua da Anped*. Ipojuca: ANPED.
- Correia, C. S. de S. (2016). *A certeza da incerteza: percursos e projetos de jovens marcados pelo insucesso e abandono escolares* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.
- Colvero, R. B., & Jovino, D. P. (2014). Evasão acadêmica nas IES do Brasil: uma análise do ano de 2010. *RAES, Año 6(8)*, 62-85. Argentina.
- Detregiachi Filho, E. (2012). *A evasão escolar na educação tecnológica: o embate entre as percepções subjetivas e objetivas* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, São Paulo/SP.
- Diniz, C. S., & Quaresma, A. G. (2016). Evasão de jovens do ensino médio: causas intraescolares segundo os evadidos de uma escola pública. *Revista CAMINE: Caminhos da Educação*, v. 8(2), 113-134. Franca.
- Ferretti, C. J., Silva Jr., J. R., & Oliveira, M. R. N. S. (Orgs.). (1999). *Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Revista Paideia*, v. 14(28), 139-152.

- Freire, P. (1979). Educação e o processo de mudança social. In *Educação e mudança* (12ª ed., pp.27-42). São Paulo: Ed. Paz e terra.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (25ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Freitag, B. (2005). *Escola, estado e sociedade* (7ª ed.). Rev. São Paulo: Centauro.
- Gerhardt, T. E. I., & Silveira, D. T. (2009). *Método de Pesquisa*. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Gimeno, J. (1996). Políticas y prácticas curriculares: determinación o búsqueda de nuevos esquemas? In Pacheco, J., Palmira, M., & Assunção, M. (org.), *Reforma Curricular: da Intenção à Realidade. Actas do III Colóquio sobre Questões Curriculares*. Braga: Universidade do Minho.
- Hadji, C. (1994). *Avaliação: as Regras do Jogo*. Porto: Porto Editora.
- Guimarães, S. E. R. (2009). Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. A. (orgs). *Motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hallewell, L. (2005). *O livro no Brasil: sua história* (2ª ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Hatanaka, T. K. (2016). *O Impacto da ampliação no ensino fundamental de nove anos na evasão e reprovação do estudante* (Monografia). São Paulo: Insper.
- Kuenzer, A. Z.. (2006). As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. In Ferreira, N. S. C. (Org.). *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios* (5ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Laville, C., & Dione, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Leal, A. M. S. F. P. (2016). *Evasão na Educação Profissional: estudo de caso de estudantes com necessidades específicas no Campus Taguatinga do Instituto Federal de Brasília* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação de Santarém, Instituto Politécnico de Santarém.
- Lüscher, A. Z., & Dore, R.. (2011). Política educacional no Brasil: educação técnica e abandono escolar. *RBPG - Políticas, Sociedade e Educação*, v. 8(1), 147 – 176. Brasília.
- Lück, H. (2011). *Gestão da cultura e do clima organizacional da escola* (2ª ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Maslow, A. H. (1970). *Motivation and personality* (2ª ed.) New York: Harper & Row.
- Manfredi, S. M. (2002). *Educação profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez.

- Manica, L., & Caliman, G. (2010, set/dez). Cursos profissionais na perspectiva da pedagogia social. *Boletim Técnico do SENAC: A revista da educação profissional*, v.36(3). Rio de Janeiro: SENAC/DN.
- Paranhos, M. P. (2010, mai/ago). A Política Educacional para a formação dos trabalhadores e a especificidade do projeto capitalista brasileiro: o ideário educacional em função da (des) qualificação do trabalho. In *Boletim Técnico SENAC: R. Educação*, v. 36(3). Rio de Janeiro.
- Patto, M. H. S. (1999). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pedralli, R., & Ceruti, N.E. (2013, jul/set). Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 13(3). Belo Horizonte.
- Pinheiro, J. M. L., & Fonseca, E. A. A. da. (2013). Avaliação, repetência e evasão escolar: um discurso sobre suas correlações. In *VI Congresso Internacional de Ensino de Matemática* (pp. 01-11). Canoas: ULBRA.
- Prentice H. (2009). *Motivação do Aluno: contribuições da psicologia contemporânea* (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ribeiro, M. L. S. (1993). *História da educação brasileira: a organização escolar* (13ª ed.). Campinas (SP): Editora Autores Associados.
- Robbins, S. P. (2009). *Comportamento organizacional* (6ª ed.). São Paulo: Editora Pearson.
- Sagrilo, J. C. (2016). *O programa de prevenção e combate à evasão escolar (PPCEE) como agente de inclusão educacional: uma análise de resultados (2011-2014)* (Dissertação de Mestrado). Cascavel: UNIOESTE.
- Saviani, D., & Sanfelice, J. L. (Orgs.). (2007). *Capitalismo, trabalho e educação* (3ª ed., Coleção Educação Contemporânea). Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR.
- Silva, J. de C. R. (2016). *Fatores de influência na evasão escolar: um estudo de caso em cursos técnicos subsequentes do campus Brasília do Instituto Federal de Brasília*. (Dissertação de Mestrado). Santarém: Instituto Politécnico de Santarém.
- Souza, N. de J. (1995). *Desenvolvimento Econômico* (2ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Spector, P.E. (2006). *Psicologia nas organizações*. São Paulo: Saraiva.
- Torres, M. M.. (2009). Um estudo sobre a evasão escolar e o compromisso dos envolvidos no processo. In *O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: Produção Didático-Pedagógica (Caderno Temático diferentes questões em busca de uma educação de qualidade)*, v. 02, 64–83. Cornélio Procópio/Jacarezinho, Paraná: UENP/IES.
- Xiberras, M. (1996). *As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário dos desvios*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vergara, S. C. (2003). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.

LEGISLAÇÃO

- Brasil, Presidência da República. (1946a). *Decreto-Lei nº 8.621, de 10 de Janeiro de 1946: dispõe sobre a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e dá outras providências*. Rio de Janeiro: Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del8621.htm>. Acesso em 3 de julho de 2016.
- Brasil, Presidência da República. (1946b). *Decreto-Lei nº 8.62, de 10 de Janeiro de 1946: dispõe sobre a aprendizagem dos comerciários, estabelece deveres dos empregadores e dos trabalhadores menores relativamente a essa aprendizagem e dá outras providências*. Rio de Janeiro: Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De18622.htm> Acesso em 8 de julho de 2014.
- Brasil, Presidência da República. (1973). *Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937*. Rio de Janeiro: Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em 11 de agosto de 2016.
- Brasil, Presidência da República. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em 14 de julho de 2014.
- Brasil, Presidência da República. (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n.º 8.069, de 13 de Julho de 1990*. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos - Casa Civil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em 8 de maio de 2015.
- Brasil, Presidência da República. (1996). *Lei n.º 9.394, de 20 de Dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 28 de janeiro de 2014.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. (2004). *Proposta em discussão: políticas públicas para a educação profissional e tecnológica*. Brasília: MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/p_publicas.pdf> Acesso em 18 de abril de 2015.

WEBGRAFIA

- Almeida, A. M. B. de et al. (s.d.). *Primeira infância e gravidez na adolescência*. Fortaleza: RNPI/IFAN/ CEIIAS/VM/UNICEF. pp. 01-34. Disponível em < <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/01/Cartilha-Gravidez-Adol-FINAL-HD.pdf> > Acesso em 14 de abril de 2016.
- Araújo, J. E. N. R. de. (2009). *Avaliação escolar x repetência e os reflexos do sistema educacional no desenvolvimento de adolescentes: um estudo realizado com alunos do interior de Minas Gerais e do estado do Rio de Janeiro* (Dissertação de Mestrado Profissional). Volta Redonda: Centro Universitário de Volta Redonda. Disponível em <http://web.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecasma/arquivos/03.pdf > Acesso em 29 de junho de 2017.
- Barbosa, E. T, et al. (2016). Fatores determinantes da evasão no curso de Ciências Contábeis de uma Instituição Pública de Ensino Superior. *XIII Congresso USP: Iniciação Científica em Contabilidade Building Knowledge in Accounting* (pp. 01-22). São Paulo: USP.
- Boavida, A. M., & Ponte, J. P. (2002). Investigação colaborativa: potencialidades e problemas. In GTI (Org.). *Refletir e investir sobre a prática profissional* (pp. 01-14). Lisboa: APM. Disponível em <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4069/1/02-Boavida-Ponte%20\(GTI\).pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4069/1/02-Boavida-Ponte%20(GTI).pdf) > Acesso em 02 de março de 2016.
- Boruchovitch, E., & Bzuneck, J. A. (s. d.). *Motivar seus alunos: sempre um desafio possível*. Rio de Janeiro: Vozes. Disponível em < <http://www.unopar.br/2jepe/motivacao.pdf> > Acesso em 18 de abril de 2015.
- Corazza, H.. (1991). Ideologia do trabalho. In Didoné, I. M., & Fernandes, F. A. M. (Orgs.). *Trabalho: aspirações e realidade*. São Paulo: Edições Loyola. Disponível em < https://books.google.com.br/books?id=4HLVjv0CXyIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false > Acesso em 28 de março de 2016.
- Fonseca, C. S. (1961). *História do Ensino Industrial no Brasil*. Rio de Janeiro: Escola Técnica. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document/327224020/FONSECA-Celso-Suckow-Historia-do-Ensino-Industrial-no-Brasil-pdf> > Acesso em 8 de agosto de 2016.
- Forgiarini, S. A. B., & Silva, J. C. da S. (2007). Fracasso escolar no contexto da escola pública: entre mitos e realidades. In *XIX Semana de Educação/35 Anos de Curso de Pedagogia/Simpósio de Educação: formação de professores no contexto da pedagogia histórico-crítica* (pp. 01-14). Cascavel: Unioeste. Disponível em < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-4.pdf> > Acesso em 18 de janeiro de 2015.
- Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (1998). *Informe estatístico do MEC revela melhoria do rendimento escolar*. Brasília: INEP. Disponível em < http://portal.inep.gov.br/rss_censo-escolar/-/asset_publisher/oV0H/content/id/19145 > Acesso em 11 de abril de 2016.

Info Escola Site. Geografia de Pernambuco. (s.d.). Disponível em < <http://www.infoescola.com/geografia/geografia-de-pernambuco> > Acesso em 28 de agosto de 2017.

Job, F. P. P. (2003). *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações* (Tese de Doutorado). São Paulo: EAESP/FGV. Disponível em < <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2535/71441.PDF?sequ>. > Acesso em 18 de abril de 2015.

Kobayashi, Rika M.; Frias, Marcos Antonio da E. & Leite, Maria Madalena Januário. (2001). Caracterização das publicações sobre a educação profissional de enfermagem no Brasil. USP: *Rev. esc. enferm*, v. 35, n.1, pp.72-79. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342001000100012>. Acesso em: 18 Janeiro de 2017.

Krawczyk, N. (2011). Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cadernos de Pesquisa*, v. 41(144), 752-769. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf>> Acesso em 25 de abril de 2017.

Leal, E. A., Miranda, G. J., & Carmo, C. R. S. (2011). Teoria da autodeterminação: uma análise da motivação dos estudantes do curso de ciências contábeis. *III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade - EnEPQ. João Pessoa/PB 20-21 novembro de 2011*. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rcf/v24n62/07.pdf>> Acesso em 23 de julho de 2017.

Lens, W., Matos, L., & Vansteenkiste, M. (2008, jan/abr) Professores como fontes de motivação dos alunos: o quê e o porquê da aprendizagem do aluno. *Educação*, Porto Alegre, v. 31(1), 17-20. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2752/2100>> Acesso em 21 de abril de 2017.

Lima, R. S. de. (2015). Educação-mercadoria e mercadoria-educação: uma aproximação desde as categorias d'O Capital. In *IV Seminário Internacional: Crise Do Capital, Periferia Urbana, Lutas Sociais e Serviço Social. Mesa 01: Crise do capital, criminalização da pobreza e das lutas sociais* (pp. 57-69). Juiz de Fora: UFJF. Disponível em <http://www.ufjf.br/seminariointernacionalss/files/2015/11/anais_iv_seminario_ss.pdf> Acesso em 27 de setembro de 2016.

MEC - Ministério da Educação. (2008). *Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica*. Brasília: MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf> Acesso em 9 de janeiro de 2014.

Mello, G. N. de. (1991). Políticas públicas de educação. *Estudos Avançados*, v.5(13), 7-47. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000300002> > Acesso em 19 de maio de 2016.

Moreira, J. de O. et al. (2015). A escola e a semiliberdade: a importância do diálogo. Belo Horizonte: *Psicologia em Revista*, v. 21(1), 50-65. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n1/v21n1a05.pdf>> Acesso em 14 de abril de 2015.

Nóvoa, A. (2001). *O espaço público da educação: imagens, narrativas e dilemas* (pp. 01-30). Lisboa: Dom Quixote,. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4797/1/9723109565_1_30.pdf> Acesso em 20 de julho de 2017.

- Nóvoa, A. (2004). *Currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência* (pp. 01-11). Lisboa: Dom Quixote. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4816/1/8575161121_1_11.pdf> Acesso em 14 de fevereiro de 2017.
- Pedralli, R., & Rizzatti, M. E. C. (2013). *Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita*. Belo Horizonte: RBLA. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/2013nahead/aop2213.pdf>> Acesso em 28 de abril de 2016.
- Pedroso, M. L. (2010). PROEJA: recortes de uma realidade educacional. Novo Hamburgo: *Revista Liberato*, v. 11(16), 127-135. Disponível em <[http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%2011,%20n.%2016%20\(2010\)/3.%20Proeja%20-%20Recortes%20de%20uma%20realidade%20educacional.pdf](http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%2011,%20n.%2016%20(2010)/3.%20Proeja%20-%20Recortes%20de%20uma%20realidade%20educacional.pdf)> Acesso em 5 de setembro de 2016.
- Pezzi, F. A. S., & Marin, A. H. (2016). Seguindo em frente!: O fracasso escolar e as classes de aceleração.: *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 20(2), 219-227. São Paulo. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0202953>> Acesso em 11 de setembro de 2017.
- Silva, E. S. (2009). Stress ocupacional de professores. Goiânia: *Centro Científico Conhecer, Enciclopédia Biosfera*, v. 05(8), 01-12. Disponível em <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2009B/Stress.pdf>> Acesso em 5 de maio de 2014.
- Silva, E. A., Arruda Filho, M. A. R., & Macedo, S. M. V.. (2010). Prazer e sofrimento no trabalho: um estudo diagnóstico junto aos trabalhadores que praticam pára-queda em seus momentos de lazer. *Psicologia*, vol. 24(1), 141-160. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492010000100007&lng=pt&tlng=pt> Acesso em 28 de julho de 2015.
- Steimbach, A. A. (2012). *Juventude, escola e trabalho: razões da permanência e do abandono no curso técnico em agropecuária integrado* (Dissertação de Mestrado). UFPR. Disponível em <<https://observatorioensinomedio.files.wordpress.com/2014/02/allan-a-steimbach-dissertac3a7c3a3o-razc3b5es-da-permanc3aancia-e-do-abandono-escolar.pdf>> Acesso em 15 de agosto de 2016.
- Teles, M. A. P., & França, K. M.de (2015). Juventude, trabalho e educação: desafios postos para as Políticas Públicas de Juventude em tempos de globalização. In *IV Seminário Internacional: Crise Do Capital, Periferia Urbana, Lutas Sociais e Serviço Social. Mesa 01: Crise do capital, criminalização da pobreza e das lutas sociais* (pp. 290-301). Juiz de Fora: UFJF. Disponível em <http://www.ufjf.br/seminariointernacionalss/files/2015/11/anais_iv_seminario_ss.pdf> Acesso em 17 de fevereiro de 2017.
- Vasconcellos, C. dos S. (2004). Superação da lógica classificatória e excludente: a avaliação como processo de inclusão. In *Anais do III Seminário de Educação de Arcos* (pp. 01-32). Arcos/MG. Disponível em <<http://www.celsovasconcellos.com.br/Download/Superacao.pdf>> Acesso em 23 de abril de 2016.
- Woleck, A. (2002). O Trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. *Revista de Divulgação Técnico-científica*, 01-05. Disponível em <<http://www.posuniasselv i.com.br/artigos/rev01-05.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE I



SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA ANÁLISE DOCUMENTAL E REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS



Recife, 13 de setembro de 2016

DECLARAÇÃO
AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA DE MESTRADO

Prezadas, Prof^ª. Dra. Maria das Graças Ataíde Andrade de Almeida e Prof^ª.
Dra. Maria Eduarda Margarido.

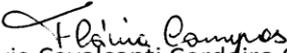
A Unidade de Tecnologia do Varejo do Serviço Nacional de Aprendizagem
Comercial – SENAC, localizada na Avenida João de Barros, 1593.
Espinheiro, Recife, Pernambuco, Brasil.

Autoriza para os devidos fins, o Pesquisador Nélio Fernando da Fonsêca
Aguiar e Silva de CPF nº 087.435.584-29 de passaporte FG964551 aluno
da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola Superior
de Educação Almeida Garrett para o desenvolvendo e construção de sua
dissertação de Mestrado.

Cuja metodologia com procedimentos: Entrevistas aos instrutores e
coordenação, também aquisição de dados e análise de documentos dos
alunos desta instituição, por meio da análise documental das cartas ou
formulários de justificativa de desistência e evasão dos cursos
profissionalizantes do Programa SENAC de Gratuidade (PSG), preenchidas
pelos nossos próprios alunos evadidos como também da coordenação
pedagógica, referente ao período de 2010 até 2015.

Certos de que os funcionários e alunos do SENAC/PE, envolvidos nesta
referida pesquisa estarão em anonimato além de não revelar as suas
identidades.

Autorizo,


Flavia Cavalcanti Cordeiro Campos.
Gerente da Unidade de Tecnologia do Varejo

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Departamento Regional de Pernambuco

Administração Regional
Av. Visconde de Suassuna, 500 Santo Amaro CEP 50050-540
Recife/PE Tel: 81 3413 6666 Fax: 81 3423 8779 www.pe.senac.br

APÊNDICE II



DECLARAÇÃO DE ATESTADO DE PESQUISA DE MESTRADO



Recife, 30 de maio de 2017

DECLARAÇÃO
ATESTADO DE PESQUISA DE MESTRADO

Prezadas, Prof^ª. Dra. Maria das Graças Ataíde Andrade de Almeida e Prof^ª. Dra. Maria Eduarda Margarido.

A Unidade de Tecnologia do Varejo do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, localizada na Avenida João de Barros, 1593, Espinheiro, Recife, Pernambuco, Brasil.

Declara para os devidos fins, que o Pesquisador Nélio Fernando da Fonsêca Aguiar e Silva de CPF nº 087.435.584-29 de passaporte FG964551 aluno da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola Superior de Educação Almeida Garrett, realizou durante seis meses pesquisas de entrevistas e análises documental em nossos arquivos, pastas e fichários em pesquisa para o desenvolvendo e construção de sua dissertação de Mestrado.

Cuja metodologia com procedimentos: Entrevistas aos instrutores e coordenação, também aquisição de dados e análise de documentos dos alunos desta instituição, por meio da análise documental das cartas ou formulários de justificativa de desistência e evasão dos cursos profissionalizantes do Programa SENAC de Gratuidade (PSG), preenchidas pelos nossos próprios alunos evadidos como também da coordenação pedagógica, referente ao período de 2010 até 2015, as pesquisando cuidadosamente, escaneando e as arquivando em seguida, devolvendo em bom estado ao arquivo do SENAC de forma organizada.

Certos de que os funcionários e alunos do SENAC/PE, envolvidos nesta referida pesquisa estarão em anonimato além de não revelar as suas identidades, declaro que o Nélio Fernando da Fonsêca Aguiar e Silva de CPF nº 087.435.584-29 passou 6 meses empenhado na referida pesquisa.

Grata,


Flavia Cavalcanti Cordeiro Campos.
Gerente da Unidade de Tecnologia do Varejo

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Departamento Regional de Pernambuco

Administração Regional
Av. Visconde de Suassuna, 500 Santo Amaro CEP 50050-540
Recife/PE 81 3413 6666 81 3423 8779 www.pe.senac.br

APÊNDICE III



GUIÃO DE ENTREVISTAS DOS PROFESSORES/INSTRUTORES

QUADRO 1: Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores/instrutores do SENAC	
1	Identificação profissional e pessoal dos professores (as) (gênero, idade, experiência e escolaridade).
2	Qual a sua identificação em reação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido?
3	Conhecimentos acerca da evasão e desistência dos alunos?
4	Percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar?
5	Conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes?
6	Uso da motivação como elemento de contextualização do conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula?
7	Observação dos alunos e alunas em momentos de avaliação de construção do desempenho?
8	Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado?
9	Como os alunos se comportam junto ao professor no contexto de inserção no mercado de trabalho?
10	Expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos?

APÊNDICE IV



GUIÃO DE ENTREVISTAS DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

QUADRO 2: Descrição das categorias da entrevista aplicada a coordenação pedagógica do SENAC	
1	Identificação profissional e pessoal dos professores (as) (gênero, idade, experiência e escolaridade).
2	Sua percepção em relação ao professor, acerca dos alunos evadidos?
3	Sua identificação em reação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido?
4	Percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar?
5	Conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes?
6	Uso da motivação como elemento de contextualização do conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula?
7	Percepção das observações dos alunos e alunas acerca do professor em ficha de avaliação respondida por alunos de turmas com evadidos?
8	Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado?
9	Como os alunos se comportam junto a coordenação no contexto de inserção no mercado de trabalho?
10	Expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos?

APÊNDICE V

Entrevista dos instrutores/professores P-1



Entrevista aplicada aos instrutores/professores do SENAC

Questão 1. Identificação do entrevistado:

Professor (1):

Idade: 40 anos

Gênero: Feminino

Formação: Pedagoga, psicopedagoga, e mestre em ciências da educação pela ZAG

Tempo de formação: 10 anos

Questão 2. Sua identificação com relação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido?

R: nesse momento, nessa identificação para a gente é muito interessante, porque quando a gente chega na sala de aula e pergunta para os alunos cadê fulano, por que não veio? Daí imediatamente o próprio aluno ele vai dizer que a fulano não vai vir mais professora, por que não tem mais uma das passagens para pagar, porque não tem mais quem fique com sua filha, então a gente começa a ver que eles ficam desmotivado triste com essa reação e saber que o outro colega está perdendo a oportunidade de um curso gratuito e profissionalizante.

Questão 3. Conhecimentos acerca da evasão de desistência dos alunos do?

R: Eles tem conhecimento desses outros colegas que faltaram, devido a eles morarem perto, e á oportunidade do curso PSG que é importante pra eles porque a instituição tem um nome e o curso oferecido por essa instituição é gratuito e de qualidade e o que acontece, se esse aluno fez essa desistência de dinheiro da passagem, por falta de quem vai ficar com seu filho ou filha , que normalmente agente tem uma turma que prioritariamente são mulheres e o que acontece nos professoras ficamos meio que de mãos atadas, por que por mais que agente queira trazer atividades diferenciadas e motivacionais, mais eles tem aparte social que não contribui que eles continue esse curso.

Questão 4. Qual a percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar?

R: A percepção desses possíveis motivos daí eu já ressaltar na primeira e na segunda pergunta que é , muitos deles estão em uma comunidade carente e que nessa comunidade carente eles por estarem desempregados por não ter uma ajuda de custo financeiro não ter uma contribuição maior e não ter emprego faz com que eles desistam do curso, então nos primeiros meses que eles conseguem essa passagem. Conseguem ter um lugar pra deixar seus filhos e filhas eles conseguem participar, mais aos poucos não conseguem, então isso vai fazendo com que eles desistam e isso cria nossa evasão, que também é desmotivado pra nos professoras porque agente ver as salas se esvaziando.

Questão 5. Seu conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes do programa PSG o qual você atuou como instrutor ?

R: Pra nos que somos contratadas ,em relação aos cursos como o de vendas ,o de mercado todos os cursos que são oferecidos SENAC, que eles precisam saber nos temos que ter um currículo trabalhado dentro dessa ética profissionalizante, então eu que já dei aula de ética profissional, então eu preciso já ter trabalhado nessa área de esta profissionalizando e mostrando como funciona essa logística esse funcionamento para que eles possam ter uma bagagem bem abrangente e assim poder desempenhar quando o curso for concluído.

Questão 6. Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula?

R: Esse é um ponto muito importante, porque pra nos professores a gente sabe que um curso profissionalizante, Ele é meio que taxativo se agente voltar (filme de chulé capilé) Trabalho repetitivo e em serie e a gente não , pra gente fazer com que o curso profissionalizante seja motivacional ,agente traz dinâmicas, agente traz vídeos que possam ser da vida real, mostrando a importância de você está se qualificando cada vez mais, agente traz autoconhecimento ,pessoas pra dar palestras isso é importante pra que eles possam se sentir cada vez mais motivados e assim não desiste do curso porque isso é que faz o diferencial desses cursos do PSG.

Questão 7. É sobre a observação dos alunos e alunas em momento de avaliação , de construção de desempenho ?

R: Esse ai é muito interessante porque o próprio programa do PSG ele traz uma avaliação de desempenho e essa avaliação de desempenho que normalmente é aplicada pela coordenação dos cursos que faz com que eles fiquem meio que apreensivos mais ao

mesmo tempo eles relaxam , por que eles falam tudo ,o que foi aplicado nas aulas , eles falam o que eles aprenderam com a professora com os alunos e isso é muito gratificante, porquê agente também tem um feedback do nosso trabalho, e isso é muito bom eu acho que é um ponto muito positivo pra o programa.

Questão 8. Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado?

R: Sim! existe muitas dificuldades agente sabe que por eles virem da periferia de comunidades carente , eles apresentam as dificuldades de não ser aceito em alguns mercados de trabalho, e esse curso profissionalizante é importante, eles apresentam realmente a historia do racismo que sofrem por alguns ser negros e negras, isso é uma dificuldade social muito grande , eles apresentam também a dificuldade por não ter ate mesmo uma vestimenta adequada pra poder fazer uma entrevista de emprego e isso o momento dá gente esta socializando junto e pensando numa solução. Mais é os cursos profissionalizantes também proporciona isso da gente esta preparando e focando nessas dificuldades sociais que agente também não vai poder esta resolvendo mais agente consegui pensar em alguma s soluções.

Questão 9. Como os alunos se comportam junto ao professor no contexto de inserção no mercado de trabalho ?

R: Isso aqui é interessante porque os alunos eles aproveitam esse momento de troca de experiência com o professor e pede mesmo como se fosse construir um net work junto ao professor, para poder dizer assim mesmo , olhe professor eu preciso e quero ser inserido no mercado de trabalho quais são as dicas que você trás pra gente ,como é que eu posso esta mim comportando, eles pedem pra gente ensinar a construir um currículo eles pedem pra gente poder esta facilitando esse processo que no ensino básico eles não aprendem no ensino regular isso não é ensinado e o curso profissionalizante ele traz esse diferencial que é muito gratificante e como o PSG foi melhor ainda porque são pessoas da comunidade de periferia que estão se qualificando e que foi uma pena alguns ter se evadido, isso foi uma pena mais é assim que funciona.

Questão 10. Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos ?

R: A minha expectativa como professora que é assim a maioria dos professores é dos evadidos eu digo que é uma pena porque eles não puderam aproveitar, não se qualificaram e nem construíram também uma network, e nem também possibilitaram está no banco de

dados do próprio SENAC para ser inserido no mercado de trabalho, isso foi uma pena. Para os que concluíram eu acredito que é uma bagagem muito grande que foi construída, alguns dos outros alunos que eu conheço hoje vejo que estão trabalhando na área de vendas, porque eu tenho o contato no facebook e isso pra mim é gratificante, alguns criaram vínculos outros fizeram outros cursos que não eram mais gratuitos mais que tiveram a possibilidade de fazer isso ,e isso também foi muito positivo, agente também ver é uma expectativa tanto nossa quanto professor como do aluno ser inserido nesse mercado de trabalho que é tão dificultoso.

APÊNDICE VI - ENTREVISTA DOS INSTRUTORES/PROFESSORES P-2



Entrevista aplicada aos instrutores/professores do SENAC

Questão 1. Identificação do entrevistado:

Professor: (2)

Idade: 28 anos

Gênero: Masculino

Formação: Bacharel em administração, com pós-graduação em gestão de serviços

Tempo de formação:

Questão 2. Sua identificação com relação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido?

R: Muitas vezes era conflituoso permanecer dentro de uma sala de aula onde ia saindo algumas pessoas que se tornavam bem presentes na aula, mais aí eles sentiam falta mais concluíam o curso, davam andamento ao curso como deveria ser.

Questão 3. Conhecimentos acerca da evasão de desistência dos alunos do?

R: Alguns deles voltavam, e acabavam relatando o que acontecia, ou era uma condição financeira que não existia permitindo a continuidade do curso, as vezes era em relação a oportunidade de trabalho, um contrato que se abria para que eles tivessem oportunidade no mercado antes mesmo de terminar o curso e por isso por gerar uma renda pra eles e pra família eles saíam do curso.

Questão 4. Qual a percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar?

R: A falta de estímulo pela família, a ausência de recursos para se manter recursos básicos, a questão também de um mercado que procura uma demanda não tão qualificada e por isso os alunos precisam da esse retorno imediato e acabam entendendo que não tem uma qualificação completa, vai de certa forma também da renda da família deles.

Questão 5. Seu conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes do programa PSG o qual você atuou como instrutor ?

R: Acredito que eles estão integralizados, estão bem sincronizados tanto os cursos que eu ministrei ,quantos os cursos que tinha previsão de ministrar também, tem uma ligação direta com o mercado e eles entre se estavam sincronizados de uma forma cinérgica.

Questão 6. Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula?

R: É de extrema importância frisar a motivação não apenas como algo distante da nossa realidade, mais sim pra que eles também entendam que é buscando ferramentas de motivar-se para a gente conseguir encontrar um resultado ,mediante ao conhecimento passado por aula e aplicado no mercado.

Questão 7. Acerca da observação dos alunos e alunas em momento de avaliação , de construção de desempenho ou seja as avaliações que são aplicadas, qual a sua percepção em relação a essa observação ?

R: Por muitas vezes eles estavam preparados,mais pela palavra avaliação eles tinham um certo receio em responder ou se mostrar de certa forma como eles vinham sendo desenvolvidos.

Questão 8. Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado?

R: Sim ! existe muitas vezes eles entre eles repassavam isso em algum momento de interação e de solicitação de atividades eles relatavam que não tinha determinado computador, ou algum produto que pudessem ajudar no conhecimento deles.

Questão 9. Como os alunos se comportam junto ao professor no contexto de inserção no mercado de trabalho ?

R: Eles tem um comportamento muito positivo de esta sendo preparado, inspirados para trabalhar , bem como o professor também leva essa ideia que a qualificação é essencial pra que eles consigam exercer bem as atividades deles.

Questão 10. Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos ?

R: Muitas vezes eles reatavam no primeiro dia de aula que era essencial para que o conhecimento viesse e eles tivessem a oportunidade de agir imediatamente com o aprendizado deles, então era algo para que eles começassem literalmente a trabalhar então essa é a expectativa que eles vinham e provocava no professor a ideia de sempre está presente com esse conhecimento e com esse nível prático para exercer no mercado. A minha perspectiva é que eles consigam alcançar aparte do conhecimento que era ministrado em sala de aula e praticado também como uma forma de base para que eles chegassem a exercer literalmente o que eles procuraram para aquele determinado momento que seria gerar uma renda mediante o curso profissionalizante, está qualificado e ser inserido no mercado de trabalho.

APÊNDICE VII - ENTREVISTA DOS INSTRUTORES/PROFESSORES P-3



Entrevista aplicada aos instrutores/professores do SENAC

Questão 1. Identificação do entrevistado:

Professor: (3)

Idade: 50 anos

Gênero: Feminino

Formação: Administração de empresas, tenho curso de pedagogia e especialização em administração com ênfase em marketing, e administração hospitalar.

Tempo de formação: Estou atuando como professora a 17 anos

Questão 2. Sua identificação com relação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido?

R: Geralmente quando se inicia cursos profissionalizantes os jovens eles iniciam um laço afetivo, então quando existe a desistência. Eles perguntam por que desistiram, eles procuram saber por que desistiu então existe essa identificação nesse questionamento.

Questão 3. Conhecimentos acerca da evasão de desistência dos alunos do?

R: O meu conhecimento com relação a evasão agente tem um controle que é a chamada então quando agente faz a chamada agente verifica que aquele aluno ele esta desistindo agente entra em contado com o aluno ,pede pra instituição entra em contato ou agente mesmo faz essa ação, então existe sim esse conhecimento com relação a desistência ,ate mesmo por que agente precisa fazer a construção

Questão 4. Qual a percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar?

R: Acredito que intensifico três pontos : primeiro o mais importante e mais grave é a questão econômica,então assim o PSG ele é um curso profissionalizante que ele vai trazer muitos

benefícios ,mais enquanto o jovem não esta formado ele tem a questão econômica, então ele precisa de passagem , precisa de alimentação.

O segundo ponto seria ,a não intensificação do curso ele vai se inscrever porque ele esta desempregado, por que ele precisa de uma formação profissional mais, ele durante o processo ele se identifica que não era bem aquilo que ele queria então existe a desistência por esse motivo.

E também a questão da motivação, existe jovens que estão ali e que não são motivados o suficiente para dar continuidade.

Questão 5. Seu conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes do programa PSG o qual você atuou como instrutor ?

R: Bem, o conhecimento sobre os currículos dos cursos é bem vasta, com relação a cursos relacionados a gestão, a comercio, a saúde então assim existe um leque de possibilidades, então o PSG ele vai oferecer não só cursos voltados pra aria de vendas , mais ele vai oferecer cursos pra aria de beleza ,aria de gestão ,ate mesmo pra aria de logística.

Questão 6. Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula?

R: É de extrema importância essa questão de motivar, a gente sabe que ninguém motiva ninguém , a gente vai estimular então essa motivação ela vai acontecer se levamos o jovem pra contextualizar eu estou aprendendo isso e eu vou aplicar esse conhecimento como, de que forma, então eu acho que a motivação acontece naturalmente em sala de aula quando a gente trabalha com dinâmicas ,com situações de aprendizagem que eles vão vivenciar no dia a dia ,na conclusão ,quando eles estiverem se candidatando a uma vaga então mais ficar mais fácil.

Questão 7. Acerca da observação dos alunos e alunas em momento de avaliação , de construção de desempenho ou seja as avaliações que são aplicadas, qual a sua percepção em relação a essa observação ?

R: É bem interessante essa avaliação ela é repassada, agente faz um feedback com os alunos, então os alunos que não atingiram um desenvolvimento construído agente vai chegar próximo a ele e vai dizer o que esta acontecendo, e dizer o que ele pode fazer pra resgatar , agente faz um reforço , agente faz o possível pra que os alunos eles consigam atingir depois de todo o processo todo o caminhar , eles consigam desenvolvimento construído mais é bem interessante agente dando esse feedback eles se aproximam e percebem onde agente quer chegar com toda essa avaliação com todo esse processo.

Questão 8. Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado?

R: Sim ! existe essa dificuldade ela é visível, um exemplo agente vai trabalhar o curso de auxiliar administrativo então o conhecimento que agente vai usar muito é o conhecimento na área da matemática e na área do português, então o assistente administrativo ele vai redigir algumas cartas ,ele precisar auxiliar no departamento pessoal no fechamento de uma folha então isso vem de onde , da má formação escolar, então as dificuldades sociais se apresenta sim na sala de aula ,então agente tem uma certa dificuldade ate alcançar o desenvolvimento construído então essa questão dessa dificuldade social ela é notória ela é apresentada e acontece muito na sala de aula .

Questão 9. Como os alunos se comportam junto ao professor no contexto de inserção no mercado de trabalho ?

R: Agente percebe que como agente passa um tempo próximo a ele profissionalizando, eles tem essa facilidade, ate mesmo a liberdade de buscar e procurar saber, quais são os caminhos, professora a senhora mim auxilia a fazer o currículo , assenhora leva uns currículos pra as empresas que a senhora conhece , existe sim esse comportamento que é natural.

Questão 10. Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos ?

R: A minha expectativa com relação aos alunos que se evadiram e que o programa o processo identifique os motivos o porquê desses alunos desistiram no meio do processo, e os alunos que concluíram que chegaram até o final do processo que o mercado de trabalho absorva ele da melhor forma possível por que são jovens que precisam de uma oportunidade e que a gente faz todo esse trabalho com pessoas que tem dificuldades sócias econômicas de todas as formas com relação as oportunidade.

APÊNDICE VIII - ENTREVISTA DOS INSTRUTORES/PROFESSORES P-4



Entrevista aplicada aos instrutores/professores do SENAC

Questão 1. Identificação do entrevistado:

Professor: (4)

Idade: 33 anos

Gênero: Masculino

Formação: Administrador, marketing e gestão de pessoas.

Tempo de formação: a mais de 10 anos tanto como professor como consultor de carreira e de negócios.

Questão 2. Sua identificação com relação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido?

R: Se a gente identifica que os colegas ficam um pouco triste, por que mais um colega não está presente em sala de aula eles criam vínculos, relacionamentos e a gente ficam sempre se perguntando o que a gente pode fazer mais para que esse aluno ele continue frequentando as aulas para que ele não venha a prejudicar o futuro deles e ao mesmo tempo também isso não venha a soar como um mau exemplo pra os colegas quando vem a ver uma frequência maior de alunos evadidos e isso acabar atrapalhando e desestimulando eles por que o colega não está, mas assistindo aula.

Questão 3. Conhecimentos acerca da evasão de desistência dos alunos do?

R: Tenho conhecimento sim, e são vários fatores em relação ao núcleo de família que ele esta inserido, relação uma situação pessoal muitas vezes essas alunos estão inicio da puberdade, então entra a questão de relacionamentos amorosos, influências também que vem desses relacionamentos, ou por questão de trabalho muitas vezes acabam arranjando trabalho então não conseguem conciliar com o horário da aula do curso, isso mesmo e isso é só um dos muitos que podem aparecer então muitas vezes também tem a questão da própria base família, que o aluno já não era bem inserido no ensino médio, no ensino fundamental então veio pra o SENAC vem pra esse curso PSG como se fosse para o pai a

salvação da lavoura , a oportunidade de profissionalizar e já empregar ,mas se ele não teve uma base solida então assim a um pouco de uma resistência pra ele iniciara e finalizar o curso.

Questão 4. Qual a percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar?

R: (o mesmo respondeu na pergunta anterior ,informação dada pelo professor entrevistador Nélio)

Questão 5. Seu conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes do programa PSG o qual você atuou como instrutor ?

R: Sim conheço bem, a gente como professor a gente precisa entender toda a matriz curricular inclusive até por que na falta de um professor e a gente estando presente a gente podendo juntar a turma e adiantar alguma atividade em fim não deixar o aluno ocioso e a grade curricular é uma grade que ela permeia desde o inicio da base mesmo o SENAC trabalha muito essa questão de ética, moral e depois vai pras arias mais as principais características de cada curso mais é uma grade bem completa uma grade que traz uma extensão importante pra quem quer hoje entrar no mercado de trabalho o SENAC faz isso com certeza.

Questão 6. Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula?

R: Eu acho que esse é o elemento fundamental e um dos principais, por que se um professor ele não se mostra motivado para capacitar o aluno que vem da realidade social extremamente difíceis pra que eles chegue até a sala de aula em relação a problemas familiares, problemas pessoas, problemas financeiros o problema com ele mesmo enquanto ele busca se encontra como pessoa que está em processo de formação por ainda não ter alcançado a maior idade ou as vezes até já com a maior idade mais ainda com a mentalidade que não foi desenvolvida em relação idade que ele apresenta e motivação ela entra muito nisso para que os jovens não desista ,para que ele busque o lugar dele no mercado de trabalho pra ele acreditar nele por que muitos chegam desacreditados e eu acho que um dos motivos da evasão também é isso é a falta de professores motivados pra trazer também essa influência positiva que venha a motivar , ninguém motiva ninguém mais a gente influencia pra que a motivação que é uma porta que se abre de dentro pra fora ela possa ser aberta e o aluno possa se engaja e ter a vontade de não faltar a aula de esta presenta na aula de ser participativo.

Questão 7. Acerca da observação dos alunos e alunas em momento de avaliação , de construção de desempenho ou seja as avaliações que são aplicadas, qual a sua percepção em relação a essa observação ?

R: A gente nota que tem alguns alunos nesse momento que a gente está fazendo a avaliação deles seja através de provas, seja através de trabalhos de classe, apresentações, seminários ou até extra classe quando a gente fazia algumas visitas guiadas a gente nota que aqueles alunos que tem uma base mais sólida em relação que já veio do ensino médio, então eles tem uma sede maior em querer aprender em querer reter o que melhor daquela atividade por que ele sabe que aquilo vai construir o currículo dele aquilo vai somar ponto mais na frente e a gente já vê outros que ficam mais dispersos na questão de não ter uma base tão sólida não ter apoio dentro de casa e muitas vezes também , a gente faz o possível pra que também a gente não fique deixando de criar guetos dentro de sala de aula por que muitas vezes é um gueto que não é voltado pra estudar pra querer tirar o melhor ali é mais pra diversão o que acaba atrapalhando ele.

Questão 8. Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado?

R: Sim , como a gente já falou a base familiar conta muito nisso e aí a gente tem alguns casos de alunos que chegam inclusive sem esta 100% alfabetizados então alunos com mais de 16 anos que não sabiam ler, não sabiam escrever e realmente isso complicava um pouco a construção do saber desse jovem desse aluno por conta justamente de ele ainda estar alguns passos atrás em relação aos demais da sala então a gente tinha um trabalho diferenciado com esses alunos justamente pra que eles pudessem acompanhar a turma e pra poder se encaixar no objetivo do programa que era o final do curso ou durante o curso poder arranjar uma oportunidade de emprego seja estágio ou CLT.

Questão 9. Como os alunos se comportam junto ao professor no contexto de inserção no mercado de trabalho ?

R: Então os alunos eles ficam bem assim ansiosos pela questão de querer saber a expectativa sobre um processo seletivo, expectativa sobre questão de qual é a melhor empresa, qual o melhor cargo, qual melhor função por que eles começam a as oportunidades que o curso apresenta pra eles , as oportunidades que o mercado e a vida , e a vida deles que pode mudar justamente com esse primeiro passo que é a história de todos nós enquanto professores também iguais a eles iniciamos nossa vida justamente estagiando numa pequena empresa depois oportunidade pra uma média empresa, mais o principal é

eles identificarem que tudo precisa ser construído de baixo, precisa trabalhar forte ,precisa trabalhar com foco por que as oportunidades elas sempre vão chegar lá na frente.

Questão 10. Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos ?

R: A expectativa em quanto professor é que os alunos evadidos eles possam se encontra por que geralmente eles evadem por estarem perdidos por não saberem ainda um planejamento de vida, um projeto ,um propósito de vida e a gente tose pra ´que eles posam reencontra o caminho seja através do SENAC ou de algum outro curso profissionizante ou do próprio ensino médio ,futuro vestibular, faculdade e os alunos não evadidos a gente fica feliz pela questão deles terem concluído, a questão justamente do curso por que a gente tose muito pra que a gente pode ver o resultado desses alunos frente as dificuldades que aparecem mais que não tem pagamento maior pra gente professor que a gente esta em algum estabelecimento comercial ou andando pela rua e a gente escuta aquela vozinha lá em baixo chamando professor e quando a gente olha é um dos nossos ex-alunos que hoje estão empregados ,fardados ,pai de família constituído família e muitas vezes também ate constituindo negocio então a gente ver que vale apena investi na educação que vale apena desenvolver esse trabalho por que a educação ela dignifica o homem.

APÊNDICE IX - ENTREVISTA DOS INSTRUTORES/PROFESSORES P-5



Entrevista aplicada aos instrutores/professores do SENAC

Questão 1. Identificação do entrevistado:

Professor: (5)

Idade: 49 anos

Experiência profissional: Eu trabalho com docência desde 2000

Gênero: Feminino

Formação: Sou formada em comunicação social com habilitação em relações públicas e pós-graduada na docência do ensino superior.

Questão 2. Sua identificação com relação aos alunos e alunas presentes em sala, acerca do colega evadido?

R: A cerca do colega evadido é possível perceber que os alunos eles falam sobre a questão da evasão sempre que uns desses colegas deixem de frequentar as aulas.

Questão 3. Conhecimentos acerca da evasão de desistência dos alunos do?

R: Na realidade sobre a questão da desistência não é possível eu lhe falar, por que a desistência acontece a nível de secretaria o aluno ele só vem pra sala quando de fato ele esta vindo frequentando a aula ,então ele pode ser um aluno que permanece ou pode ser um aluno que vá por algum motivo se evadir, então a gente com certeza percebe a evasão do aluno aparte do momento que ele deixa de vir uma vez ,duas vezes a gente já entra em contato pra saber por que ,qual o motivo dessas faltas consecutivas se a gente tem um aluno que falta três dias consecutivamente a gente já entra em contato ai verifica-se se houve evasão ou não quando o aluno realmente deixar de ir a gente não espera que isso aconteça durante muito tempo então é possível sim ter conhecimentos sobre a questão da evasão, da desistência ela vai esta na caderneta apenas como um aluno que desistiu não sei exatamente por qual motivo.

Questão 4. Qual a percepção dos possíveis motivos que podem motivar a evasão escolar?

R: sobre as questões dos motivos que eu tenho percebido o aluno ele se evade no sentido de ter tido um problema de saúde , eu já tive algumas vezes esse caso do aluno deixar de frequentar as aulas para um tratamento de saúde prolongada ,então ele passa lá trinta, quarenta dias com a doença infectocontagiosa ele não poderia de forma alguma esta frequentando a aula, o outro motivo é que ele precisa trabalhar e esse trabalho vai exigir dele oito horas de trabalho diário e muitas vezes ele não consegue por ser uma pessoa muito jovem talvez ele não consegue fazer com que tenha esse esforço de trabalhar e estudar as vezes ele desiste ,também percebo pela questão as vezes acontece de uma aluna engravidar e ela realmente não conseguir continuar no curso pela questão de ter tido filho e não conseguiu juntar esses dois momentos na vida.

Questão 5. Seu conhecimento sobre o currículo dos cursos profissionalizantes do programa PSG o qual você atuou como instrutor ?

R: Na realidade os cursos profissionalizantes como você fala são vários eu ou te dar um exemplo de um curso de vendedor, é um dos cursos que a gente tem que o operador de telemarketing que são cursos que normalmente a gente tem muitos alunos matriculados, ele vai desde o momento do ser da pessoa como estudo de mercado de trabalho ,estudo de ética , cidadania, meio ambiente , sustentabilidade até a parte técnica que é realmente o que é ser vendedor ,quais são os parâmetros de conhecimento de produto ,quais são os parâmetros de conhecimento do cliente então o currículo ele vai forma tanto a parte técnica do aluno como a parte do aluno como ser humano e diante do mercado de trabalho capacita-lo também pra essa inclusão do marketing pessoal como é que ele vai lhe da com esse mercado de trabalho.

Questão 6. Sobre o uso da motivação como elemento de contextualização no conhecimento na educação profissionalizante em sala de aula?

R: Certamente a questão da motivação é um fator de suma importância o aluno ele precisa estar motivado para que ele possa desenvolver seus conhecimentos construir esse seu conhecimento e aparte desse conhecimento que ele vai disputar uma vaga no mercado de trabalho isso significar que quando a gente explica, explicita para o aluno que ele vai através desse conhecimento conseguir uma vaga no mercado de trabalho isso é um fator de motivação ele realmente fica com maiores expectativas e essas expectativas recaem justamente no melhor aproveitamento do curso.

Questão 7. Acerca da observação dos alunos e alunas em momento de avaliação , de construção de desempenho ou seja as avaliações que são aplicadas, qual a sua percepção em relação a essa observação ?

R: A avaliação normalmente ela é feita dentro daqui da instituição sobre três parâmetros básicos: a avaliação diagnostica quando a gente diagnostica como é que esse aluno chegou em sala de aula , desculpa primeira a gente faz a avaliação formativa durante o processo da educação e por fim a gente chega com a avaliação somativa , a avaliação formativa é o momento que a gente tem uma possibilidade de fazer um reajuste nesse conhecimento contribuir com o aluno identificar onde que ele esta precisando melhorar os conhecimentos pra que ele possa no final na avaliação somativa chegar com um bom resultado ele é percebido pelo aluno como um momento de expectativa ele precisa mostra o conhecimento que ele tem muitas vezes é o conhecimento pratico é o saber fazer que a gente procura e as vezes realmente o aluno fica nessa expectativa e isso gera uma ansiedade em alguns alunos mais o nosso intuito de avaliar não é deixar ninguém ansioso e sim fazer com que a pessoa construa sólidos conhecimentos pra que fique em pé de igualdade com qualquer outra pessoa que esteja buscando uma vaga no mercado de trabalho.

Questão 8. Existem dificuldades sociais apresentadas pelos alunos durante o aprendizado?

R: Sim existe sim dificuldades sociais o aluno PSG ele é uma aluno que vem para o programa justamente por que ele não tem condições a vezes ,não digo a totalidade mais em muitos casos , ele não tem a condição financeira por exemplo para pagar por esses cursos então existe sim uma vulnerabilidade que a gente pensa na questão social no parâmetro financeiro .

Questão 9. Como os alunos se comportam junto ao professor no contexto de inserção no mercado de trabalho ?

R: Os alunos eles sempre pesquisa com o professor qual o resultado daquele curso, qual o resultado no sentido de que esse curso qual o acesso que ele mim dar frente ao mercado de trabalho isso é uma inquietação do aluno ,alguns não alguns já sabem qual é o objetivo do curso ,qual é inserção dele nesse mercado de trabalho isso depende de aluno pra aluno e esse comportamento junto do professor sempre acontece , que é justamente pesquisa para saber se realmente é isso que ele quer e a gente usa sempre visitas técnica pra que ele veja na pratica se realmente aquilo que ele tem como expectativa é aquilo que ele vai vivenciar no seu dia-a-dia como profissional se é isso realmente que ele quer.

Questão 10. Quais as expectativas em relação aos estudantes evadidos e não evadidos dos cursos ?

R: Em relação aos estudantes evadidos a expectativa pelo menos a nossa de professor é que ela tenha uma segunda oportunidade que ele tenha uma chance de voltar a estudar e que não aconteça essa questão da evasão , e daqueles que permaneceram a expectativa é que realmente eles consigam um espaço no mercado de trabalho aparte do momento que ele se dedicou e é essa a expectativa dele também a parte do momento que ele se identificou com o curso que ele realmente venha a trabalhar e que tenha sucesso , existe por exemplo eu tive uma aluna vou dar só esse exemplo tem vários exemplos , ele fez um curso conosco e der repente ela ouve a solicitação da empresa pra que a gente encaminhasse alguns alunos e eu encaminhei pelo menos os seis pra o mercado de trabalho na naquela ocasião e ela foi um fator diferenciado por que ela entrou nessa empresa ficou percorreu vários cargos e dessa empresa ela já foi para uma empresa do mesmo segmento e virou a gerente administrativa dessa empresa e claro que diante desse contexto ela fez um curso de administração ela teve seus progressos na aria educacional obviamente e hoje ela está como a responsável por uma empresa isso é muito gratificante.

APÊNDICE X - ENTREVISTA DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA – C1



Entrevista da coordenação pedagógica

Questão 1. Identificação do entrevistado:

Coordenador pedagógico: (1)

Idade: 32 anos

Gênero: Feminino

Experiência profissional: Coordenação pedagógica

Formação: pós-graduada

Questão 2. Qual a percepção da coordenação a cerca da evasão nos cursos ?

R: A evasão ela corre muito, é um número muito alto que a gente tem de evasão, eles se dão por essa questão da evasão pelas avaliações que a gente vem sempre fazendo, uns por conta do mercado de trabalho e outros também um índice muito alto é pela desmotivação dos alunos durante o curso.

Questão 3. Como você ver os motivos que levam a evasão?

R: Bom os motivos que leva como eu já tinha falado anteriormente é a questão do mercado de trabalho inserção no mercado de trabalho e a própria desmotivação do aluno durante a realização do curso.

Questão 4. Qual a percepção da coordenação a cerca da comunidade escola sobre a evasão?

R: Bom a comunidade escolar na verdade ela não se aplica muito na questão sobre da evasão a gente ver que ainda fica muito a desejar e que se a gente tivesse muito mais amplitude talvez esses números eles fossem diminuindo

Questão 5. A cerca percepção da coordenação em relação comunidade escola sobre a evasão?

R: Bom a comunidade escola ela deixa ainda um pouco a desejar que na verdade ela não faz o papel dela na integridade por que falta ainda muitos conhecimentos, mais se a gente

tivesse uma comunidade muito mais forte com certeza o numero da evasão seria bem menor .

Questão 6. A relação motivação e evasão ?

R: A relação motivação e evasão ela é muito constante ela é bem apresentada mesmo e bem diagnosticada por que infelizmente a gente tem um numero de evasão grande dado pela motivação principalmente pelo cenário econômico que a gente tem hoje então isso é um fator realmente muito grande dentro da instituição.

Questão 7. Em relação ao conhecimento sobre o currículo e cursos profissionalizantes?

R: Sim eu tenho conhecimentos.

Questão 8. como você ver o currículo dos cursos profissionalizantes?

R: Os currículos dos cursos profissionalizantes eles estão bem atualizados de acordo com o mercado de trabalho então são cursos que realmente eles conseguem , é quando os alunos fazem o termino serem bem inseridos no mercado de trabalho de acordo com que o mercado e a atuação deles estão exigindo hoje.

Questão9. Como você ver a evasão e motivação dos cursos profissionalizantes?

R: Os cursos profissionalizantes eles têm uma evasão muito grande e também tem a questão da motivação que é um item muito forte a evasão ela vai se dar tanto pela parte motivacional como a parte de inserção no mercado de trabalho.

Questão10. Os cursos profissionalizantes e a inserção no mercado de trabalho ?

R: Ele tem a questão do serviço nacional de aprendizagem comercial então ele é um forte indicador pra inserção do mercado de trabalho a gente tem realmente um número muito grande de alunos que ao termino dos cursos eles já são inseridos e como eu já tinha dito com a nova proposta do modelo pedagógico a gente tem justamente conseguido conciliar justamente o que o mercado pede hoje pra o profissional e já conseguir está trabalhando com os alunos dentro de sala então a o termino do curso os alunos já sem realmente preparados para tarem inseridos no mercado.

Questão11. Sobre as expectativas dos professores em relação aos estudantes do curso como você observa ?

R: Bom diante do novo modelo hoje os professores eles tem uma nova visão, eles fazem com que os alunos sejam realmente protagonistas do ensino da aprendizagem, então hoje os professores eles tem uma expectativa muito maior por que eles já começam a identificar desde a primeira unidade curricular que os alunos trazem em relação ao conhecimento do curso então eles já começam a construir o projeto integrador desde a primeira unidade curricular até o termino então isso faz com que os professores estejam muito mais também motivados e empenhados durante o curso com esses alunos.

Questão 11. Como você ver os estudantes que concluío os seus cursos ?

R: Os alunos que são realmente concluintes eles nas suas maiorias já estão sendo inseridos no mercado de trabalho pelo nível que eles trazem de conhecimento poder esta confrontando sempre a todo o momento a teoria e a pratica e eles tem um motivacional muito grande por que eles saem realmente muito embasados do que eles estão aprendendo e como eles podem estar sendo colocados no mercado.

Questão 12. Qual sua percepção dos estudantes que se evadem ?

R: Bom infelizmente os alunos que evadem naquele momento é por que ou eles estão desmotivados por uma vida realmente complicada particularmente que a gente tem a questão do cenário econômico hoje muito difícil ou por um mercado de trabalho quando fazem à inserção desses alunos, eles convocam esses alunos pra trabalharem e muitas vezes por eles estarem realmente precisando eles acabam deixando os cursos por que eles precisam ajudar dentro de casa então isso é um fator muito grande que a gente esta vendo e muitas vezes a gente ver aquele aluno tendo que escolher entre trabalho ou entre o curso e na maioria das vezes eles escolhem realmente o trabalho por uma questão salarial mais eles gostariam muito de concluir o curso.